

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**"CARA, TEM UM LIXO DO TEU LADO!":**

Sentimentos e juízos da juventude do Grande Rio sobre o meio ambiente, em comunidades em rede no Facebook

**Nathália Ronfini de Almeida Lima**

RIO DE JANEIRO

2018

Nathália Ronfini de Almeida Lima

"CARA, TEM UM LIXO DO TEU LADO!": Sentimentos e juízos da juventude do Grande Rio sobre meio ambiente, em comunidades em rede no Facebook

1 volume

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

Orientador: Milton Nunes Campos

Rio de Janeiro

2018

## CIP - Catalogação na Publicação

RR722" Ronfini, Nathália  
"CARA, TEM UM LIXO DO TEU LADO!": Sentimentos e juízos da juventude do Grande Rio sobre o meio ambiente, em comunidades em rede no Facebook / Nathália Ronfini. -- Rio de Janeiro, 2018.  
121 f.

Orientador: Milton Nunes Campos.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2018.

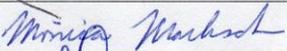
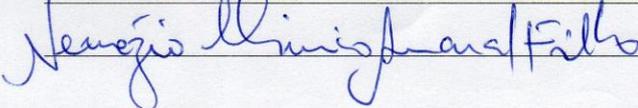
1. juventude. 2. meio ambiente. 3. rede sociais. 4. Facebook. 5. comunidades. I. Nunes Campos, Milton, orient. II. Título.

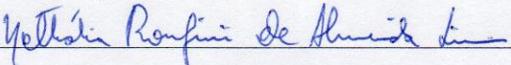


**Ata da Reunião da Banca de Examinadora da aluna Nathalia Ronfini de Almeida Lima, do curso em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.** Aos vinte e três dias do mês de março de dois mil e dezoito, às dezoito horas, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reuniram-se os membros da Banca Examinadora de defesa, para examinar a dissertação de Mestrado da aluna **Nathalia Ronfini de Almeida Lima**, registro n.º. **116069314**. Fizeram parte da Banca os professores doutores **Milton Nunes Campos**, (orientador), CPF n.º 006.433.488-08, **Mônica Machado Cardoso**, CPF n.º 933.770.707-10 e **Nemézio Clínicio Amaral Filho**, CPF n.º. 402.226.322-91. O Professor Milton Campos, na qualidade de Presidente da Banca, abriu os trabalhos concedendo à aluna tempo para exposição oral de sua dissertação intitulada **“Cara, tem um lixo do teu lado: sentimentos e juízos da juventude do Grande Rio sobre o meio ambiente, em comunidades em rede no Grande Rio”**. Analisando o trabalho apresentado, a aluna foi considerada aprovada e declarada apta a receber o título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Eu, Ricardo Antonio Xavier de Barros Fernandes lavrei e assinei a presente ata, sendo seguida da assinatura dos membros da banca e da aluna. Rio de Janeiro, vinte e três de março de dois mil e dezoito.

Secretário: 

Banca: 

Aluna: 

Obs.: A banca reconhece o talento da aluna para a pesquisa, solicitando que as recomendações sejam incorporadas no texto final.



À Juliana Ronfini, minha jovem afilhada,  
minha motivação para sempre acreditar.

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, preciso assumir que certamente esqueci de algumas pessoas importantes, por mais que me esforce nesse momento para me lembrar de todos. Para chegar ao final de uma dissertação, precisei de colaboração de tantos amigos, familiares e mestres, que seria impossível lembrar de todos. Não é ingratidão; memória nunca foi meu ponto forte mesmo e, nas últimas semanas, estive especialmente exausta por conta do turbilhão que é terminar uma dissertação.

Para “começar pelo começo” tenho que expressar minha imensa gratidão e amor pelos meus pais Rosângela Ronfini de João Lima Filho, não apenas por terem me provido as condições materiais de existência (e isso inclui todo o carinho do mundo), mas por terem me educado ensinando que o conhecimento é o maior legado que poderiam me deixar. Aliás, ser filha de mãe e pai com graduação completa num país que ainda engatinha na educação já me faz uma grande privilegiada.

Além dos meus pais, tenho uma avó incrível e sábia, a vó Maria Penha Dias Lima, que também me ajudou a ter certeza de que largar o trabalho para fazer o mestrado não foi loucura, e sim um investimento num grande sonho, embora ela jamais tenha entendido exatamente o que eu tanto estudava. O mais curioso é que vovó não teve oportunidade de ir muito além do primário, mas tem orgulho de, com o suor de seu trabalho, ter ajudado todos os filhos e quase todos os seus netos a concluírem o ensino superior.

Ao meu irmão, Felipe Ronfini, preciso agradecer por ter me apoiado na decisão de fazer mestrado, mesmo que ele tenha acreditando que não foi a escolha mais acertada. Amor se prova assim: estando ao lado, mesmo sem concordar. Já à irmã Viviane Ronfini, sou grata pelos áudios de incentivo e por ela prometer que não falaria comigo até que terminasse um capítulo.

É clichê, mas ao menos uma vez preciso usar a frase mais piegas num agradecimento: nada disso seria possível sem meu companheiro de vida há 14 anos. Luã Angelo, meu amor, obrigada por ter resistido bravamente a um TCC e uma dissertação, sempre me encorajando e apoiando.

Um agradecimento mais do que especial, que dificilmente conseguirei traduzir em palavras, é o que devo ao meu muito estimado orientador, o professor Milton Nunes Campos. Pensando no nosso primeiro contato para poder escrever este texto, lembrei que, durante a entrevista de seleção, passei a odiá-lo mortalmente por nunca ter deixado de ser um excelente jornalista, desses que perguntam a sangue frio tudo aquilo que o entrevistado não gostaria de ter de responder. Felizmente, essa primeira má impressão passou logo e, ao longo desses dois anos, passei admirá-lo profundamente. Obrigada, professor, por sua honestidade com doçura,

comportamento sempre muito ético, competência extrema sem estrelismo, paciência quase infinita, generosidade e suas horas e mais horas de dedicação, não só comigo, mas como todos os seus orientandos. E já que também sou sistemática, gostaria de enumerar cinco entre tantas e tantas lições que me ensinou e que vou levar para a vida, não só a acadêmica:

1. Que tudo precisa ser minuciosamente organizado para um trabalho de qualidade. Que cada vírgula do um texto precisa ter um propósito muito bem pensado;

2. Que o texto acadêmico, assim como texto jornalístico, precisa ser bastante claro e, na medida do possível, agradável de ser ler. Ou seja, nada de mil orações numa única frase;

3. Que os erros são parte integrante do meu processo de aprendizado, e que, de certa forma, eles também me conduzirão aos acertos;

4. Que precisamos nos dedicar muito e dar nosso melhor para atingir a excelência, mas que, mesmo assim, a gente faz o que pode (dentro de nossas condições materiais de existência, além das capacidades emocionais e cognitivas de que dispomos), mas isso não necessariamente corresponde ao que inicialmente queríamos;

5. Que, para ser uma boa professora, preciso estudar bastante para ter propriedade sobre aquilo ensino. Mas, antes mesmo disso, é preciso ser tão justa quanto possível e sempre ver o lado dos alunos.

Além do ao meu orientador, no programa Eicos, gostaria de agradecer a todo o corpo docente e os funcionários que cuidam da secretaria, Ricardo Fernandes e Maycow Fernandes, por terem feito todo o possível para que conseguíssemos cumprir com todas as burocracias e trâmites legais na admissão, relatórios da Capes, qualificação e defesa. Entre os colegas, destaco os queridos amigos do grupo Inter@ctiva, Almir Fernandes, Fabiane Proba e Leonardo Viana. Dividir orientador, pesquisa, angústias, sonhos e momentos bons fez essa jornada necessária ser muito feliz. Ainda dentro do programa de pós-graduação, quero agradecer às minhas irmãs do signo de touro Nathália Villela e Giselle Torres por terem me estabelecido vínculos de confiança, amor e trocas que pretendo manter para toda a vida. Não poderia esquecer também das queridas Graciella Franco, Barbara Alves, Helena Varela, Julia Lauria e Samira Younes por termos criado uma bela rede de apoio e carinho.

Amigo de carne e osso, mas que diariamente se tornam material em minha vida por meio dos sites de redes sociais, Rafael Mendes, obrigada por me ajudar nessa missão constante e um pouco inglória que é tentar manter a sanidade mental em meio a tanto trabalho e estudo. Logo você também terminará a sua pós e, aí, vai ver, vamos podermos fugir juntos dessa loucura, por pelo menos um dia, para podermos tomar aquele sorvete.

Aos professores Monica Machado e Nemézio Amaral Filho, gostaria de sinceramente agradecer pelas considerações valiosas que fizeram na minha banca de qualificação e por terem aceitado voltar a exercer esse papel na defesa de minha dissertação. Ao professor Nemézio, aliás, preciso acrescentar também que sou muito grata por estar acompanhando minha trajetória acadêmica desde os tempos de bolsista de iniciação científica, sempre fazendo contribuições e tecendo críticas bastante pertinentes.

Logo no início de minha graduação na Escola de Comunicação da UFRJ, também tive outros dois professores muito especiais que apostaram na minha carreira acadêmica. Raquel Paiva e Muniz Sodré, agradeço por terem me acolhido como bolsista do LECC por quatro anos, sempre com muito carinho, generosidade e ensinamentos valiosos.

Já contei aqui que o mestrado foi, antes de tudo, a realização de um sonho muito antigo, mas é preciso lembrar que, para ter sucesso no processo seletivo, foi necessário relembrar minha conexão com a vida acadêmica após alguns anos de formada. Esse processo de quase um ano, felizmente, não foi solitário. Fizeram parte dele pessoas muito especiais, como a professora Patrícia Saldanha e os amigos Elaine Jayme, José Eduardo Saraiva, Nath Carreiro, Leonardo Brito, Roni Filgueiras e Daniele Aragão.

E por falar em sonhos, a realização desse daqui só foi possível porque tive a confiança dos jovens que entrevistei. Por uma questão de compromisso ético, não posso mencionar seus nomes reais. Mesmo assim, quero agradecer a todos vocês por terem aceitado empenhar uma parte de seus tempos nessa pesquisa. Em alguns casos, aliás, mais de uma vez. Desejo que o futuro lhes reserve a realização de todos os seus planos.

Fica aqui, também, o meu muito obrigada ao Ravel, meu cúmplice de noites em claro escrevendo. Nossas brincadeiras me ajudaram a manter a ternura, mesmo nos momentos de muita tensão e nervosismo.

Finalizo agradecendo aos membros do grupo no Facebook “Bolsistas da Capes”. Vocês me fizeram rir e chorar, trouxeram informações úteis e muitas tretas e, claro, vibraram comigo no quinto dia útil do mês, quando entrava cada bolsa. Claro que em muito pouco tempo essa alegria dava lugar ao desespero coletivo, já que o pagamento sempre acabava bem antes do mês. Obrigada também por cada #ForaTemer que demos e por me fazerem lembrar que, juntos, virando dias e noites em laboratórios ou indo a campo em diversas partes do Brasil, estamos contribuindo para o desenvolvimento do nosso país. Mesmo que as coisas estejam muito turvas neste momento, acredito que sempre existem possibilidades de construção de novos caminhos e formas de resistência. O conhecimento, sem dúvidas, é a principal delas.

## RESUMO

Na pesquisa desenvolvida, investigamos o que jovens economicamente menos favorecidos Grande Rio, Brasil, pensam a respeito do meio ambiente, por meio de comunidades em rede como o Facebook. Estudamos jovens entre os 18 e 24 anos, buscando entender, por meio de seus discursos e *posts*, os sentimentos, percepções e juízos sobre as questões ambientais. Além da importância social que julgamos ter a pesquisa, decidimos fazer essa investigação para ajudarmos a diminuir a carência de bibliografia científica que identificamos a respeito da interseção entre juventude, meio ambiente e redes sociais. Por conta disso, acreditamos estar contribuindo para o preenchimento de uma lacuna de um ponto sub-pesquisado. Na pesquisa, adotamos um quadro teórico integrativo, buscando fundir aspectos da teoria comunicativa da Ecologia dos Sentidos e oito aspectos essenciais a respeito da sustentabilidade. Esse quadro, que orientou nossa análise de interpretação dos dados, foi aplicado em um contexto de estudo de caso híbrido (qualitativo e quantitativo), no qual coletamos informações por meio de um questionário, de entrevistas semidirigidas e da Linha do Tempo do Facebook. Para a análise interpretativa, desenvolvemos um procedimento baseado em um modelo metodológico integrativo das teorias mencionadas, no qual aplicamos, para o estudo dos discursos produzidos pelos jovens durante a entrevista, a Lógica Natural. Entre os principais resultados, destacamos que embora os jovens até manifestem interesse nas questões ambientais, não postam com frequência sobre o tema, com exceção dos ativistas dessa causa. De uma maneira geral, os poucos *posts* que fazem sobre o meio ambiente, além de não disponibilizarem conteúdos criados por eles, contam com baixa adesão de seus amigos no Facebook. Em função desses resultados, identificamos a necessidade sugerirmos pistas de estudos futuros com foco na juventude e o que expressa por meio das redes sociais sobre o meio ambiente.

Palavras-chave: juventude, meio ambiente, rede sociais, Facebook, comunidades.

## **Abstract**

In the reported research, we seek to understand what economically disadvantaged youths living in the Greater Rio metropolitan area, in Brazil, think about the environment by means of what they post in networked communities as Facebook. We tried to understand what the research subjects –young people aged 18 to 24– communicate on environmental issues through their feelings, perceptions and judgments. In addition to the social importance that we believe the research has, we wanted to contribute to lessen a lack of scientific literature on the relationships between youth, the environment and social networks. We understand that we helped filling a gap in this sub-researched area. We adopted an integrative theoretical framework in the research, seeking to merge aspects of the Ecology of Meanings communication theory and eight essential aspects regarding sustainability. This framework, which guided our analysis and data interpretation, was applied in a hybrid case study (qualitative and quantitative), in which we collected information from a questionnaire, semi-directed interviews and the Facebook timeline. For the interpretative analysis, we developed a procedure based on an integrative methodological model inspired on the above mentioned theories, applying natural logic to discourse produced by the youths during the interviews. Among the main results, we highlight that although young people do express an interest they do not frequently address environment and sustainability issues, with the exception of activists. Overall, the few posts they publish about the environment, in addition to not delivering content created by them, have low adherence from their friends on Facebook. Based on these results, we identified the need of and suggest future study pathways with a focus on the youths, and what they express about the environment through social networks.

**Keywords:** youth, environmental, social networks, Facebook, communities.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	15
2.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	16
2.2 CONCEITOS SOBRE JUVENTUDE.....	18
2.3 PANORAMA GERAL SOBRE OS ESTUDOS A RESPEITO DA JUVENTUDE: PROBLEMAS E POTENCIALIDADES .....	20
2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PARTICIPAÇÃO JOVEM .....	22
2.5 O QUE OS BRASILEIROS PENSAM SOBRE MEIO AMBIENTE .....	25
2.6 JUVENTUDE E COMUNIDADES <i>EM REDE</i> NOS SITES DE REDES SOCIAIS.....	27
2.7 QUESTÃO DA PESQUISA E OBJETIVOS .....	31
3 QUADRO TEÓRICO.....	34
3.1 SUSTENTABILIDADE.....	34
3.1.1 Zeristas X Desenvolvimentistas ambientais e o caminho do meio pelo Ecodesenvolvimento.....	34
3.1.2 Definições e conceitos de desenvolvimento.....	36
3.2 A ECOLOGIA DOS SENTIDOS E AS COMUNIDADES <i>EM REDE</i> NOS SITES DE REDES SOCIAIS .....	40
4 METODOLOGIA.....	48
4.1 MÉTODO: UM ESTUDO DE CASO DAS COMUNIDADES JOVENS NO FACEBOOK.....	48
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS DE AMOSTRAGEM .....	49
4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	52
4.3.1 Entrevistas semiestruturadas em rede (qualitativo).....	53
4.3.2 Linha do Tempo no Facebook (quantitativo e qualitativo) .....	54
4.4 ESTRATÉGIA DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	55
4.4.1 Quadro de análise e interpretação dos discursos .....	55
4.4.2 Quadro de análise e interpretação da Linha do Tempo (quantitativo e qualitativo).....	59
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	61
5.1 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES INDIVIDUAIS.....	61
5.1.1 Análise e interpretação dos dados de Lucas .....	61
5.1.2 Análise dos dados de Ana.....	64
5.1.3 Análise dos dados de Gabriel .....	66
5.1.4 Análise dos dados de Felipe .....	69
5.1.5 Análise dos dados de Jéssica .....	72

5.1.6 Análise dos dados de Rafael.....	74
5.1.7 Análise dos dados de João.....	76
5.1.8 Análise dos dados de Juliana.....	78
5.1.9 Análise dos dados de Camila.....	81
5.1.10 Análise dos dados de Maria.....	84
5.1.11 Análise dos dados de Larissa.....	86
5.1.12 Análise dos dados de Bruna.....	88
5.1.13 Análise dos dados de Bruno.....	92
5.1.14 Análise dos dados de Amanda.....	97
5.2 RESULTADOS GLOBAIS DA PESQUISA.....	101
5.2.1 Agendamento da mídia.....	102
5.2.2 Vegetarianismo e veganismo.....	103
5.2.3 O papel da educação formal na conscientização ambiental.....	103
5.2.4 Proximidade das áreas verdes e conexão com o meio ambiente.....	104
5.2.5 Engajamento e otimismo X pessimismo nas questões ambientais.....	104
6 DISCUSSÃO.....	106
7 CONCLUSÃO.....	110
LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	I
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DOS TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS.....	III
ANEXO I – PARECER EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.....	XXVII

# 1 INTRODUÇÃO

Nos capítulos a seguir, iremos desenvolver uma pesquisa que, em sua temática, busca fazer uma interseção entre juventude, comunidades, redes sociais e meio ambiente, dentro do Grande Rio. Como objeto, teremos as ideias presentes nos discursos das comunidades em rede de jovens economicamente menos favorecidos moradores do Grande Rio, na faixa entre os 18 e 24 anos, sobre o meio ambiente, por meio do que expressam no Facebook. Relativamente às ideias desenvolvidas nos discursos pelas redes (compreendidas como argumentos em defesa de uma posição), julgamos pertinente focalizar nossa atenção sobre as percepções a respeito dos sentimentos que levam os jovens a expor seus juízos.

No capítulo 2, apresentaremos os pilares centrais temáticos desta pesquisa, começando primeiro por uma contextualização da pesquisa, ou seja, os motivos pelos quais consideramos digno de uma investigação mais profunda. Abordaremos também as definições e conceitos a respeito da juventude, jogando luz sobre a problemática “juventude como construção social versus a juventude como faixa etária biologicamente determinada”. Trataremos também das oposições das visões “juventude como fonte de problemas” versus “juventude e suas potencialidades”. Investigaremos, ainda, questões relativas à educação ambiental e participação jovem; faremos considerações a respeito da pesquisa “O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente e do consumo sustentável” e analisaremos certas comunidades *em rede* de jovens presentes nos sites de redes sociais. Discutiremos, nesse tópico, os conceitos de autores que defendem a legitimidade das comunidades virtuais como o de Wellman e Rheingold. Esse capítulo será fechado com a explicação de que tipo de lacuna encontramos nos estudos a respeito do tema e como buscaremos preenchê-la, culminando, assim, na nossa questão de pesquisa e objetivos.

No capítulo 3, montaremos nosso quadro teórico que será utilizado para a análise desta pesquisa. Esse quadro que nos guiou é um modelo integrativo entre a Ecologia dos Sentidos, proposta por Campos, e os oito critérios de sustentabilidade de acordo com Sachs: Social, Cultural, Ecológico, Ambiental, Territorial, Econômico, Político (Nacional), Político (Internacional). A esse respeito, colocaremos em cena a disputa simbólica entre zeristas e desenvolvimentistas, justificando assim por quais motivos decidimos seguir pelo “caminho do meio”. Faremos também um panorama sobre diferentes definições e modelos de desenvolvimento sustentável.

No capítulo 4, explicaremos detalhadamente a metodologia, que tem como base a utilização do estudo de caso como método de pesquisa. A esse respeito, delimitaremos também nossos sujeitos e estratégia de amostragem utilizada para os recrutarmos e definiremos a técnica de coleta de dados – as entrevistas semiestruturadas em rede, a análise da Linha do Tempo no Facebook e eventuais interações. Por fim, esmiuçaremos a estratégia de análise dos dados de acordo com o modelo integrativo entre Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS e GRABOVSKI, 2011) e a visão de Sachs (2002) a respeito dos oito pilares da sustentabilidade.

No capítulo 5, iremos apresentar os dados coletados nas entrevistas e nas análises de Linha do Tempo<sup>1</sup> dos 14 entrevistados. Para cada um deles, faremos uma análise detalhada do discurso por meio da Lógica Natural e também considerando os critérios de sustentabilidade que irão preencher, os sentimentos afetivos, juízos e contexto ambiental localizados na fala. Nos *posts*, buscaremos definir os critérios de sustentabilidade e tema central, bem como os percentuais de envolvimento dos amigos no Facebook. Fechando o capítulo, abordaremos as congruências, tentando assim uma avaliação global dos pensamentos, sentimentos e percepções e juízos dos jovens entrevistados sobre o meio ambiente, no Facebook.

Já no capítulo 6, faremos a discussão dos resultados, destacaremos as contribuições científicas desta pesquisa, bem como traçaremos um paralelo com outros estudos – o único que localizamos – que tem tema parecido com o nosso.

Por fim, fecharemos nossas considerações com o capítulo 7, nossa conclusão, na qual além de voltarmos a abordar os principais resultados, indicaremos possibilidades que encontramos ao longo de nossa pesquisa e que esperamos poder explorar num desdobramento futuro.

## **2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DE PESQUISA**

Neste capítulo, iremos fazer uma problematização sobre os pilares centrais temáticos desta pesquisa: juventude, meio ambiente e comunidades virtuais, sempre buscando entrelaçamento entre eles.

---

<sup>1</sup> Analisaremos de todos os entrevistados, mas só apresentaremos os dados daqueles que realmente tenham *posts* sobre questões ambientais.

Começaremos nosso trabalho contextualizando a pesquisa, ou seja, arrolando os motivos que nos levaram a considerar o tema relevante, digno de uma investigação mais aprofundada. Logo após, apresentaremos o panorama das definições e conceitos a respeito da juventude, trazendo à tona a problemática “juventude como construção social versus faixa etária biologicamente determinada”. Em seguida, abordaremos visões opostas a respeito de juventude como fonte de problemas em contraponto às que exploram suas potencialidades; tratando de questões relativas à educação ambiental e participação jovem; faremos considerações a respeito da pesquisa “O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente e do consumo sustentável” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012), buscando questões que tratam especificamente da juventude, mas não nos prendendo a elas exclusivamente; e analisaremos ainda certas comunidades *em rede* de jovens presentes nos sites de redes sociais e também aspectos das comunidades virtuais. Por fim, uma vez explorado o levantamento bibliográfico a respeito do tema e das diferentes abordagens a seu respeito acima explicitadas, explicaremos que tipo de lacuna encontramos nos estudos a respeito do tema, ou seja, uma área de pesquisa que ainda precisa ser estudada, pois não coberta pela literatura científica. Buscaremos preenchê-la, apresentando nossa questão de pesquisa, assim como os objetivos, e delineando o desenho da presente pesquisa.

## 2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

As questões ambientais podem parecer muito distantes da vida cotidiana da maior parte da juventude de classes economicamente menos favorecidas do Grande Rio, que sofre com mazelas aparentemente mais imediatas, como a violência, a baixa mobilidade urbana (PERO; MIHESSEN, 2013)<sup>2</sup> e a saúde pública em crise (PUFF, 2016)<sup>3</sup>. Entretanto, as “águas de março”, que fecham o verão e que, quase anualmente, inundam a região, trazendo rastro de

---

<sup>2</sup> Os autores, baseados em diversas pesquisas a respeito do tempo médio de deslocamento casa-trabalho-casa e custos do transporte público no Rio de Janeiro concluem que “o cidadão fluminense não somente perde mais horas no transporte como também gasta parcela maior do orçamento familiar com ele. São tempo e dinheiro que poderiam estar sendo gastos de outra maneira que não no trânsito” (PERO; MIHESSEN, 2013, p. 32).

<sup>3</sup> Em matéria jornalística divulgada pela BBC Brasil, Puff (2016) explica que as três principais causas da atual crise na saúde no Rio de Janeiro são a crise nacional, somada com maior gasto nas contas públicas do que arrecadação; a dependência do petróleo num período de queda de preços e as falhas na gestão das finanças públicas. Todos esses fatores geraram queda nos repasses para a saúde.

morte e destruição<sup>4</sup>, têm relação com um dos maiores problemas ambientais do século XXI: as mudanças climáticas, segundo defende a comunidade científica baseada nas projeções do Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas - IPCC (2012).

A juventude, por conta de seu caráter historicamente contestador (VIANA, 2010), vem assumindo o protagonismo de manifestações políticas como as que ocorreram em todo o Brasil, em 2013. Naquele ano, elas começaram em protesto ao aumento de 20 centavos nas passagens e logo passaram a trazer diversas outras reivindicações, que foram amplamente fomentadas e reverberadas por meio dos sites de redes sociais, como ressalta Peruzzo (2013). Chauí (2013), em entrevista concedida Marco Damiani para o portal Brasil 247, também reforça o protagonismo dos jovens nas marchas de 2013 e o poder de articulação por meio das redes sociais digitais. Entretanto, a filósofa defende que, com a Internet, essa mesma mobilização que ocorreu em resposta ao aumento das passagens, poderia ter ocorrido por conta de uma partida de futebol ou um show de música. Se, por um lado, a autora reconhece os avanços na conscientização política dos jovens, por outro, mostra cautela preferindo afirmar que as manifestações ainda não chegaram a ser movimento social ou político:

As marchas são, sem dúvida, um processo bom e efetivo de politização. Não faz mal que essa politização comece assim dessa maneira, com muitas bandeiras diferentes debaixo de uma questão maior, que é essa do aumento nas passagens de ônibus. Teria de começar de algum jeito, e está sendo desse jeito deles. Mas é muito positivo. Os jovens estão dando um passo adiante em sua própria politização, discutindo questões do País, mas isso não significa que eles já tenham criado, com essas marchas, um movimento social ou político. Seria prematuro dizer isso. (CHAUÍ, 2013, [s.p.]

Tendo em vista essas considerações, avaliamos ser pertinente averiguar o que as comunidades de jovens economicamente menos favorecidas do Grande Rio andam discutindo nas redes, focalizando em saber se julgam o meio ambiente e a sustentabilidade temas relevantes, questões que nos mobilizam e que são o tema desse trabalho. Será que se sentem parte de uma comunidade maior e capazes de promover mudanças? Ou acreditam que esses são temas desinteressantes e irrelevantes? Entendem que essas questões fazem parte do cotidiano e afetam a todos (mesmo que de maneira desigual)? As argumentações desses jovens apontam para o entusiasmo, ou para o desinteresse e a apatia? Atores importantes para o combate de

---

<sup>4</sup> Em janeiro de 2011, o Estado do Rio de Janeiro sofreu a maior tragédia climática da história do país, até o momento. Ao todo, foram 20 municípios e 90 mil pessoas afetados pelas enchentes e deslizamentos, contabilizando 961 vítimas fatais, além de 30 mil desabrigados e desalojados. A região mais afetada foi Nova Friburgo, com 389 mortes. Logo em seguida, veio Teresópolis, com 324 óbitos (CASTILHO; OLIVEIRA; FABRIANI, 2012).

problemas - como enchentes, desmoronamentos, falta de mais espaço para lixo descartado indiscriminadamente e poluição de rios e mananciais - estariam fora dessa arena de discussão? Essas e outras perguntas nos levaram a realizar um levantamento bibliográfico a respeito desses problemas, a fim de buscar identificar uma questão de pesquisa ainda não explorada que pudesse contribuir com o aprofundamento de conhecimentos sobre o comportamento comunitário dos jovens em rede relativamente à problemática do meio ambiente.

## 2.2 CONCEITOS SOBRE JUVENTUDE

Antes de começar nossa discussão a respeito da revisão bibliográfica temática sobre a juventude e seus desdobramentos com relação ao meio ambiente e as comunidades *em rede* nos sites de redes sociais, é preciso deixar claro que os autores e autoras estudados nem sempre adotaram os mesmos critérios para delimitar a faixa etária que consideram corresponder à juventude<sup>5</sup>. Muitos deles, aliás, não ligam juventude à idade de uma maneira tão restrita, como veremos a seguir.

A respeito dessa indefinição, Zanella e colaboradoras (2013) destacam, em seu trabalho de revisão temática de textos acadêmicos a respeito da juventude e políticas públicas nacionais disponíveis na base Scielo, que certas pesquisadoras e pesquisadores a entendem como sinônimo exclusivo de adolescência, enquanto que outros não se restringem a esse período. Silva e Silva (2011, p. 664) destacam que a juventude é comumente caracterizada como “fase de transição entre a adolescência e a vida adulta”.

Matos (2012), por sua vez, é mais específico ao destacar que a maior parte dos organismos internacionais, inclusive a Unesco, entendem a juventude como o período compreendido entre os 15 e 24 anos de idade, embora essa fase possa ser estendida até os 29 anos em países com alto grau de desigualdades sociais, como o Brasil. O mesmo fenômeno de alongamento da juventude até os 29 anos também se dava em alguns países da Europa por conta da moratória social imposta pela dificuldade de colocação profissional após a conclusão dos estudos (BAUBY; GERBER, 1996; CHAMBOREDON, 1985; MÜXEL, 1994 *apud* NEVES DOS SANTOS, 2014). O outro lado dessa mesma moeda é o adiantamento da juventude para

---

<sup>5</sup> Em nossa pesquisa, foi adotado o parâmetro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a escolha da faixa etária entre os 18 e 24 anos, conforme será melhor detalhado no capítulo 4, que trata da metodologia da presente dissertação. O fato de os autores citados não trabalharem com essa mesma faixa, não nos impediu de considerar seus trabalhos.

antes dos 15 anos, experimentado no Brasil por conta da necessidade de prematura inserção no mercado de trabalho e tomada de independência dos economicamente menos favorecidos (BAUBY; GERBER, 1996; CHAMBOREDON, 1985; MÜXEL, 1994 *apud* SPOSITO, 1997).

Margulis e Urresti (2008), por outro lado, pontuam que a possibilidade de moratória social que caracteriza a juventude é muito maior para pertencentes das classes médias e altas. Nesse sentido, os autores explicam que os mais abastados geralmente têm chance de ter mais tempo para se dedicarem exclusivamente aos estudos, recebem menos demandas da vida e acabam casando mais tarde, o que adia também a obrigação de criação dos filhos. A esse respeito, existe uma estetização por meio da midiaticização dos modos de vida da juventude mais abastada que, dessa forma, passam a ser almejados e copiados. Nessa medida, a juventude se torna um produto avidamente desejado e prontamente vendido no mercado (MARGULIS; URRESTI, 2008).

Fato relevante no entendimento de Margulis e Urresti (2008) é que o relógio biológico feminino (principalmente com relação à janela de fertilidade) encurta a possibilidade de moratória social da mulher, mais ainda se ele pertencer aos estratos sociais mais baixos, onde a maternidade ainda é uma das poucas fontes de realização. Margulis e Urresti (2008), adotando uma perspectiva mais abrangente sobre o que vem a ser juventude, quebram as dicotomias entre os autores e autoras que fixam juventude apenas em uma faixa etária e aqueles que entendem apenas as questões socioculturais como determinantes desse aspecto. Desse modo, defendem que “a cronologia sem cultura é cega – matéria-prima, estatística – a cultura sem cronologia é vazia, simbolismo autônomo, culturalismo” (MARGULIS; URRESTI, 2008, p. 22)<sup>6</sup>. O texto, sugestivamente intitulado “A juventude é mais que uma palavra”<sup>7</sup>, seria, a nosso ver, uma provocação<sup>8</sup> às afirmações de Bourdieu em sua entrevista “A juventude é apenas uma palavra”<sup>9</sup>. Embora Margulis e Urresti (2008) concordem com Bourdieu (1983) na medida em que assumem que a juventude seja uma construção social que vai além da questão etária, acrescentam que as questões biológicas também fazem parte desse fase, trazendo assim um novo prisma para a discussão.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa para “cronología sin cultura es ciega – bruta materialidad, estadística –, cultura sin cronología es vacía, simbolismo autóctono, culturalismo”.

<sup>7</sup> Tradução nossa para o título “La juventud es más que una palabra”.

<sup>8</sup> Naturalmente, uma provocação intelectual, caracterizada pelo questionamento de um determinado ponto de vista.

<sup>9</sup> Originalmente, essa entrevista de Bourdieu, concedida em 1978 a Anne-Marie Métaillé, foi publicada em *Les jeunes et le premier emploi* (Paris, *Association des âges*). Posteriormente, o autor a transformou num capítulo de seu livro “Questão de Sociologia”, publicado em 1983 no Brasil.

Ponto que tanto Bourdieu (1983) como Margulis e Urresti (2008) concordam é que não é possível tratar a juventude com um grupo uniforme, considerando que a experiência e o tempo relativos à ela, vivido por pobres e ricos, é distinta. Desse modo, juventude é um conceito polissêmico, já que mesmo no interior de cada sociedade, fatores como a diferença de gerações, condições econômicas e gênero alteram a aceção desse conceito.

Por outro lado, as considerações de Ariés (1986), assim como as do próprio Bourdieu (1983), lembram que a faixa etária relacionada à juventude pode variar muito de uma sociedade para outra ou, em alguns casos, a conexão entre a primeira e a segunda nem existir. Nesse sentido, a construção social da juventude se apresentaria como um artifício para distanciar os novos do poder, que propositalmente ficaria concentrado com os mais velhos. O mecanismo para isso seria deixar que os jovens se envolvessem em paixões e devaneios, de forma que os mais vividos monopolizassem a sabedoria (BOURDIEU, 1983).

Sobre a leitura de Margulis e Urresti (2008), inferimos que, provavelmente, uma característica universal da juventude seria o conceito de moratória vital. De acordo com os autores, trata-se da ideia de que a morte está longe, considerando-se principalmente o “guarda-chuva” de proteção dos pais, avós e demais ascendentes, que irão falecer provavelmente antes. Supomos, dessa forma, que a moratória vital seria o que dá aos jovens uma sensação ilusória de imortalidade.

## 2.3 PANORAMA GERAL SOBRE OS ESTUDOS A RESPEITO DA JUVENTUDE: PROBLEMAS E POTENCIALIDADES

A Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia e a antropologia são algumas das áreas do conhecimento que vêm fazendo contribuições a respeito da juventude por estarem se debruçando sobre o tema com inúmeros estudos (SOUZA, 2004). Esse amplo espectro possibilita diversidade na abordagem. Na revisão bibliográfica que fizemos sobre o tema, observamos uma certa polarização, indicando uma possível divisão das pesquisas em dois grandes grupos: aquelas que estudam os jovens enquanto fonte de problemas (muitas vezes tentando entender os motivos e propondo soluções) e aquelas que analisam o potencial da juventude (de maneira crítica ou nem tanto).

Fernandes (2013), por sua vez, também observa essa polarização sobre os variados olhares a respeito desse tema. No relato de sua experiência como gestora do Programa Territórios da Paz, realizado nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) do Complexo

Andaraí / Grajaú, a autora aborda visões contrárias, presentes dentro da própria comunidade, sobre a juventude da região. Na fase de consulta aos moradores a respeito dos projetos sociais que deveriam ser implantados, Fernandes (2013) observou que alguns tratavam os jovens como "vítimas", que precisavam ser protegidas da sedução que a vida do tráfico exerceria, sem que ao menos se considerasse o poder de escolha desse grupo; já outros, viam que os jovens eram tidos como "culpados" por seu envolvimento com o crime, logo seria uma perda de tempo desenvolver projetos sociais para eles. Em ambas as percepções, destaca Fernandes (2013), os jovens eram tratados como causadores de atitudes reprováveis, na medida em que mesmo os que nunca haviam se envolvido com o tráfico eram, potencialmente, suscetíveis de começar a cometer delitos.

No polo dos que observam os problemas na juventude, destacam-se os que investigam a violência juvenil em comunidades (principalmente nos Estados Unidos) e outras sugestivas de desequilíbrios entre os meios social e ambiente, como Allison e colaboradores (2011). Os autores estudam a prática, baseada em evidências, usada pela comunidade do *VCU Clark-Hill*, Instituto para o Desenvolvimento Positivo Jovem<sup>10</sup>, localizado em Richmond (Virgínia, Estados Unidos) para combater a violência na juventude local. Analisando também uma prática baseada em evidências realizada na comunidade para combater a violência juvenil, Parker, Alcaraz e Payne (2011) fizeram um estudo de caso que evidencia as tentativas frustradas das universidades da região ao tentarem implementar um plano estratégico centrado no conceito de “prontidão para mudança”<sup>11</sup>.

Sposito (1997), por sua vez, reforça que, historicamente, a juventude é estudada como fonte de problemas sociais: nas décadas de 1920 e 1980, relacionando-a aos estudos sobre gangues; na década de 1960, como epicentro de uma crise de valores relacionadas aos movimentos sociais emergentes na época; e, na década de 1970, discutindo as dificuldades de emprego e chegada na vida adulta.

Já do lado dos que estudam as potencialidades da juventude nas comunidades, há exemplos como os de Campos e colaboradores (2016), em uma pesquisa a respeito do uso do teatro como forma de promover reflexão social em jovens moradores de abrigos no Rio de Janeiro. Nesse sentido, os autores discutem como essa ação possibilitou a ressignificação e a reafiliação desses jovens à sociedade, além de ter promovido vínculos entre os participantes e ter gerado um aumento da autoestima.

---

<sup>10</sup> Tradução nossa para *Institute for Positive Youth Development*.

<sup>11</sup> Tradução nossa para *readiness to change*.

Também trazendo uma perspectiva empoderadora a respeito da juventude, Kuhnen, (2010) compara a representação da água de 295 jovens e adultos de os estados de Santa Catarina e São Paulo. Sua conclusão é que os entrevistados mais novos, diferentemente da opinião dos mais velhos, atribuem mais à população a responsabilidade dos problemas ambientais relacionados à água do que às empresas. Sobre isso, a autora conclui que os resultados apontam para uma crescente capacidade de conscientização da juventude a respeito dos problemas ambientais, além de maior disposição em resolvê-los.

Reforçando os resultados obtidos por Kuhnen, (2010), Sorrentino e colaboradores (2005), por meio da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira - 2003, destacam que, embora 85% dos entrevistados não participassem de projetos de educação ambiental, 57% tinham apresentado interesse em participar de grupos em defesa do meio ambiente e 60% de associações ou conselhos ligados à educação. Outro dado importante reforçado por Sorrentino e colaboradores (2005) é que 26% dos jovens brasileiros consideravam o tema "ecologia e meio ambiente" o mais importante a ser debatido pela sociedade, reforçando o conteúdo da carta Jovens Cuidando do Brasil, publicada em 2003, durante a Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. Esse documento tem por objetivo divulgar as principais propostas de solução para problemas ambientais, eleitas pelos 400 delegados representantes de 15.148 escolas participantes, presentes à conferência. A carta, pensada como instrumento para mobilizar a população brasileira, é destinada a empresas, ONGs, governos, comunidades e escolas, entre outros.

## 2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PARTICIPAÇÃO JOVEM

No que tange aos textos sobre educação ambiental ou para a sustentabilidade<sup>12</sup>, merecem especial atenção as pesquisas que investigaram em que medida a primeira fomenta a participação social efetiva e consciente dos jovens, promovendo a cidadania. A esse respeito, Zanella e colaboradoras (2013) ressaltam que temas como políticas públicas para a juventude e empoderamento juvenil vêm se destacando nas pesquisas nacionais por conta da Política Nacional de Juventude, criada em 2006, e do Estatuto da Juventude, lançado em 2011.

---

<sup>12</sup> Como veremos mais detalhadamente no capítulo 2, sobre a fundamentação teórica, geralmente entende-se a questão ambiental como um dos vértices da sustentabilidade, que abarca outras questões, inclusive as de ordem social. A educação para a sustentabilidade seria, nessa perspectiva, mais ampla do que a educação ambiental.

No Brasil, os estudos sobre a juventude parecem ter sido iniciados por Foracchi (1965), que se debruçou a pesquisar os movimentos estudantis da década de 1960. Nas décadas seguintes, o tema parece ter saído da pauta das pesquisas, com algumas poucas textos e leituras, incipientes e carentes de inovação, possivelmente por conta da falta de mobilização jovem. Esse hiato foi interrompido nos anos 1980 e 1990, segundo as reflexões de Abramo (1997). A pesquisadora, que investigou o cenário jovem nesse período, discute criticamente o entendimento de mobilização juvenil apresentado em trabalhos anteriores de outros autores ao propor formas alternativas de compreendê-la. Sobre a juventude brasileira desse tempo, a autora destaca que

mesmo sua participação nas movimentações de rua pelo impeachment de Collor, em 1992, foram largamente desqualificadas por serem “espontaneistas”, “espetaculares”, com mais dimensão de “festa” do que de “efetiva” politização (ABRAMO, 1997, p. 3)

Calado e Camarotti (2013) relatam uma experiência nacional bem-sucedida, relacionada à temática da juventude, realizada no município de Borborema, localizado no brejo paraibano: o Programa Projovem Adolescente, criado pelo governo federal para os adolescentes de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família. A iniciativa de educação ambiental fomentada por políticas públicas, segundo o relato das autoras, gerou uma ação engajada na comunidade de jovens da região. Entre as ações apresentadas pelos envolvidos no projeto, ressaltamos uma campanha de conscientização para que motoristas da região não jogassem lixo pela janela do carro.

Um exemplo proveniente da Austrália, com muitos paralelos possíveis de serem traçados ao caso abordado por Calado e Camarotti (2013), é trazido por Henderson e Tudball (2016). Partindo da teoria da "competência para ação"<sup>13</sup>, os autores explicitam como as iniciativas de Educação para Sustentabilidade (EpS)<sup>14</sup>, orientadas para a ação, têm colaborado para a formação de jovens mais participativos e engajados democraticamente, fortalecendo a cidadania. Nesse sentido, destacam que as atividades de EpS com envolvimento comunitário podem promover motivação e aquisição de novos conhecimentos sobre sustentabilidade. Diferentemente da experiência brasileira relatada (CALADO; CAMAROTTI, 2013), na qual os jovens participantes nem mesmo tinham frequência obrigatória<sup>15</sup>, o caso da Austrália tinha

---

<sup>13</sup> Tradução nossa para *action competence*.

<sup>14</sup> Tradução nossa para *education for sustainability (EFS)*.

<sup>15</sup> Embora houvesse estímulo para participação no programa, seu caráter não era obrigatório. As atividades na escola eram sempre realizadas no turno oposto às aulas.

vinculação com a educação escolar. As autoras defendem, inclusive, o protagonismo da escola nesse processo (HENDERSON; TUDBALL, 2016).

Com os dois casos em mente, podemos considerar que, se por um lado a educação ambiental ou para sustentabilidade realizada dentro das escolas pode enquadrar num espaço formal a experiência dos alunos, tirando a organicidade das descobertas, inclusive pela questão da obrigatoriedade, por outro, a escolarização gera universalização do debate de questões essenciais não só para o futuro da humanidade, mas já para o seu presente.

Matos (2012), por sua vez, reforça o potencial da educação ambiental não formal como importante meio para a mudança do comportamento jovem. Sobre isso, a autora destaca o papel fundamental das Conferências Nacionais Infantojuvenis pelo Meio Ambiente<sup>16</sup> e da Política Nacional de Educação Ambiental, criada em 2003, para mobilizar grupos jovens.

Outra possível vertente da participação jovem (que não deixa de ter relação com a educação ambiental) é o consumo, se considerarmos o ponto de vista de autores como Douglas e Isherwood (2004), que vislumbram no ato de consumir uma série de possibilidades muito além da satisfação de necessidades e desejos, nele entendendo a busca pelo lugar social já ocupado ou mesmo pretendido; ou o de Canclini (1995) que, no contexto de fragmentação identitária de globalização, admite o consumo como forma de exercício da cidadania.

Nesse mesmo sentido, mas falando especificamente sobre a juventude, Machado (2011), aponta que, com esvaziamento das instituições formais de representação democrática, a juventude tem encontrado no consumismo responsável e na politização de suas escolhas uma fonte de construção do *self*. Em sentido oposto, Bauman e Mazzeo (2013) reforçam que o modelo de consumo adotado pela sociedade em que vivemos exacerba desigualdades e gera um “campo minado” de tensões sociais que fazem jovens quererem se unir ao “exército de consumidores”, mesmo que seja de maneira radical, com saques, pilhamentos e ataques a lojas de grandes redes internacionais, símbolos do consumismo atual. E Collins e Hitchings (2012) abordam também a contradição entre as expectativas que são, de certa forma, “colocadas” nos adolescentes do Reino Unido, em relação a como liderarão o futuro rumo a formas de vida mais sustentáveis. Mais: como esses mesmos adolescentes têm, desde já, padrões de consumo que não se encaixam nesse ideal.

---

<sup>16</sup> As Conferências Nacionais Infantojuvenis pelo Meio Ambiente foram eventos realizados de 2003 a 2013, em quatro edições ao todo. Antes da fase nacional, essas conferências tinham etapas nas escolas, municipais e estaduais. Organizadas pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo Ministério da Educação, tiveram por objetivo “Envolver estudantes, professores, juventude e comunidade no enfrentamento do desafio de construirmos juntos uma sociedade brasileira educada e educando ambientalmente para a sustentabilidade” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, [s.d.] [s.p.]).

Abordando a relação entre do consumo e meio ambiente, sem nunca perder de vista o papel central das organizações e governos para atingirmos formas mais verdes de encaminhar a economia, Amaral Filho, Boff e Murad (2013) destacam que cada vez mais consumidores têm interesse em saber a origem do que consomem e mostram papel ativo cobrando uma postura mais sustentável das grandes companhias.

## 2.5 O QUE OS BRASILEIROS PENSAM SOBRE MEIO AMBIENTE

De acordo com a última edição disponível da pesquisa “O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente e do consumo sustentável”, produzida e publicada, em 2012, pelo Ministério do Meio Ambiente (2012)<sup>17</sup>, ao longo das últimas décadas a consciência ambiental do brasileiro tem aumentado significativamente. Em 1992, primeira edição da pesquisa, 46% dos entrevistados não sabiam mencionar um problema ambiental no Brasil, mas em 2012 esse percentual caiu significativamente, ficando em 11%.

Outra demonstração, na mais recente pesquisa, de que os brasileiros se preocupam cada vez mais com o meio ambiente, é que o tenham apontado como o sexto maior problema do país e o sétimo da cidade em que cada entrevistado mora (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012). Em 1992, essa questão nem estava ente as dez mais citadas no Brasil. Além disso, a segunda forma em que a maior parte dos pesquisados buscava informações sobre o meio ambiente, já em 2012, era a Internet (30%), ficando atrás apenas da televisão (83%). Nesse período, 43% dos entrevistados responderam ter acesso à Internet (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012).

Agora, em 2018, é possível que o percentual de pessoas que usam a Internet como principal forma de acesso a informações sobre o meio ambiente tenha subido substancialmente. É plausível fazer essa inferência considerando que, já em 2014, quando foi feita a última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad), o Brasil passou a, segundo declaração de mais da metade dos brasileiros, ter acesso à Internet, enquanto que, em 2013, esse percentual era de 48%. Em 2014, ele chegou a 54,9% (VILLELA, 2016).

---

<sup>17</sup> Essa pesquisa, realizada desde 1992 com o advento da Eco 92, vem sendo repetida sempre com um novo eixo temático: em 1997, a Agenda 21; em 2002, o consumo sustentável; em 2006, as questões da biodiversidade e, em 2012, na conferência Rio+20, que teve como temas centrais “a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável” (RIO+20, [s.d.] [s.p.]) e “erradicação da pobreza e a estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável” (RIO+20, [s.d.] [s.p.]).

Por outro lado, segundo o Ministério do Meio Ambiente (2012), mais da metade da população brasileira (53%) desconhece o conceito de “desenvolvimento sustentável”. Dos 47% restantes que disseram conhecê-lo, apenas 26% o definiram, associando-o a “cuidar do meio ambiente, das pessoas e da economia do país ao mesmo tempo” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012, p. 16). A maior parte, 69%, restringiu o desenvolvimento sustentável à questão ambiental, ligando-a a “garantir que os recursos naturais não sejam destruídos pelos seres humanos” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012).

Como o foco da pesquisa era o consumo, foram abertas, na versão de 2012, questões que estabeleciam relação também com a juventude. Entre os resultados que merecem destaque - e que novamente parecem reforçar a pertinência de nossa pesquisa - estão os que indicam que 35% dos jovens não ficariam sem aparelho celular de forma alguma (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012). Além disso, 24% responderam que a Internet é fundamental em suas vidas enquanto que 23% consideram o computador indispensável. Fato a notar é que a juventude (com idade entre 16 e 24 anos, de acordo com a faixa adotada na pesquisa), em comparação com os outros grupos etários, foi a que contribuiu com o maior índice de respostas positivas às referidas questões (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2012).

É importante ressaltar que, embora os dados da edição 2012 da pesquisa “O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente e o consumo sustentável” sejam os mais atuais disponíveis, é possível que já estejam relativamente defasados. Em pouco mais de quatro anos, por exemplo, os planos de Internet *mobile* pré-paga e os *smartphones* se popularizaram bastante. Segundo a 27ª Pesquisa Anual do Uso de TI (MEIRELLES, 2016), promovida em 2016 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), se em 2010 o número de usuários de *smartphone*, no Brasil, era aproximadamente de 20 mil (o que significa um aparelho para cada dois habitantes), em maio de 2016 esse número saltou para 168 mil (que corresponde a 1,6 dispositivos por habitante). Embora não tenha sido explicitado na pesquisa da FGV se os usuários jovens foram os que mais aderiram a essa nova tecnologia, o próprio pesquisador responsável, professor Fernando Meirelles, indicou, em entrevista à Folha de S. Paulo (2016), que o aumento do número de dispositivos *mobile* tem grande influência sobre os jovens

Quanto mais jovem a pessoa, mais ela está fazendo tudo no *smart*. Eu tenho vários alunos que, mesmo com o computador, por exemplo, eles observam o celular. Então é comportamental. O pessoal mais velho ainda faz questão de outros dispositivos, quanto mais menos questão de usar outros dispositivos. (FOLHA DE S. PAULO, 2016, [s.p.]).

## 2.6 JUVENTUDE E COMUNIDADES *EM REDE* NOS SITES DE REDES SOCIAIS

As comunidades são a temática de pesquisa de diversos estudiosos, como os clássicos Ferdinand Tönnies e Max Weber, e pesquisadores estrangeiros contemporâneos como Gianni Vattimo, Zygmunt Bauman e Richard Sennett. No entanto, é somente a partir dos anos 1940 que começam as reflexões sobre as relações entre agrupamentos humanos e as tecnologias (BUSH, 1945; LICKLIDER, 1960) que já estavam sendo intensivamente debatidas nos Estados Unidos desde os anos 70 a partir de diversos pontos de vista, começando com a educação (CAMPOS; LAFERRIÈRE; HARASIM, 2001; TUROFF *et al.*, 2005), a cultura (LÉVY, 1999; RHEINGOLD, 2000; VAN DIJK, 1997), e até a política (LÉVY, 2002; VAN DIJK, 1997; WELLMAN; LEIGHTON, 1979).

As comunidades em rede foram amplamente estudadas por Wellman (WELLMAN *et al.*, 1996, 2001a, 2001b; WELLMAN; WORTLEY, 1990; GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 2006a, 2006b, 1999, 2001) a partir da sua influente teoria das redes humanas (WELLMAN; LEIGHTON, 1979), a primeira conceitualização sociológica a respeito dos múltiplos laços que se estabelecem entre moradores de um bairro, que vivem em função de inúmeras redes de relações. Entretanto, os estudos a respeito da experiência em comunidade nas redes sociais ainda são limitados no mundo, e mais ainda no Brasil, que têm poucos pesquisadores<sup>18</sup> na área, como Paiva (2003), Recuero (2014) e Peruzzo (2011).

Wellman (1999, 2016), aliás, é um dos autores que vêm atualizando há várias décadas o seu panorama sobre as comunidades, sempre se mantendo dentro da abordagem das redes sociais<sup>19</sup>. Ele defende que o aumento do fluxo das informações e o desenvolvimento da tecnologia (seja com o advento da Internet ou até mesmo os veículos movidos a motor), contribuiu para que as ligações entre as pessoas não precisarem permanecer restritas a questão da proximidade territorial. Desse modo, cada indivíduo passou a poder pertencer à diversas redes, de acordo com seu estilo de vida e interesses. Com o desenvolvimento das comunidades virtuais, que mais recentemente deram origem ao que hoje conhecemos como sites de redes sociais, o pesquisador continua defendendo que os laços comunitários não estão se

---

<sup>18</sup> Falamos no masculino para indicar que esse é uma lacuna geral sobre os comunitários no Brasil, mas é preciso destacar que três das maiores referências nacionais sobre o tema são mulheres.

<sup>19</sup> Nesse caso, não estamos falando especificamente do que popularmente se conhece como rede social sendo sinônimo de sites de rede social, como é o caso do Facebook.

despedaçando, como outros autores temem há séculos. Na verdade, elas apenas vão mudando suas conformações. Sobre isso, Wellman (1999, 2016) reforça que as redes digitais parecem não estar substituindo as relações presenciais. Muitas vezes, inclusive, são capazes não apenas de manter, mas também de estreitar o vínculo entre as pessoas.

Rheingold (2000; 2008), o pioneiro na difusão do conceito de comunidade virtuais<sup>20</sup>, não hesita em afirmar que elas podem ser formadas tanto por meio do contato face-a-face como pelas redes. Para embasar suas afirmações, o autor apresenta uma pesquisa antropológica, baseada em sua experiência empírica e na de seus amigos (conhecidos ou desconhecidos) como usuários da ARPAnet<sup>21</sup>:

Meus amigos e eu somos parte do futuro que Licklider sonhou, e podemos atestar a verdade de sua previsão de que “a vida será mais feliz para o indivíduo *online* porque as pessoas com quem interagimos mais fortemente serão selecionadas mais por comum de interesses e objetivos do que por acidentes de proximidade”. (RHEINGOLD, 2008, p. 3)<sup>22</sup>

Fazendo uma viagem dos primórdios das redes digitais e chegando até os sites de redes sociais (SRS)<sup>23</sup>, estudamos Robards e Bennett (2011), que apontam que esses recursos dos novos tempos parecem não reconfigurar as relações sociais ou sistemas de identidade e pertencimento, mas sim evidenciar os aspectos da vida cotidiana e as práticas sociais já existentes. De acordo com a pesquisa apresentada pelos autores, embora essas novas tecnologias de comunicação possam conectar pessoas de quaisquer partes do mundo, os

---

<sup>20</sup> Embora seja o pioneiro a usar o termo “comunidade virtual” (*virtual community*), o próprio Rheingold (2008) explica que Licklider, um dos criadores da ARPAnet, já havia previsto comunidades ligadas por computador, que já haviam sido, por sua vez, imaginadas por Vannevar Bush durante a Segunda Guerra mundial.

<sup>21</sup> Lançada em setembro 1969, a Arpanet (*Advanced Research Project Agency*) foi a rede de informações criada pelo governo norte americano, no contexto da guerra fria. Seu desenvolvimento tinha por objetivo a troca segura de dados de forma descentralizada para, em caso de ataque soviético, as informações confidenciais veiculadas fossem menos vulneráveis (CASTELLS, 2001). Já na década de 1970, o governo norte-americano liberou a Arpanet para que pudesse ser usada em universidades. Com o aumento do número de conexões, na década de 1980, foi necessário dividir a rede em Milnet, usada apenas para fins militares, e Arpanet, que seria destinada apenas ao uso nas universidades. Com mais liberdade na rede, pesquisadores e alunos puderam acessar os estudos sobre a Arpanet e assim pensar em aperfeiçoamentos para a conexão de dados.

<sup>22</sup> Tradução nossa para: *My friends and I are part of the future that Licklider dreamed about, and we can attest to the truth of his prediction that ‘life will be happier for the online individual because the people with whom one interacts most strongly will be selected more by commonality of interests and goals than by accidents of proximity.*

<sup>23</sup> A expressão sites de redes sociais está sendo usada como sinônimo de redes sociais digitais para que não haja dúvida de que estamos falando de redes sociais que funcionam na Web 2.0, como Facebook, Twitter, Instagram. O autor, nesse caso, não fez a mesma diferenciação.

usuários de redes como Facebook usam esse canal predominantemente para manter contato com pessoas que já conhecem e com quem já mantêm um contato face a face (amigos, familiares, colegas de trabalho) do que para estabelecer novos relacionamentos.

Nesse trabalho feito por Robards e Bennett (2011), com jovens entre 18 e 27 anos de Gold Coast, cidade litorânea do sudeste de Queensland, na costa leste da Austrália, foi apontado que o grupo pesquisado, em suas interações nas redes sociais, apresentou um senso identitário e de pertencimento que se assemelha às classificações pós-subculturais<sup>24</sup> das neotribos, de acordo com a conceituação de Maffesoli (1996). Segundo o autor francês, dentro da pós-modernidade<sup>25</sup> as neotribos seriam grupos fluídos de construção identitária ligados momentaneamente por gostos e estilos em comum, sem que, no entanto, essas ligações representem um vínculo mais profundo ou algum tipo de enraizamento.

Convergindo com o pensamento de Robards e Bennet (2014), Recuero (2014) reforça que os sites de redes sociais proporcionam novas formas de conexão que, para a autora, são importantes espaços de produção de capital social<sup>26</sup>. Sobre isso, explica que quanto mais conexões são estabelecidas, mais capital social é gerado. Sites, como Facebook, produziram capital social de manutenção, ou seja, aquele que contribui para reforço das relações sociais já existentes. Nesse sentido, as conclusões de Recuero (2014) reafirmam as anteriormente apresentadas Ellison, Steinfield e Lampe (2007) que, em pesquisa realizada com jovens estudantes da Universidade Estadual de Michigan<sup>27</sup>, concluíram que o Facebook é fonte de capital social, principalmente por permitir a manutenção de contato com ex-colegas de escola e graduação, o que em muitos casos facilita indicações profissionais, por exemplo. Nessa mesma corrente que defende o Facebook como importante espaço de manutenção de vínculos sociais, Pempek, Yarmoleyeva e Calvert (2009), assim como Ross e colaboradores (2009) indicam que a juventude usa a rede para falar com os amigos que vêm de relacionamento pré-estabelecidos. O próprio Facebook, aliás, foi desenvolvido em 2004 com o objetivo de criar e

---

<sup>24</sup> O conceito das subculturas foi elaborado no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham na década de 1970 e diz respeito aos modos de vida da classe trabalhadora juvenil no pós-guerra. Assim como a Escola de Chicago, Centro de Estudos Culturais Contemporâneos discordavam de que essa juventude formava um bloco homogêneo de uma cultura de massa, enxergando nesses grupos motivações sociais e políticas mais profundas além dos gostos musicais e estilos de vida extraordinário (FREIRE FILHO, 2005). As pós-subculturas seriam uma forma de ver os grupos jovens além da visão Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham.

<sup>25</sup> Longe de ser um consenso entre os autores das ciências sociais, a ‘pós-modernidade é um conceito adotado por autores como Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard, que acreditam que, no esgotamento do projeto moderno, houve a morte das “grandes narrativas” totalizantes que tinham por alicerce a noção de progresso e os ideais iluministas.

<sup>26</sup> A autora usa o termo capital social como sinônimo de valores.

<sup>27</sup> Tradução nossa para *Michigan State University* (MSU).

manter vínculos sociais entre os estudantes universitários (ELLISON; STEINFELD; LAMPE, 2007). E antes mesmo da própria criação do Facebook e do conceito de web. 2.0<sup>28</sup> Wellman e colaboradores (2001a) já destacavam que as interações online complementavam as interações face-a-face.

Xie (2014), por sua vez, também mostra uma relação de aumento da sociabilidade (que vai além da Internet e chega a beneficiar as relações presenciais) com o uso dos sites de redes sociais. Nesse caso, a autora indicou que, quando acessados por meio de dispositivos *mobile* ampliaram-se as formas de mobilização jovem. Para Xie (2014), em sua investigação com adolescentes norte-americanos, esses canais de comunicação ajudam no fortalecimento do exercício da cidadania e até mesmo contribuem para a mobilização de manifestações políticas. Entretanto, o custo do uso dos sites de rede sociais, para Recuero (2014), seria a maior exposição pública e aumento da rastreabilidade. A esse respeito, Xie e Kang (2015), estudam os níveis de auto-divulgação da juventude nos sites de rede social, chegando à conclusão de que os adolescentes do sexo masculino e mais velhos são os divulgam mais informações pessoais.

Além da questão da sociabilidade, bastante discutida por autores de todo o mundo, conforme pudemos observar, os sites de redes sociais podem se mostrar espaços de participação jovem na reivindicação por causas que consideram relevantes. Esse é o caso do coletivo jovem #OcupaAlemão, estudado entre os anos de 2013 e 2014 por Silva e Gonzales (2016). O grupo propõe soluções para os problemas do Rio de Janeiro por meio do Facebook. As discussões ocorrem tanto nos meios digitais com em encontros presenciais. Segundo apresentam as autoras, os resultados da pesquisa sinalizam que a interação digital pode contribuir para formação de cidadãos participativos. Entretanto, é necessário também que sejam guiados para isso nas suas redes sociais *offline*, bem como em outras redes sociais digitais das quais participam.

Outra vertente bastante explorada em relação à temática da juventude e sites de redes sociais é a questão do consumo. Osvaldo e Matta (2015), por exemplo, abordam o estresse causado pelo consumo dentro do Facebook graças às agendas sociais lotadas que a plataforma digital proporciona. A esse respeito, os autores investigam o consumo de tecnologia, de informação e de capitais simbólicos traduzidos pela visibilidade midiática no Facebook. Mais à frente, retomaremos brevemente esse tema.

---

<sup>28</sup> A Web 2.0 é um conceito desenvolvido, em 2004, numa brainstorming ente a O'Reilly e MediaLive International para designar as mudanças que a Internet estava passando graças à aplicações e plataformas que propiciam maior interação entre seus usuários. Os sites de redes sociais como os conhecemos começaram a ser desenvolvidos nesse contexto. (TIM O'REILLY, 2005)

## 2.7 QUESTÃO DA PESQUISA E OBJETIVOS

O tema ligando juventude, meio ambiente e comunidades *em rede* em sites de redes sociais que escolhemos – por questões de interesse pessoal e de curiosidade científica que foram se articulando e se consolidando ao longo de nosso percurso de estudos de mestrado – indicou o que parece ser uma lacuna (termo que discutimos mais à frente). Apesar de termos buscado em várias bases de indexação, estudos nas áreas temáticas acima apresentadas - disponibilizados pela CAPES para pesquisadores, e por organizações públicas e privadas - demo-nos conta de uma ausência significativa de elos entre elas. Só para ressaltar essa situação, encontramos apenas um artigo avaliado por pares estabelecendo laços entre esses três elementos. Produzido por Pinheiro (2013), o trabalho aborda a questão do consumo verde e da participação jovem via Twitter na conferência Rio+20. A proposta foi avaliar o perfil @JuventudeRio20, entre 4 e 21 de junho de 2012, com 568 seguidores e 169 Tweets. As palavras-chave mais recorrentemente localizadas na análise dessas trocas digitais foram “protagonismo”; “consumo e sustentabilidade”; “identificação”; “empoderamento”. De acordo com a autora, a Rio+20, em comparação com a Eco 92, teve maior participação pública, com protagonismo jovem, tanto nos eventos anteriores e durante, quanto em sites de redes sociais (Twitter e Facebook)<sup>29</sup>.

Esse trabalho de Pinheiro (2013) corrobora a ideia de que a relação entre juventude, comunidades *em rede* nos sites de redes sociais e meio ambiente é um campo de investigação que merece atenção por conta de sua relevância. O fato de termos identificado raras pesquisas reforça a hipótese de que essa as áreas temáticas que buscamos ligar estabelecem uma relação que carece de mais atenção. Essa lacuna<sup>30</sup>, de acordo com a elucidação de Sandberg e Alvesson (2011) é uma “‘sacada’ de um ponto negligenciado”<sup>31</sup> do tipo “sub-pesquisado”<sup>32</sup>. Isso significa que, segundo verificamos até o momento, nosso tema é um daqueles que contam com escassa bibliografia (nacional e internacional) porque ainda foram pouco explorados pela comunidade científica. Por conta dessa bastante provável lacuna (que só seria refutada caso as principais

---

<sup>29</sup> Não nos detivemos ainda mais a esse trabalho porque embora seu tema seja bastante parecido com o nosso, trata de um perfil no Twitter que, ao que tudo aponta, é institucional (fala em juventude sempre na segunda pessoa do singular e faz referência à página da Secretaria Nacional de Juventude em sua bio). Por uma questão de escolha de ponto de vista, nos interessaria mais buscar iniciativas que tenham emergido da própria juventude e não para a juventude. Contudo, não é nossa intenção invalidar a rica experiência do @JuventudeRio20, tema do texto em debate.

<sup>30</sup> Tradução nossa para *gap*.

<sup>31</sup> Em tradução nossa para *Neglect spotting*.

<sup>32</sup> Em tradução nossa, para *Under-researched*.

bases que acessamos - da CAPES e Google Acadêmico – estivessem incompletas), nos propusemos analisá-la nos “blocos” que a compõem. Dessa forma, passamos a buscar trabalhos sobre juventude que tratassem das imbricações entre meio ambiente e sustentabilidade, e comunidades *em rede* nos sites de redes sociais, para então combiná-las entre si. Assim, começamos a montar nosso “quebra-cabeças”.

Além da questão da lacuna que acreditamos ter identificado, podemos ressaltar outros pontos que nos fizeram eleger esse tema por conta de sua relevância. Em primeiro lugar, escolhemos o estudar a relação entre a juventude e meio ambiente porque, conforme destaca Matos (2012), no Brasil a participação dos jovens nos movimentos ambientais é histórica. Entretanto, essa representatividade, segundo a autora, se dava não por meio de grupos jovens engajados com as questões do meio ambiente, mas principalmente por jovens que iam se integrando aos movimentos ambientalistas. Esse paradigma, no entanto, foi mudado com o advento da constituição de 1988 e com a Eco-92, quando a questão ambiental passou a fazer parte da pauta de diversos setores, inclusive o jovem (MATOS, 2012). Ademais, a noção de juventude tem estado em voga no Brasil desde a década de 1990 porque foi nesse período que órgãos internacionais, movimentos juvenis e pesquisadores também começaram a buscar entender as questões do mundo jovem (MATOS, 2012). A respeito do protagonismo jovem nas discussões sobre o meio ambiente, é possível destacar também a criação de políticas públicas específicas, como o Plano Nacional de Juventude e Meio Ambiente, de 2013, que, entre suas diretrizes, destaca a participação de jovens nas políticas públicas de meio ambiente. O plano integra, entre outras políticas, a Política Nacional de Educação Ambiental, criada em 1999, e o Estatuto da Juventude, implementado em 2005.

Se a atuação juvenil na questão ambiental foi escolhida em nosso estudo, buscar identificar os discursos formulados por esses grupos nos sites de redes sociais mostrou-se um caminho natural e relevante, considerando a forte presença jovem nas redes. De acordo com a pesquisa *Brazil Digital Future Focus 2015*, desenvolvida pela comScore, os jovens com idades entre 15 e 24 anos são os segundos maiores usuários do Facebook no Brasil, totalizando 22,4% deles, ficando atrás apenas dos que estão entre 25 e 34 anos, que representam 23,2% (BANKS, 2015).

Nesse contexto, definimos como objeto da presente pesquisa as **ideias presentes nos discursos das comunidades em rede de jovens economicamente menos favorecidos moradores do Grande Rio, na faixa entre os 18 e 24 anos, sobre o meio ambiente, por meio do que expressam no Facebook. Relativamente às ideias desenvolvidas nos discursos pelas redes (compreendidas como argumentos em defesa de uma posição), julgamos pertinente**

**focalizar nossa atenção sobre as percepções a respeito dos sentimentos e percepções que levam os jovens a expor seus juízos (entendidos aqui como afirmações de ordem normativa, ou seja, fundamentadas em crenças sobre certo ou errado, bom ou mau etc.), levando em consideração os contextos natural e social (simbólico).**

Fechando ainda mais a questão relativamente à questão ambiental e seus múltiplos aspectos, nosso objetivo foi o de buscar entender se questões como coleta seletiva e gestão de resíduos, poluição de rios e mares, enchentes, desigualdade social e até mesmo mudanças climáticas estariam na ordem do dia para esses jovens. E, se não estivessem, por qual motivo? Seria apenas desinteresse? Falta de estímulo? Desconhecimento? Sensação de impotência frente a esses problemas? **Daí a nossa questão de pesquisa: o que revelam os discursos dos jovens economicamente menos favorecidos do Grande Rio a respeito do meio ambiente, quando compartilham suas ideias e vivências no Facebook?**

**Entre nossos objetivos específicos,** acreditamos que conhecer as ideias expressas nos discursos sobre o meio ambiente dos jovens moradores do Grande Rio, em termos dos sentimentos e percepções, juízos valorativos e condições concretas de existência, pode:

1. Contribuir trazendo informações potencialmente úteis para a elaboração de políticas públicas e outras intervenções sociais que tenham o potencial de transformar a realidade;
2. Localizar possíveis grupos jovens de ativistas na região que atuem dentro e fora dos sites de redes sociais, além de mapear suas ideologias por meio do que expressam a respeito do que sentem e das razões que apresentam para defender suas ideias ("juízo");
3. Verificar se existe (e como) o envolvimento em ações concretas em prol da sustentabilidade e do meio ambiente;
4. Identificar se ações concretas são mobilizadas por meio dos sites de rede sociais.

Já nosso **objetivo geral é investigar os discursos dos jovens economicamente menos favorecidos do Grande Rio a respeito do meio ambiente, quando compartilham suas ideias e vivências no Facebook.**

## 3 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, abordaremos o quadro teórico que sustentará a análise desta pesquisa, integrando uma teoria psicossocial da comunicação com uma abordagem teórica a respeito de um dos pilares da questão ambiental: a sustentabilidade. Para construir esse quadro integrativo que nos guiará, ressaltaremos, de um lado, critérios de sustentabilidade de acordo com Sachs (2002). Abordaremos também a disputa simbólica entre zeristas e desenvolvimentistas no que tange às questões ambientais, justificando porque escolhemos um caminho do meio entre essas duas posições, para orientar nosso olhar. Traçaremos, ainda, um panorama sobre outras definições e modelos de desenvolvimento sustentável que têm estado, ultimamente, em voga. De outro, discutiremos os principais alicerces da Ecologia dos Sentidos, proposta por Campos (2015a, 2015b, 2015c, 2017), que servirá como base teórica principal.

### 3.1 SUSTENTABILIDADE

#### **3.1.1 Zeristas X Desenvolvimentistas ambientais e o caminho do meio pelo Ecodesenvolvimento**

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, mais conhecida como Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, foi um dos primeiros esforços para se discutir os problemas ambientais internacionalmente. Entre as questões que pairavam na época e que permearam os debates da conferência estava o embate entre a visão “zerista” do Clube de Roma, que entendia como solução para os problemas ambientais o desenvolvimento zero. A outra, desenvolvimentista, concluía que o crescimento econômico dos países mais pobres garantiria a solução de seus problemas, logo não poderia ser freado. Finalmente, a ecodesenvolvimentista, propunha um caminho do meio para os “países em desenvolvimento”.

Inicialmente composto por 30 empresários e cientistas, patrocinado por grandes empresas como a Fiat e Volkswagen, o Clube de Roma foi criado com o objetivo de discutir as questões ambientais. Seus fundadores foram o industrial italiano Aurelio Peccei e o cientista escocês Alexander King que, em 1968, promoveram a primeira reunião do clube. Entretanto, a entidade só ganhou real visibilidade mundial em 1972, poucos meses antes da Conferência de

Estocolmo, com o controverso relatório “The Limits to Growth”, coordenado por Dennis Meadows. O documento foi encomendado a pesquisadores do MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts<sup>33</sup>, que se basearam no modelo desenvolvido pelo professor Jay Forrester, que “graças a um avançado computador (para a época), simulava a evolução da economia mundial” (LAGO, 2006, p. 29).

Em formato de livro, traduzido em mais de 30 idiomas e com mais de 16 milhões de cópias vendidas (CLUBE DE ROMA, [s.d.]) “The Limits to Growth” chegava à conclusão de que se a humanidade continuasse a crescer segundo o que apontou a projeção feita, o planeta Terra, em breve, não suportaria. A solução para isso seria, entre outros aspectos, a adoção do limite zero. Se para os países “desenvolvidos”, com alto grau de industrialização, essa já era uma proposta considerada pouco viável, para os países “em desenvolvimento”, nos quais a necessidade de crescimento era ainda mais evidente, as premissas pareciam limitadoras:

As soluções apresentadas colocavam em questão diversos aspectos da sociedade industrial moderna, mas pressupunham a necessidade de ações drásticas nas áreas demográfica e de preservação de recursos naturais, “problemas” associados aos países do Terceiro Mundo. Estes, naturalmente, viam com temor o apoio do Clube de Roma às ideias de alguns setores do movimento ecológico, que interpretavam o desenvolvimento dos países pobres como uma ameaça para o planeta. Para estes setores, os países desenvolvidos poluem, mas, se os pobres se desenvolvem, a escala da destruição será muito maior. (LAGO, 2006, p. 30)

No polo oposto aos “zeristas” do Clube de Roma estavam os desenvolvimentistas, que enxergavam que a solução para os problemas dos “países subdesenvolvidos” estava no crescimento econômico e industrial.

De acordo com Layrargues (1997), o conceito de desenvolvimento na visão do chamado “primeiro mundo” é baseado no darwinismo social, segundo o qual o grau de evolução de uma nação está ligado ao seu crescimento econômico e industrial. A sociedade norte americana seria o modelo máximo de desenvolvimento a ser seguido pelos países mais pobres, chamados de “terceiro mundo”, “países subdesenvolvidos” ou “países em desenvolvimento”, sem que se respeitasse as diferenças culturais. A partir desse modelo homogeneizador, que visa crescimento econômico sem foco em um desenvolvimento acompanhado dos fatores sociais, não haveria um caminho que respeitasse e valorizasse as especificidades de cada região. Essa posição foi legitimada internacionalmente porque, inclusive,

---

<sup>33</sup>Tradução nossa para *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).

foi estrategicamente assumida por organizações internacionais como a ONU, OCDE, Banco Mundial, entre outras, garantindo uma abstrata neutralidade ideológica a partir do estabelecimento de uma escala de modernização dos Países Menos Avançados até os Novos Países Industrializados, como se, ao Terceiro Mundo, marginalizado do sistema mundial, fosse imperativo integrar-se a ele. (LAYRARGUES, 1997, p. 2)

Como resposta a esse modelo de desenvolvimento hegemônico e etnocentrista e à visão apocalíptica “zerista”, que impediria o crescimento dos “países em desenvolvimento”, o canadense Maurice Strong lançou, em 1973, o conceito de ecodesenvolvimento dentro do contexto rural do chamado “terceiro mundo” (LAYRARGUES, 1997).

Com vistas ao melhor aproveitamento possível dos recursos naturais de acordo com as realidades locais e sem que haja esgotamento ambiental, o ecodesenvolvimento segue o paradigma de desenvolvimento endógeno, que valoriza os saberes de quem lida com a terra, e acredita em soluções que venham principalmente do contexto interno. Sobre o modelo de ecodesenvolvimento sustentado por Strong, Layrargues (1997, p.3) explica sua pertinência por “parte da premissa deste modelo se basear em três pilares: eficiência econômica, justiça social e prudência ecológica”. Nesse sentido, Sachs, desde a década de 1970, tem atuado com um dos principais divulgadores do conceito de ecodesenvolvimento (LAGO, 2006; LAYRARGUES, 1997; MONTIBELLER FILHO, 1993), tanto que foi chamado por Strong – que foi o secretário-geral da Conferência de Estocolmo – para assessorá-lo na Rio 92.

Embora estejam em lados opostos de uma disputa política e simbólica, os termos desenvolvimentos sustentável e ecodesenvolvimento, atualmente, são usados como sinônimos na maior parte do tempo. Essa interpretação dos termos como sinônimos parece sugerir que a batalha vem sendo perdida pelo conceito de "ecodesenvolvimento", sobrepujado e diluído pelo entendimento hegemônico de "desenvolvimento sustentável". Contudo, por mais que existam muitas diferenças de ordem ideológica entre o ecodesenvolvimento e o desenvolvimento sustentável, até mesmo Sachs passa a usá-los como sinônimos porque considera que as semelhanças são ainda maiores do que as discrepâncias (MONTIBELLER FILHO, 1993).

### **3.1.2 Definições e conceitos de desenvolvimento**

De acordo com o relatório “Situação da População Mundial 2014”, produzido pelo Fundo de População das Nações Unidas (2014), dos 1,8 bilhão de adolescentes e jovens (entre 15 e 24 de idade) de todo o mundo, aproximadamente 515 milhões viviam, na época, abaixo da

linha da pobreza, com menos de dois dólares por dia. Isso significa dizer que quase um terço dessa população se encontra em situação de vulnerabilidade social (ONU BRASIL, 2014). É lícito supor que, conseqüentemente, esses jovens estejam praticamente excluídos do sistema capitalista global de consumo. Seriam, possivelmente, parte do refúgio humano a que refere Bauman (2005), o excesso indesejável produzido pela globalização, incapaz de incluir todos em sua lógica de consumo.

Por entendermos que há disputas econômicas, políticas e simbólicas em jogo em cada possibilidade de conceituação, consideramos esse contexto da exclusão de recursos a que boa parte dos jovens está inserido como orientador das definições de sustentabilidade a se adotar.

Também foi importante encontrar uma lógica que atendesse aos interesses dos chamados “países em desenvolvimento” porque suas necessidades são muito diferentes das daqueles que já passaram pelos mais altos graus de industrialização. Nesse caminho em busca do desenvolvimento – que é diferente de simplesmente crescer –, vozes como as de Maurice Strong e Ignacy Sachs sugerem que há outras formas que não passam pela elevada “pegada ecológica” dos países desenvolvidos<sup>34</sup>. Comparativamente, o Brasil tem pegada ecológica de 3,1 Hectares Globais (gha) per capita, enquanto a dos Estados Unidos é de 8,2 gha per capita (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, [s.d.])<sup>35</sup>. Apenas para se ter uma noção, se os cidadãos de todo o mundo consumissem da mesma forma que a média dos norte-americanos, precisaríamos de quatro planetas Terra (e toda a sua diversidade de recursos) para suportar tamanha demanda (MCDONALD, 2015).

Entre as mais citadas definições, inicialmente localizamos a da Conferência Mundial sobre a Conservação e o Desenvolvimento da IUCN (Ottawa - Canadá, 1986) que, segundo Montibeller F (1993), traz o conceito de **desenvolvimento sustentável e equitativo**, um novo paradigma que visa:

1. Conciliar conservação da natureza e desenvolvimento;
2. Satisfazer as necessidades humanas fundamentais,
3. Trazer equidade e justiça social;

---

<sup>34</sup> O conceito de “pegada ecológica”, resumidamente, é, de acordo com a (Global Footprint Network, [s.d.] [s.p.]), “a medida da quantidade de área de terra biologicamente produtiva e de água que um indivíduo, população ou atividade requer para produzir todos os recursos que consomem e a absorção de resíduos que geram, usando tecnologia prevaiente e práticas de gestão de recursos”. Tradução nossa para o seguinte texto: *A measure of how much area of biologically productive land and water an individual, population or activity requires to produce all the resources it consumes and to absorb the waste it generates, using prevailing technology and resource management practices.*

<sup>35</sup> De acordo com a planilha *NFA 2016 Public Data Package*, fornecida pelo *Global Footprint Network* [s.d.].

4. Fomentar autodeterminação social e diversidade cultural;
5. Promover a manutenção da integridade ecológica.

Em seguida, há a definição trazida pela *United Nations* (1987, p. 54)<sup>36</sup> no Relatório Brundtland, denominado *Our Common Future*<sup>37</sup>, indicando que o “desenvolvimento sustentável é aquele que possibilita satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”<sup>38</sup>. Embora o documento também trate de questões sociais e do meio ambiente, seu foco parece estar muito mais na manutenção dos padrões humanos de consumo do que na conservação ambiental e na busca por modelos de vida socialmente mais justos. Por explicitar grande otimismo no desenvolvimento tecnológico como solucionador dos problemas, acaba por não enfrentar as grandes questões ambientais considerando as limitações do presente.

Outra conceituação que merece destaque é a trazida pelo economista pesquisador da *École des hautes études en sciences sociales* (Paris), Godard (1981, *apud* MONTIBELLER FILHO, 1993) que entende que os cinco atributos do **desenvolvimento durável**<sup>39</sup>, são:

1. Converter em utopia positiva o que é percebido de maneira negativa;
2. Expressar a preocupação com as gerações futuras de forma ética;
3. Acalmar as preocupações sobre o futuro uma vez que deve ter a característica de durável;
4. Ter maleabilidade, considerando que aceita diversas conceituações;
5. Possibilitar a inclusão dos aspectos econômicos e sociais na questão do desenvolvimento.

A possivelmente mais adotada forma de entender sustentabilidade pelas grandes corporações não poderia ser esquecida. É o “Tripé da Sustentabilidade”<sup>40</sup>: pessoas, planeta (capital natural) e lucro<sup>41</sup>, pensado por Elkington (1997) em sua obra central *Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business*. Para o autor, o capitalismo só conseguirá se sustentar nos próximos anos se seguir por veredas mais verdes. A figura dos canibais de

---

<sup>36</sup> Estamos nos referindo à ONU dessa forma porque o texto da fonte consultada estava em inglês.

<sup>37</sup> "Nosso Futuro Comum", em português. Há uma versão traduzida do documento que foi publicada em formato de livro pela Fundação Getúlio Vargas.

<sup>38</sup> Tradução nossa para *Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs*.

<sup>39</sup> Desenvolvimento sustentável e desenvolvimento durável são sinônimos em português. Preferimos usar esse último, nesse caso, porque, em francês - língua materna de Godard - fala-se em *développement durable*.

<sup>40</sup> Tradução nossa para *Triple Bottom Line*.

<sup>41</sup> Tradução nossa para (3P): *people, planet and profit*.

garfo e faca simboliza o sistema sendo “domesticado” por meio de condutas mais sustentáveis, como forma de garantir sua sobrevivência, mas não abandonando completamente seu cerne (ELKINGTON, 1997). Entendemos que, embora Elkington mencione a importância da justiça social, explicando que todas as pernas do tripé são igualmente fundamentais para o seu funcionamento, é preciso ressaltar que as suas considerações são pensadas dentro da lógica dos grandes conglomerados econômicos, e não dentro da dos grupos socioeconomicamente excluídos. A finalidade principal dessa proposta é a reforma do capitalismo e suas formas de consumo, a não substituição do modelo econômico.

Por último, mas não menos importante, abordamos a visão de Sachs (2002), com a qual identificamos maior alinhamento, diante das demais apresentadas, por ser a mais holística, completa, menos conservadora e mais coerente com a Ecologia dos Sentidos, que apresentaremos mais abaixo (p. 43). Além disso, ela propõe mudanças nos padrões de consumo e está mais alinhada às necessidades até mesmo daqueles que não estão inseridos no sistema capitalista de consumo, como é o caso de quase uma terça da população jovem e adolescente do todo mundo, como já ressaltamos. De acordo com o ecossocioeconomista polonês, naturalizado francês<sup>42</sup>, há oito critérios para a sustentabilidade, que apresentamos de forma resumida, dando ênfase os aspectos mais relevantes de cada ponto:

1. **Social**, incluindo distribuição de renda justa e igualdade no acesso a recursos;
2. **Cultural**, dando autonomia para a construção de um projeto nacional próprio, não impondo modelos de fora;
3. **Ecológica**, preservando a natureza, garantindo assim a produção dos recursos renováveis e, por outro lado, a racionalização do uso dos recursos não renováveis;
4. **Ambiental**, respeitando o tempo que os sistemas naturais precisam para restaurarem-se a si mesmos;
5. **Territorial**, balanceando configurações urbanas e rurais, bem como a conservação ambiental pelo ecodesenvolvimento;
6. **Econômica**, promovendo inserção soberana na economia internacional, garantindo a segurança alimentar;
7. **Política (Nacional)**, mantendo a democracia alinhada com os direitos humanos de maneira universal;

---

<sup>42</sup> Sachs, embora europeu, conhece profundamente a realidade nacional porque viveu no Brasil por anos, tendo, inclusive, concluído o secundário no Lycée Pasteur, em São Paulo, e a graduação na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro.

8. **Política (Internacional)**, promovendo paz e cooperação internacionais, com a eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU<sup>43</sup>.

Sachs, por sinal, é um dos maiores divulgadores do conceito de ecodesenvolvimento, criado por Maurice Strong. Essa via de desenvolvimento foi pensada no contexto das preparações da Conferência de Estocolmo, realizada em 1972, como resposta tanto à visão desenvolvimentista nos moldes do primeiro mundo quanto a que propunha desenvolvimento zero. Nesse sentido, o ecodesenvolvimento é uma proposta emancipatória, pensada para os países “em desenvolvimento”, levando em consideração as necessidades e potencialidades locais, promovendo a valorização das diferenças culturais. Em outras palavras, o ecodesenvolvimento acredita ser possível trilhar rumos diferentes dos já traçados pelos países “desenvolvidos”.

A integração dos modelos – a Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011) e as oito dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) – será mais aparente na seção de metodologia, uma vez que suas imbricações orientaram a análise dos dados que recolhemos para nossa pesquisa.

### 3.2 A ECOLOGIA DOS SENTIDOS E AS COMUNIDADES *EM REDE* NOS SITES DE REDES SOCIAIS

A Ecologia dos Sentidos é uma teoria transdisciplinar da Comunicação que deve ser compreendida como uma abordagem psicossocial porque envolve relações que integram a dimensão psicológica e social na ação e comportamento de sujeitos, grupos e sociedades. De orientação construtivista-crítica, integra “aspectos teóricos da filosofia de Habermas, da epistemologia genética de Piaget e da teoria da esquematização e da Lógica Natural de Grize” (CAMPOS, 2015b, p. 966) relacionando fenômenos da natureza (fatos emergindo da condição biológica do ser humano e dos grupos sociais, que passam, o primeiro por ontogênese, e segundo por filogênese) e da cultura (traços derivados que constroem os percursos subjetivos individuais e as histórias coletivas em função das trocas intersubjetivas e das condições materiais de existência). Baseada nas imbricações teóricas dos autores acima citados, considera

---

<sup>43</sup> O que não tem ocorrido de forma tão eficaz, considerando a atuação fracassada da ONU ao tentar impedir a invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro, por exemplo.

que a comunicação perpassa as Ciências Humanas, Sociais, Biológicas, Naturais; técnicas, aplicadas ou puras; prévias à construção de todo e qualquer tipo de conhecimento, seja de ordem científica ou popular (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017). Nesse sentido, Campos (2015a, 2015b, 2017) reforça que embora a comunicação, no ser humano, se constitua nas trocas culturais, também é de ordem natural, na medida em que depende do desenvolvimento de estruturas cognitivas e afetivas (possibilitadas pelo cérebro) e os consequentes mecanismos de construção simbólica (que permitem a fala e a escrita, as produções midiáticas etc.), derivados de sua constituição. A própria cultura, nessa visão, deriva da natureza.

A Ecologia dos Sentidos prevê, em seu corpo conceitual, a problemática das relações entre sujeitos, sociedade e meio ambiente e social (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011). O autor propõe um esquema que nos permite compreender que as “lentes” tecnológicas, como os sites de redes sociais, “entubam”<sup>44</sup> formas determinadas de comunicação. Em outras palavras, as interações sociais, quando mediadas pela tecnologia, se dão de acordo com as possibilidades de meios específicos, devendo ser compreendidas em suas dimensões ambientais e sociais. Em outras palavras, o *design* tecnológico tem consequências.

Em nossa pesquisa, por exemplo, a rede social Facebook teve um papel relevante porque constituiu a “lente” mediadora (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017) das relações comunicativas que se estabeleceram entre interlocutores conectados discutindo sobre meio-ambiente. As comunidades<sup>45</sup> jovens do Grande Rio no Facebook que analisamos desenvolveram, ideias presentes em seus discursos a respeito do meio ambiente porque sua constituição cognitiva e afetiva permitiu-lhes a capacidade de representar – portanto de simbolizar a constituição de um *self* e de um *alter* – que foi intercomunicada nas trocas por uma rede que possibilitou certas formas de intercâmbio a respeito de um determinado assunto, no caso, o meio-ambiente. Logo, o Facebook, como lente mediadora “entubou”, “enlatou” as trocas psicossociais comunicativas de uma certa forma (diferente da do Twitter, ou do Instagram etc.).

Nesse sentido, uma conversa face a face conta com troca de olhares, gesticulação, entonação da voz, entre outros aspectos que produzem sentido e se fundem ao discurso. Uma

---

<sup>44</sup> Comunicação pessoal - Termo informal usado pelo professor Milton N. Campos, durante encontro de orientação no dia 03 de maio de 2017 para resumir, sem reduzir a questão. Segundo o professor, esse termo foi cunhado, na Província do Québec, Canadá, pela professora Thérèse Laferrière, especialista em tecnologias aplicadas à educação. A expressão francoque-bequense “canner” é um anglicismo vindo da palavra “can” = “lata”, que indica a redução de algo complexo em algo limitado.

<sup>45</sup> Não estamos aqui nos restringindo às comunidades como um recurso técnico do Facebook (assim como existem os perfis pessoais e as *fanpages*). Nesse caso, estamos falando mais amplamente, tratando do Facebook em si como uma grande comunidade que pode conter outras comunidades em si.

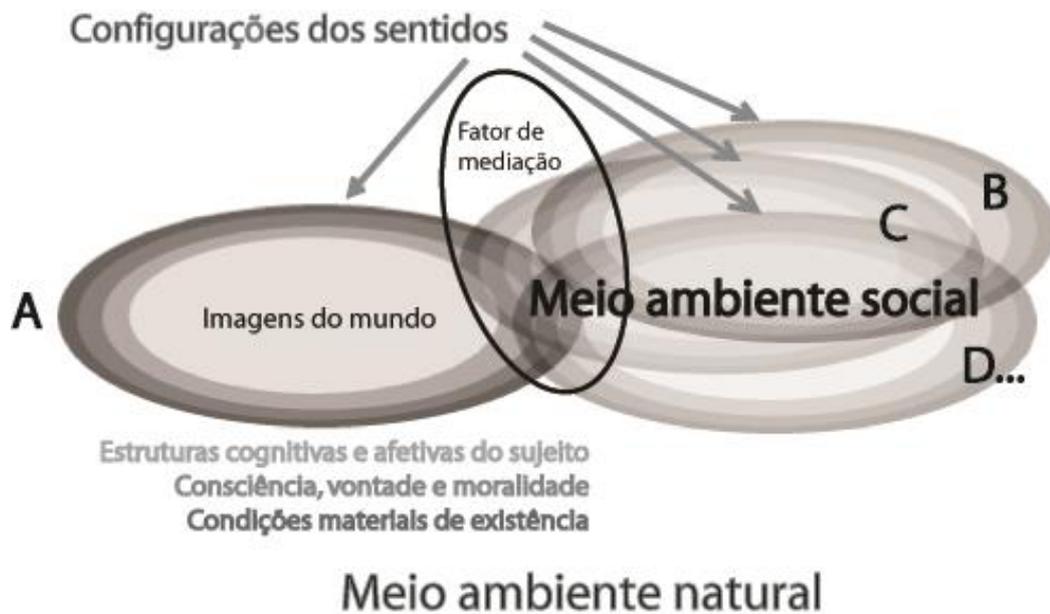
interação em redes sociais digitais, por outro lado, não conta necessariamente com esses recursos expressivos da interação presencial (ainda que muitas dessas dimensões se integrem progressivamente ao discurso mediado por tecnologias), mas pode ter, por exemplo, *memes*<sup>46</sup>, *emoticons e emojis*<sup>47</sup> que, de certa maneira, contribuem para a formatação (ou o "entubamento", "enlatamento") do processo comunicativo. Por conta dessa questão, adotamos esse quadro teórico para buscar entender se as redes sociais digitais potencializaram ou limitaram os discursos sobre o meio ambiente dos jovens, dado que, em suas vidas, foram constituídos cognitivamente e afetivamente de uma determinada maneira, de um lado em função de sua herança genética e, de outro por conta de sua herança histórico-cultural, ambas submetidas a possíveis modificações e transformações ocasionadas pelas interações realizadas no meio ambiente natural e social.

Segundo o esquema abaixo (Figura 1, p. 46) proposto por Campos (2015b, p. 983), as trocas do meio social (representadas pelas interseções derivadas do mundo social), dadas num meio natural e delimitadas pelas condições materiais de existência. Os sujeitos (A, B, C, D...) – dotados de estruturas cognitivas e afetivas, assim como consciência, vontade e moralidade – têm imagens de mundo construídas e coconstruídas de maneira discursiva por meio da interação e, em certos aspectos, formatadas pelos fatores de mediação (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017). No que tange ao nosso estudo, podemos dizer que A, B, C, D etc. são os **jovens** com os quais interagimos para obter discursos a respeito do meio ambiente; que as *imagens de mundo* são as **ideias** que essa juventude construiu ao longo da vida em função de representações individuais e sociais; e que os *fatores de mediação* são as **“lentes” tecnológicas da ferramenta Facebook**, que permitiu o desenvolvimento de suas comunidades *em rede*. As configurações

<sup>46</sup> De acordo com Shifman (2013) a palavra meme é uma derivação abreviada do grego mimema, que Richards Dawking encurtou para rimar com gene. Dawkins (1976, *apud* SHIFMAN 2013, p. 363) explica que, originalmente, o conceito de memes foi criado para descrever “pequenas unidades culturais de transmissão, análogas aos genes, que se espalham de pessoa para pessoa pela cópia ou imitação” (tradução nossa para *small cultural units of transmission, analogous to genes, which are spread from person to person by copying or imitation*). Knobel e Lankshe (2007, *apud* SHIFMAN, 2013) esclarecem que a termo meme passou a ser empregado no contexto da Internet para indicar uma ideia, antes particular, que é imediatamente aceita e propagada por meio de texto, imagem, linguagem ou em outro formato de material cultural.

<sup>47</sup> De acordo com matéria de Freire (2014), publicada no TechTudo, um dos mais respeitados sites jornalísticos especializados em tecnologia do Brasil, o termo emoticom vem da junção das palavras emotion (emoção) e icon (ícone). O primeiro deles foi origem smiley [ :- ) ], criado em 1982 por Scott Fahlman que era, na época, professor assistente de pesquisa de ciência da computação da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos. Seu objetivo era deixar claro o que eram anedotas nas comunicações estabelecidas por computador, durante as pesquisas, por conta de uma piada interna criada no grupo. Já o emojis [“e” (imagem) e “moji” (personagem), em japonês] são pictogramas criados na década de 1990 por Shigetaka Kurita que, na época, integrava a equipe do NTT DoComo. O primeiro deles foi o .

de sentidos são o resultado conjunto das estruturas cognitivas e afetivas pois essas, nas trocas, fazem com que a consciência expresse sua vontade fazendo escolhas ético-morais, dentro de um conjunto de condições materiais de existência. Os discursos argumentativos coconstruídos pelos interlocutores, revelam, portanto, as estruturas cognitivas e sentimentos expressos por meio da linguagem, ou seja, as percepções, por meio de seus juízos (expressos por argumentos que defendem valores nas conversas cotidianas em rede).



**Figura 1 – Interações Sociais**

Fonte: (CAMPOS, 2017, p. 381)

De acordo com Piaget, citado por Campos (2015a), o conhecimento é o resultado de uma construção interna que se realizada em um meio. Não se dá no sujeito e nem no objeto, mas sim *in media res*<sup>48</sup>, ou seja, na possibilidade de interação do sujeito com o objeto, por meio de “processos orgânicos e simbólicos de assimilação e acomodação levando à adaptação orgânico-simbólica” (CAMPOS, 2015b, p. 969). Sobre isso, é importante esclarecer que Piaget elegeu como objeto de seus estudos a possibilidade de conhecimento, estudando como se davam as trocas entre os sujeitos, buscando uma lógica geral que as traduzissem.

Essa lógica geral se expressaria pelas trocas comunicativas, e se desenvolveria ao longo da vida. Campos (2017) integra o modelo lógico das trocas de Piaget (que o epistemólogo e psicólogo suíço chama de "modelo de trocas de valores") com os fundamentos conceituais da

<sup>48</sup> De acordo com Campos (2015a), o termo, nesse caso, refere-se à construção da possibilidade de conhecimento por meio da comunicação.

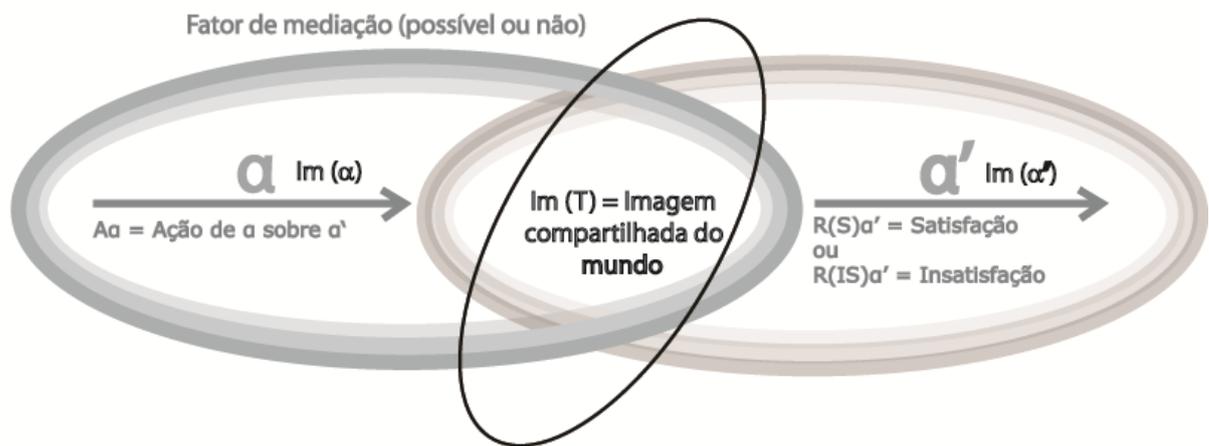
teoria do agir comunicativo de Habermas, propondo um modelo do desenvolvimento da comunicação no ser humano. No que tange a Piaget, explica que uma ação de um sujeito ( $\alpha$ ), partindo das suas representações e se constituindo enquanto imagens de mundo, exerce uma ação (A) em outro sujeito ( $\alpha'$ ), que deverá ressignificá-las a partir de suas próprias representações, que constituem imagens de mundo necessariamente diferentes, pois ancoradas em histórias diversas. Esse outro sujeito ( $\alpha'$ ), poderá ficar satisfeito (S) ou insatisfeito (IS) com essa ação. A Figuras 2 (p. 48) e 3 (p. 48) a seguir ilustram momentos de ação e reação nos processos de transformação comunicativa, nos quais os sujeitos, a partir de suas imagens individuais de mundo a respeito de um tema T qualquer, negociam imagens compartilhadas para que a comunicação (sincera ou coativa, pouco importa) seja possível. Por consequência, poderão, em tese, ocorrer as seguintes respostas, que podem ser traduzidas em termos subjetivos ou sociais:

- A) Se há insatisfação:  $\alpha'$  sentirá que  $\alpha$  lhe deve algo. Então,  $\alpha'$  terá o sentimento de possuir um crédito em relação a  $\alpha$ . Ou seja, sente que o outro lhe deve algo. É-lhe, pois, ingrato.
- B) Se há satisfação:  $\alpha'$  sentirá que é ele que deve algo a  $\alpha$ . Então,  $\alpha'$  terá o sentimento de estar em débito em relação a  $\alpha$ . Ou seja, sente que é ele que deve algo ao outro. Tem gratidão.

Observando as figuras 2 (p. 48) e 3 (p. 48) acima, é possível concluir que, para que essas relações de satisfação e insatisfação aconteçam [ou seja, dívida (no sentido de gratidão, respeito por algo, sentir que ficamos devendo algo a alguém) ou crédito (sentimento de ingratidão, de desrespeito, sentir que é o outro que nos deve algo)], é necessário que se compartilhem configurações de sentidos.

A integração desse modelo, que evidencia como os sentimentos expressam percepções a respeito das coisas (de base cognitivo-afetiva com resultados normativos, baseados nos valores que atribuímos às coisas), é realizada pela via dos discursos. Segundo Campos (2015a, 2015b, 2015c, 2017), Habermas opõe, em sua teoria do agir comunicativo, fundamentada na ética discursiva, a **razão comunicativa** – cujos os alicerces estão nas trocas cooperativas e no agir ético e sincero – à **razão instrumental** – baseada em coações e no agir manipulativo visando interesses pessoais ou de grupo. Esses polos correspondem exatamente às intenções ético-morais subjacentes ao modelo transformativo das trocas de valores desenvolvido por Piaget para discutir os fundamentos da comunicação. Ou seja, quando se está em uma modalidade que Habermas chama de "comunicativa" (sincera e desinteressada) a interação ocorre entre interlocutores em que pelo menos um respeita o outro e fundamenta suas trocas em

dívidas ético-morais que busca pagar. Já quando se está na modalidade que Habermas chama de "instrumental" (insincera e manipuladora) a interação ocorre entre interlocutores na qual pelo menos um deles não respeita o outro e fundamenta suas trocas em créditos ético-morais que julga que o outro deve pagar, subordinando-o, violando-o, por meio do exercício do poder e da opressão. De acordo com o sociólogo e filósofo alemão e o epistemólogo e psicólogo suíço, a verdadeira comunicação, portanto, só se dá nos momentos das trocas em que prepondera um contexto de razão comunicativa, quando argumentos lógicos, ou racionalmente estruturados, são apresentados e debatidos por meio do diálogo, e é alcançado um consenso de forma ética e democrática.



**Figura 2 – Esquematização – Contexto da Ação**

Fonte: (CAMPOS, 2017, p. 426).



**Figura 3 – Esquematização – Contexto da resposta**

Fonte: (CAMPOS, 2017, p. 429).

Ainda que Piaget e Habermas deixem bem claro que entre os polos existem inúmeras possibilidades, Campos (2015a, 2015b, 2015c, 2017) integrou também a Lógica Natural de Grize por ser essa uma ferramenta capaz e permitir claramente a integração dos *sentidos* na estrutura proposta pelos gênios alemão e suíço. Segundo Grize (1993), existem diversas estruturas lógicas, já que as formas de expressão humanas seguem caminhos mentais de diferentes ordens. As lógicas possíveis ao pensamento, muitas vezes, não são somente aquelas relacionadas com as matemáticas. A lógica matemática, por exemplo, independe de argumentação, por isso é universal. Para chegarmos a essa conclusão, basta lembrarmos que uma expressão matemática não precisa de um bom orador para ser fundamentada. É suficiente que esteja baseada em premissas verdadeiras (do ponto de vista lógico-matemático) e que se conheça seus símbolos e as operações empregadas. Entretanto, Grize (1993) defende que, no dia a dia, usamos o discurso (que tem caráter argumentativo) para nos comunicamos dentro de uma lógica linguageira cujas estruturas universais são as da linguagem, mas que tratam essencialmente dos conteúdos, que são particulares (contextuais). O autor a chama de Lógica Natural. Isso significa dizer que nossos discursos dependem de um contexto social, ou seja, além de estarem inscritos num determinado tempo-espaço, só podem ser entendidos dentro de uma cultura, ainda que tenham traços universais relacionados com a capacidade orgânica que o ser humano tem de construir linguagens.

Dentro da reflexão sobre a Lógica Natural está prevista a questão das esquematizações nos processos mentais das trocas comunicacionais. “Grize define a esquematização como um processo de construção e de reconstrução dos sentidos pela linguagem” (CAMPOS, 2017, p. 202). Quando falamos a palavra “casa”, por exemplo, todos nós temos uma imagem mental correspondente. Muito provavelmente, cada um tem sua própria representação individual do que vem a ser uma casa a partir das suas experiências de vida por meio da cognição, da afetividade e do sentimento ético-moral. Entretanto, há algo que faz com que esse seja um conceito amplamente entendido e facilmente compartilhado, que não exige maiores explicações. Podemos concluir que essa intersecção entre as representações individuais dos sujeitos de uma determinada troca comunicacional seriam coconstruções, que passam também pelas lentes de mediação. Assim como casa, há outros exemplos imediatamente entendidos, mesmo sem predicções, como “mãe”<sup>49</sup>. Essas imagens do mundo partem de pré-construídos

---

<sup>49</sup> Com o objetivo de reforçar para o leitor o que é um pré-construído cultural, esse é um exemplo a mais, só que, dessa vez dados por nós. Diferentemente de “casa”, não estava presente na obra de Campos

culturais, que precedem nossa existência e vêm evoluindo ao longo de muitas e muitas gerações. As esquematizações das quais falamos são esse fluxo de modelagem e remodelagem, construções e coconstruções, representações individuais e sociais, que são ativadas nos processos de ação comunicativa (CAMPOS, 2017).

Assim, com essa exposição breve dos fundamentos da teoria da Ecologia dos Sentidos, que explica os processos comunicativos como busca permanente de compartilhamento de imagens de mundo (mais fraco, por exemplo, em indivíduos autistas, egocêntricos ou sociocêntricos; mais forte em indivíduos dispostos a ouvir o outro), que se expressam pelos sentidos coconstruídos em permanência ao longo da vida pelos sujeitos, grupos e sociedades que entram em interlocução, chegamos à base a partir da qual escolhemos o foco do que gostaríamos de verificar junto aos sujeitos de nossa pesquisa:

- a) a afetividade envolvida, ou seja, as percepções expressas a respeito dos sentimentos dos sujeitos;
- b) os juízos, ou seja, como essas percepções expressas discursivamente nas trocas de valores, em um determinado campo do agir comunicativo, são apresentadas argumentativamente;
- c) em que medida o contexto ambiental, territorial, social e político intervêm na coconstrução.

---

(2017). Entendemos que “mãe” seja mais um desses conceitos que dispensam explicação. Cada um tem sua própria representação, mas todos sabem o que é uma mãe.

## 4 METODOLOGIA

Nos tópicos a seguir, tratamos da metodologia, que tem como base a utilização do estudo de caso como método de pesquisa. A esse respeito, delimitaremos nossos sujeitos e estratégia de amostragem utilizada para os recrutarmos. Abordaremos também a técnica de coleta de dados – as entrevistas semiestruturadas em rede, a análise da Linha do Tempo no Facebook e eventuais interações. Ao final do capítulo, detalharemos a estratégia de análise e interpretação dos dados. Para tanto, faremos um esboço da técnica de análise baseada na Lógica Natural de Grize (1993), apresentando, em seguida, um quadro construído a partir do modelo integrando a visão ambientalista de Sachs (2002) a respeito dos oito pilares da sustentabilidade: Social, Cultural, Ecológico, Ambiental, Territorial, Econômico, Político (Nacional), Político (Internacional), e a teoria psicossocial da Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011).

### 4.1 MÉTODO: UM ESTUDO DE CASO DAS COMUNIDADES JOVENS NO FACEBOOK

O objetivo foi fazer um **estudo de caso híbrido** “quantitativo e qualitativo” a respeito dos sentimentos, percepções e juízos que os jovens em rede (na faixa entre os 18 e 24 anos) economicamente menos favorecidos moradores do Grande Rio expressam a respeito do meio ambiente, por meio do que dizem a respeito de suas comunicações no Facebook. Tratou-se de um estudo de caso fundamentalmente qualitativo, mas que utilizou também dados quantitativos pontuais coletados nas “Linhas dos Tempo” dos entrevistados.

Sobre o estudo de caso como metodologia, entendemos que nossa pesquisa se encaixa na definição de Yin (2001, p. 32), que defende que

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (...) A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

Explicaremos detalhadamente, no item “Instrumentos da Coleta de Dados”, como se deu no processo de triangulação de dados e a diversidade de evidências a que Yin (2001) se refere.

De uma maneira geral, os estudos de caso aplicam-se a situações em que se buscam respostas do tipo “como” e “por que”, quando não há muito controle sobre aquilo que se pesquisa e o tema trata de algum fenômeno contemporâneo. Podemos encontrar tanto casos únicos como múltiplos (YIN, 2001). Primordialmente, o estudo de caso é um mergulho em uma determinada realidade. Seus procedimentos precisam ser previamente planejados e devem ser passíveis de replicação (MARTINS, 2008). Como bem pontua Stoecker (1991, *apud* YIN, 2001), o estudo de caso não se restringe apenas à coleta ou mesmo à análise de dados, mas sim perpassa o estudo por completo, mostrando-se um tipo de enfoque utilizado em todas as fases.

## 4.2 SUJEITOS DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS DE AMOSTRAGEM

Os sujeitos da pesquisa são jovens de 18 a 24 anos, que correspondem à segunda faixa da População Economicamente Ativa (PEA)<sup>50</sup>, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística ([s.d.]). Escolhemos essa faixa etária da PEA porque é a única que apresenta exclusivamente jovens que já são maiores de idade<sup>51</sup>.

Esta investigação está integrada à pesquisa “Juventude Líquida e Argumentação em Rede: Diálogo ou Violência?”<sup>52</sup> e se deu em duas fases: uma qualitativa (entrevistas

---

<sup>50</sup> A primeira faixa etária da PEA corresponde a jovens de 15 a 17 anos; a segunda faixa, a indivíduos de 18 a 24 anos; a terceira, adultos 25 a 49 anos; a quarta a indivíduos de 50 anos ou mais.

<sup>51</sup> Pesquisas com jovens menores de idade exigem o consentimento tanto dos participantes quanto de seus tutores legais, o que demanda um tempo a mais de que, infelizmente, não dispomos numa dissertação. Se convencer maiores de idade já não foi um trabalho fácil, fazer isso com adolescentes e seus responsáveis seria ainda mais demorado e, certamente, mais delicado.

<sup>52</sup> Do Grupo de Pesquisa Inter@ctiva, do qual participo com meu orientador e outros colegas, o projeto tem parecer do Comitê de Ética da Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (CFCH) de n. 1.309.068, certificado de ética CAAE: 50100415.6.0000.5582 e realização por meio de financiamento da FAPERJ de n. 2104842016. A pesquisa tem o objetivo de acessar a atuação política em rede dos jovens no Grande Rio, cujo primeiro instrumento é um questionário digital que serve de base para nosso trabalho. Desse modo, tivemos acesso a um número significativo de jovens, dos quais 275 se propuseram a responder. Foram instados a se pronunciar sobre se aceitariam participar desta pesquisa, de acordo com o parecer do Comitê de Ética da Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (CFCH) de n. 2.171.483 e certificado de ética CAAE: 69995817.0.0000.5582, por meio de financiamento próprio (ver Anexo I, p. XXVII).

semiestruturadas) e outra quantitativa e qualitativa (análise da Linha do Tempo do Facebook dos entrevistados).

A fase quantitativa, com a aplicação do questionário "Juventude Líquida e Argumentação em Rede: Diálogo ou Violência?", buscou sujeitos de pesquisa por meio de um recrutamento via e-mail. Os destinatários eram alunos e ex-alunos do Pré-vestibular Social (PVS) promovido pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação e pela Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro – Cecierj. Criado em 2003, o PVS é um curso preparatório para as provas de seleção para acesso à graduação presencial e a distância. Totalmente gratuito (inclusive seu material didático), é destinado a alunos que estão no terceiro ano ou já concluíram o ensino médio. Seu critério de seleção é social, dando prioridade aos que têm menores rendas. Ao todo, o PVS conta com 60 unidades em diversos municípios do Rio de Janeiro (FUNDAÇÃO CECIERJ E CONSÓRCIO CEDERJ, [s.d.]). Utilizamos as listas contatos de 10.427<sup>53</sup> alunos do PVS como uma forma de garantir que conseguiríamos entrar em contato com um grande número de jovens. Elas foram cedidas a membros do nosso grupo de pesquisa<sup>54</sup>, devidamente autorizados pela direção da entidade.

Localizados os sujeitos dispostos a participar de nossa pesquisa a partir do questionário da pesquisa "Juventude Líquida e Argumentação em Rede: Diálogo ou Violência?" (o questionário se iniciava com uma questão sobre se se disporem a ser entrevistados), seguimos para a fase qualitativa, na qual escolhemos entrar em contato com os primeiros 40 sujeitos entre os 18 e 24 anos que haviam preenchido o *survey*<sup>55</sup>, e haviam autorizado contato. Após pelo menos duas tentativas, 11 deles efetivamente aceitaram participar e foram entrevistados<sup>56</sup>, um deles sendo descartado porque não tinha perfil no Facebook. Desses 10 entrevistados selecionados, dois<sup>57</sup>, indicaram, cada um deles, mais quatro participantes, totalizando 14 entrevistados. Nessa segunda etapa da pesquisa, adotamos uma técnica de amostragem mista: por critério e do tipo bola de neve<sup>58</sup>, ainda que nosso uso da última tenha sido limitado.

---

<sup>53</sup> Desse total, nem todos eles eram moradores do Grande Rio. Contudo, nesta pesquisa, tivemos o cuidado de entrar em contato apenas com aqueles que cumpriam esse pré-requisito.

<sup>54</sup> Os doutorandos Fabiane Proba e Leonardo Viana.

<sup>55</sup> Os dados desse formulário não foram levados em conta na pesquisa. No nosso trabalho, utilizamos essa ferramenta apenas para o recrutamento dos respondentes.

<sup>56</sup> Outros tantos até responderam que aceitariam, mas no processo de negociação, simplesmente deixaram de responder por diversos motivos, entre eles, principalmente “falta de tempo”.

<sup>57</sup> No final de cada entrevista encorajamos todos os entrevistados a indicarem pessoas na faixa entre os 18 e 24 anos que aceitariam participar também, mas não ficamos cobrando. Apenas os realmente interessados em contribuir desse modo fizeram suas indicações.

<sup>58</sup> Tradução nossa para *snowball sampling*.

Realizadas as entrevistas, partimos para a fase quantitativa e qualitativa, na análise das Linhas do Tempo dos perfis de Facebook dos entrevistados, conforme detalharemos mais à frente.

A amostragem por critério (FREITAS *et al.*, 2000), bem como a bola de neve, é não probabilística. Diferentemente das amostragens probabilísticas, as não probabilísticas e, particularmente, a por critério, são baseada nos grupos pré-definidos no caso a ser estudado (SANDELOWSKI, 2000). A “bola de neve” supõe que os indivíduos convidados a participar da pesquisa também chamem outras pessoas de sua rede de relacionamentos, e que esses novos participantes repitam a ação. À medida que os convidados vão aderindo e trazendo mais entrevistados voluntários, a “bola de neve” vai crescendo (HANDCOCK e GILE, 2011).

Sobre a utilização dos sites de redes sociais numa coleta de dados que utilize a técnica da bola de neve, Baltar e Brunet (2012) entendem que essa é uma forma legítima (embora ainda não completamente aceita pela comunidade científica) e mais eficaz de convidar indivíduos a participar, principalmente os “difíceis de alcançar”<sup>59</sup>. Assim como Baltar e Brunet (2012), Sadler e colaboradores (2010) enxergam as potencialidades do recrutamento de participantes por meio de sites de redes sociais, ressaltando que podem ajudar a direcionar a pesquisa para grupos específicos.

No caso dos recrutados via lista do PVS, o primeiro contato era via e-mail e, caso consentissem, direcionávamos a conversa, preferencialmente, para o Facebook<sup>60</sup>, onde era feito um “convite de amizade”. Em dois casos nos quais os entrevistados não tinham Facebook, seguimos para o WhatsApp e o Instagram<sup>61</sup>. Já com os entrevistados indicados, a conversa já foi feita diretamente por Facebook, considerando que quem havia indicado funcionou como um intermediário nessa primeira aproximação. Dos 14 sujeitos, 8 eram mulheres e 6 homens<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> Tradução nossa para *hard-to-reach*.

<sup>60</sup> Preferimos fazer o primeiro contato via e-mail explicando brevemente a pesquisa porque consideramos invasiva uma primeira abordagem via Facebook, que é um meio muito mais íntimo do que o correio eletrônico por possivelmente conter diversas informações pessoais. Além disso, uma primeira aproximação via Facebook poderia sofrer alto índice de rejeição graças ao fato dessa plataforma dar menor visibilidade às mensagens enviados por pessoas que ainda não se adicionaram na rede (muitas pessoas nem sabem como ver as mensagens daqueles que ainda não foram adicionados). No caso do WhatsApp, os sujeitos já haviam sido entrevistados uma primeira vez pelo Facebook e aceitaram dar seus números de telefone para que fossem novamente entrevistados por essa rede.

<sup>61</sup> O entrevistado que tinha deletado seu perfil no Facebook teve sua entrevista considerada, já a entrevistada que só tinha Instagram, decidimos não considerar sua entrevista por uma questão de foco.

<sup>62</sup> Esse número um pouco maior de mulheres ouvidas não foi exatamente planejado. Dentro dos 66 respondentes que concordaram participar das entrevistas e que estavam dentro da faixa etária dos 18 aos 24 anos, além de serem moradores do Grande Rio, 42 eram mulheres e 24 eram homens. Foram convocados os 40 primeiros, que correspondiam a 16 homens e 24 mulheres. Ou seja, desde o início, as

A definição do número de entrevistados se deu por meio de um critério conhecido como ponto de saturação. Fenômeno primeiramente descrito por Glaser e Strauss (1967), o ponto de saturação se dá quando a repetição indica que novos dados não estão sendo mais encontrados no campo de pesquisa. A saturação faz com que o pesquisador encontre categorias dentro dos grupos estudados e possibilita que as diferenças entre elas possam ser realçadas. Os questionamentos sobre a saturação na pesquisa qualitativa são inúmeros (FUSCH; NESS, 2015; MINAYO, 2017). Em sua revisão bibliográfica a respeito do tema, Minayo (2017) se refere a autores que se arriscam a apontar um número mínimo para a saturação, que poderia variar de 10 a 50 sujeitos investigados, sem que, no entanto, haja um consenso. Guest, Bunce e Johnson (2006) chegam a mencionar uma pesquisa realizada com mulheres na África Ocidental na qual a saturação foi alcançada com 12 entrevistadas, embora os dados básicos já tivessem sido obtidos com seis. Ainda sobre as discussões a respeito de quando se chega à saturação, há uma certa abstração do pesquisador, que pode ser problemática considerando “o caráter de abrangência das interconexões necessárias para a compreensão do objeto<sup>63</sup>” (MINAYO, 2017, p. 6).

Defensores da ideia de que saturação trata-se muito mais uma questão de encontrar informações suficientes do que propriamente uma busca numérica, Fusch e Ness (2015), sugerem um caminho para resolver esse ponto, que está longe de ser simples: fazer a combinação entre riqueza (camada de informações) e volume (quantidade). Essa abordagem corrobora o pensamento dos pioneiros Glaser e Strauss (1967), que também colocam em cena a subjetividade e a experiência dos pesquisadores na hora de definir que a saturação foi atingida. “Os critérios para determinar a saturação, então, são uma combinação dos limites empíricos dos dados, a integração e a densidade da teoria e a sensibilidade teórica do analista” (GLASER; STRAUSS, 1967, p. 62). Esse foi o caminho que procuramos seguir.

### 4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

Com os sujeitos que, na primeira fase da pesquisa (quantitativa), aceitaram contribuir com a segunda etapa (qualitativa), após terem assinado o Termo de Consentimento Livre e

---

mulheres se dispuseram mais a colaborar. Apenas por isso, elas representaram um maior número de participantes.

<sup>63</sup> Tradução nossa para *The criteria for determining saturation, then, are a combination of the empirical limits of the data, the integration and density of the theory, and the analyst's theoretical sensitivity.*

Esclarecido (TCLE)<sup>64</sup>, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, por meio de vídeo chamada via Facebook<sup>65</sup> e trocas de áudio por WhatsApp<sup>66</sup>, além de observação das interações nas “Linhas do Tempo”<sup>67</sup> (terceira etapa, quantitativa e qualitativa) e de seus perfis. Utilizamos esses três meios de coleta de informações quantitativas e qualitativas a respeito dos grupos estudados como forma de fazer uma triangulação de dados. A respeito desses três instrumentos da coleta de dados vale destacar os seguintes, conforme apresentamos abaixo.

### 4.3.1 Entrevistas semiestruturadas em rede (qualitativo)

As entrevistas semiestruturadas são aquelas que, apesar de não contarem com respostas fechadas, têm direcionamento que vai ao encontro aos objetivos da pesquisa. O entrevistado, nesse caso, tem liberdade para falar de sua experiência e impressões sobre o que lhe é perguntado. Geralmente, essas entrevistas contam com um roteiro prévio que serve como ponto de partida para as perguntas, o que não impede que novas questões sejam feitas de acordo com as respostas obtidas (MANZINI, 2004, 2012).

---

<sup>64</sup> O TCLE foi, primeiramente, enviado por meios digitais, num formulário da plataforma Google Formulários (<https://goo.gl/forms/khBwIfKUxD83NLNr1>). Posteriormente, mandamos uma cópia assinada pela pesquisadora responsável via Correios. Todas as eventuais dúvidas sobre a dinâmica que seria utilizada nas entrevistas foram tiradas. Antes que as entrevistas começassem, os entrevistados foram avisados de que tudo aquilo que fosse conversado estaria sendo gravado, entretanto o material ficaria restrito ao grupo de pesquisa Inter@ctiva, do qual fazemos parte. Todos eles também ficaram cientes de que eram protegidos pelo anonimato e de que não existiam respostas certas ou erradas. O fundamental era que compartilhassem livremente o que pensavam.

<sup>65</sup> Demos preferência à utilização de vídeo-chamadas, mas em casos pontuais em que o sujeito não tinha acesso ao recurso, seja por limitações técnicas de celular ou computador e mesmo Internet com sinal fraco, utilizamos a chamada de voz pelo Facebook. Também houve o caso de um entrevistado que havia abandonado o Facebook recentemente. Como alternativa, utilizamos uma sala privada do Appear.in para a conversa de vídeo (conforme sugestão do entrevistado, até como uma forma de entender porque deixou de utilizar o Facebook. Tudo foi gravado com o recurso do Estúdio de Criação do Youtube que capta e guarda todas as imagens e áudios de forma privada. Além disso, cinco entrevistas precisaram ser refeitas por conta de um problema de áudio na gravação dos vídeos. Como uma forma de deixar mais ágil e simples o processo, melhorando assim a adesão dos “reentrevistados”, decidimos fazer troca de áudio pelo WhatsApp. Em todos os casos, os registros em áudio foram transcritos.

<sup>66</sup> A troca de áudio de WhatsApp tem como característica a assincronicidade. Diferentemente das chamadas de vídeo, nesse caso o entrevistado dispõe da possibilidade de parar, pensar e formular sua resposta com certa tranquilidade. Nesses casos, as respostas pareceram se tornar um pouco mais longas e mais bem elaboradas, mas não mudaram o cerne das respostas, pelo que nos recordamos.

<sup>67</sup> Segundo o Facebook ([s.d.], [s.p.]), “a Linha do Tempo é onde você pode ver suas publicações ou as publicações em que você foi marcado organizadas por data. A Linha do Tempo também faz parte do perfil”.

A decisão de fazer entrevistas usando a mediação das chamadas de vídeo por Facebook e por troca de áudios de WhtasApp é respaldada por autores que defendem que o *online* faz parte do nosso dia a dia, não nos torna ciborgues ou seres que se relacionam de forma mais artificial por isso, como Miller e Horst (2015). Nessa visão, os meios digitais estariam mudando a forma de mediação, mas isso não implicaria na perda do caráter humano. Sobre isso, Miller (2013)<sup>68</sup>, em entrevista concedida à Monica Machado, na revista Z Cultural, entende que as relações que se dão nos meios digitais são tão legítimas quanto as interações face a face. O autor é enfático ao defender que o digital é material.

Por sinal, outros pesquisadores têm utilizado os recursos de vídeo chamada disponíveis nos sites de redes sociais para conduzir entrevistas no lugar do contato presencial, como Kohl e Gotzenbrucker (2014) e Lara e Campos (2016). Reforçando as potencialidades de entrevistas por meio de videoconferências, autores como Deakin e Wakefield (2014) e Janghorban, Roudsari e Taghipour (2014) explicam que, dessa forma, é possível alcançar mesmo os sujeitos que estejam longe do pesquisador, reduzindo custos e possibilitando investigações que dificilmente contariam com recursos para maiores deslocamentos.

### **4.3.2 Linha do Tempo no Facebook (quantitativo e qualitativo)**

Com os sujeitos que participaram das entrevistas semiestruturadas e que permitiram que visualizássemos suas “linhas do tempo” no Facebook (tanto nos adicionando como manifestando verbalmente que concordam), fizemos uma observação de suas interações visíveis<sup>69</sup> durante seis meses (de julho a dezembro de 2017). A ideia foi identificar e analisar apenas as postagens<sup>70</sup> que tivessem relação com questões sustentáveis relacionadas ao meio

---

<sup>68</sup> O autor é um dos pioneiros da antropologia digital e, como tal, referência no tema.

<sup>69</sup> De acordo com as configurações de privacidade, é possível que uma postagem fique restrita a um grupo específico de pessoas. A esse respeito, ficamos sujeitos a ver o que o sujeito nos permite em seus critérios de privacidade no Facebook.

<sup>70</sup> Em imagens, comentários em textos e vídeos feitas pelos seus amigos, mas que apareçam nas “linhas do tempo” dos sujeitos investigados.

ambiente<sup>71</sup>, tendo em vista as interações<sup>72</sup> suscitadas para, desse modo, investigar as trocas realizadas.

## 4.4 ESTRATÉGIA DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O processo de análise e interpretação de dados passou por duas fases, que são explicitadas abaixo por meio, em primeiro lugar, de um quadro de análise e interpretação dos discursos especialmente construído para nossa pesquisa e, em segundo, de um outro quadro de análise da Linha do Tempo no Facebook, no período de julho a dezembro de 2017.

### 4.4.1 Quadro de análise e interpretação dos discursos

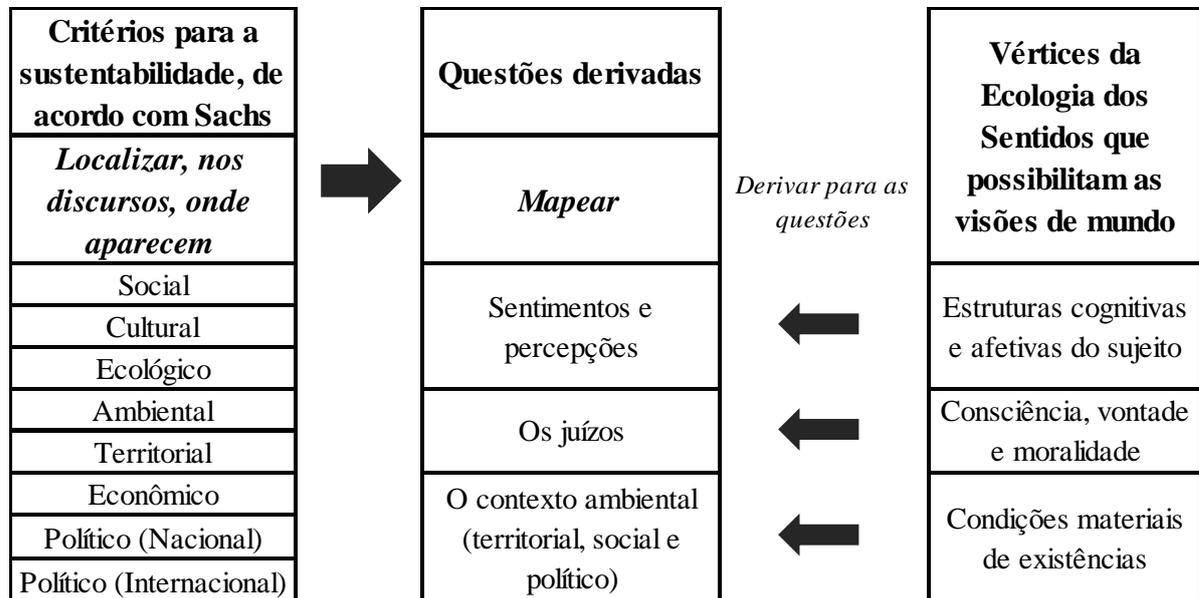
Conforme o esquema da figura 4 (p. 60), para essa análise e interpretação do discurso, propomos um modelo integrando a visão de Sachs (2002) a respeito dos oito pilares da sustentabilidade: Social, Cultural, Ecológico, Ambiental, Territorial, Econômico, Político (Nacional), Político (Internacional) e a Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011). Observando os oito pontos da primeira, foi-nos possível ligá-los aos três vértices que possibilitam as construções de visões de mundo, de acordo com a Ecologia dos Sentidos: as estruturas cognitivas e afetivas do sujeito; a consciência, vontade e moralidade; as condições materiais de existências (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011). Apresentamos as relações a partir das quais relacionamos nosso quadro teórico com a metodologia com o esquema a seguir. Dessa conjunção, emergem as seguintes questões a serem mapeadas nos discursos: a afetividade e os sentimentos envolvidos nas percepções dos sujeitos, os juízos normativos que estes fazem se utilizando da argumentação racional languageira, e o contexto ambiental (territorial, social, econômico e político), que podemos ler também como o ambiente psicossocial dos sujeitos.

---

<sup>71</sup> Postagens de fotos que mostraram conexão com o meio ambiente foram consideradas, mas apenas aquelas em que esse contexto ficava claro. Alguns entrevistados, por exemplo, moravam em regiões próximas de áreas de proteção ambiental e nos relataram frequentar e ajudar a preservar. Por outro lado, situações em que os ambientes naturais foram usadas apenas como pano de fundo, como amigos reunidos na praia, não foram consideradas.

<sup>72</sup> Tanto as curtidas e suas derivações (“amei”, “haha”, “uau”, “triste”, “gr”) como os compartilhamentos e comentários.

**Figura 4 - Modelo de integrativo entre os oito critérios de sustentabilidade e a Ecologia dos Sentidos**



Considerando o modelo integrativo descrito acima, para dar conta dessa apreciação dos dados recolhidos lançamos mão da **Lógica Natural** de Grize (1993). A Lógica Natural pode ser vista tanto como uma subdisciplina dentro da lógica, como quanto um instrumento metodológico de análise do discurso. Ela é constituída de objetos e de operações sobre objetos e também - o que é uma novidade em lógica, normalmente uma disciplina objetivista - sobre sujeitos. Trata-se, portanto, de uma lógica discursiva que trata dos objetos dos discursos e de como os sujeitos coconstroem os sentidos. Ainda que seja um campo bastante complexo, simplificamos seu uso para fins dessa dissertação. Focalizamos apenas na análise discursiva, limitando-nos a duas operações principais, muito embora ela possua várias outras operações que serão ignoradas. As operações que utilizaremos são:

- $\alpha$  (alfa)  $\rightarrow$  as operações alfa identificam os objetos do discurso. Nessa ótica, os objetos discursivos podem ser pessoas ou coisas (materiais ou imateriais);
- $\tau$  (tau)  $\rightarrow$  as operações tau indicam as configurações dos sentidos e formam agrupados semânticos dentro de um discurso: “São o que organizam os discursos” (GRIZE, 1993), e “ (...) Expressam, portanto, vividos enraizados em corpos e mentes em interação com o meio ambiente social e natural” (CAMPOS, 2017, p. 377). Trata-se, para simplificar, do conjunto de afirmações que encontramos normalmente em frases.

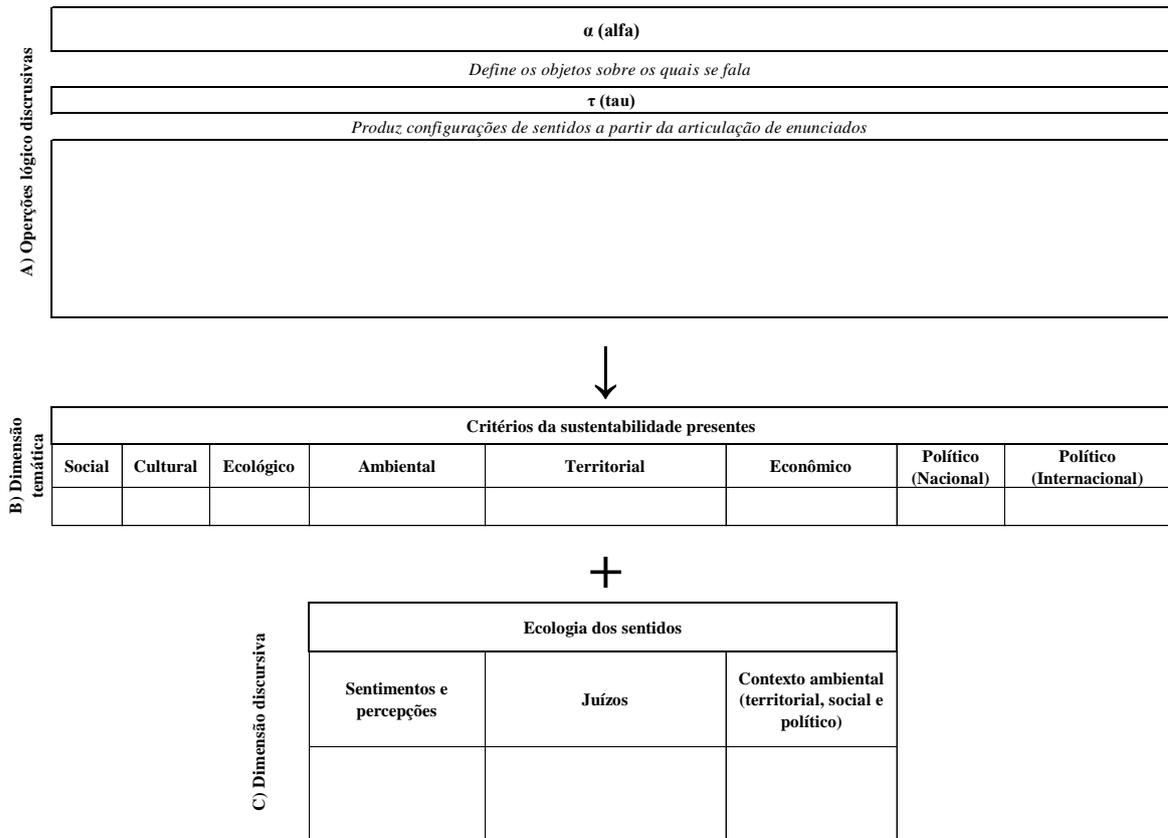
Aplicando essas duas operações da lógica discursiva de Grize (1993), foi possível mapear que critérios de sustentabilidade (SACHS, 2002) que estavam presentes nos discursos dos entrevistados, em termos de sentimentos e percepções e juízos (afirmações valorativas derivadas das percepções que os sujeitos tinham de seus sentimentos), levando em conta o contexto ambiental estão inseridos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011). Construimos, assim, um quadro de análise linear por etapas (Figura 5, abaixo, p. 62):

- A) A partir da seleção dos trechos mais relevantes da pesquisa<sup>73</sup>, aqueles que mais ajudam a indicar as ideias (representações das imagens de mundo levando a configurações de sentidos), construídas pelos jovens sobre meio ambiente nas redes, fizemos uma identificação das operações lógico discursivas  $\alpha$  (alfa) e  $\tau$  (tau) nos discursos dos entrevistados;
- B) Identificação dos critérios de sustentabilidade presentes nos discursos, de acordo com as operações lógico-naturais identificadas na etapa anterior;
- C) Análise teórica em relação aos principais sentimentos e percepções e juízos identificados, em função do contexto ambiental (territorial, social e político).

---

<sup>73</sup> É importante lembrar que, nas transcrições, mesmo aquilo que poderia ser considerado desvio na norma culta da língua ou mesmo coloquialismo excessivo foi mantido. A intenção, com isso, não foi desqualificar os sujeitos, mas sim manter o máximo de integridade possível. Também não fizemos um trabalho de adequação da fala oral para a realidade do texto escrito, o que pode gerar certa estranheza na leitura de certos momentos de digressão ou hesitação. As entrevistas se deram em um clima bastante informal, intencionalmente, para que os entrevistados pudessem se sentir confortáveis para falar sobre suas ideias, expressando seus sentimentos, juízos e percepções sobre o tema da pesquisa. Quisemos manter isso nos trechos apresentados por considerarmos importante a riqueza presente na fala espontânea.

**Figura 5 – Quadro de análise e interpretação dos discursos**



Como as entrevistas foram semiestruturadas, com respostas abertas, é importante ressaltar que nem tudo o que foi dito pelos entrevistados foi analisado detalhadamente. Nosso critério de amostragem das respostas, nesse caso, considerou apenas todos os discursos que falassem diretamente sobre o tema de nossa pesquisa. Buscamos fazer as perguntas como numa entrevista jornalística ideal, em que o entrevistador busca saber tanto quanto possível sobre o tema de sua pauta, mas sem conduzir as respostas dos entrevistados a uma resposta pré-esperada<sup>74</sup>. Embora a subjetividade dos entrevistadores esteja presente nas entrevistas, considerando a interação estabelecida, o foco da análise esteve na emergência da subjetividade dos entrevistados, presente em seus discursos.

<sup>74</sup> Os dois pesquisadores responsáveis começaram suas carreiras profissionais como jornalistas. Nos questionamos se a experiência anterior muito intensa com entrevistas ajudaria ou atrapalharia. Então, combinamos que usaríamos os anos de atuação na imprensa a nosso favor, principalmente na tarefa de fazer o entrevistado se sentir confortável para falar o que realmente estivesse pensando, e isso incluía fazer perguntas da forma mais coloquial possível. Entretanto, tomaríamos muito cuidado para evitar um hábito bastante comum no meio jornalístico, que é responder pelo entrevistado ou conduzi-lo a dizer o que queremos para a entrevista acabar logo e já com o fim esperado. Aliás, a entrevista começava com o aviso de que não existiam respostas certas ou erradas e que nosso objetivo era apenas o de conhecer o que nossos entrevistados pensavam e, portanto, que a sinceridade era essencial.

#### 4.4.2 Quadro de análise e interpretação da Linha do Tempo (quantitativo e qualitativo)

De modo a complementar a análise dos discursos dos entrevistados, lançamos mão de outro quadro, quantitativo e qualitativo, para analisar a Linha do Tempo dos entrevistados no Facebook<sup>75</sup>.

A análise e interpretação de Linha do Tempo, conforme a Figura 6 (p. 64), apresentada abaixo, levou em consideração os seguintes pontos:

- A) Número total de postagens sobre questões ambientais;
- B) Números de “amigos” no Facebook (informação que serviu para se chegar ao percentual de “amigos” envolvidos e padrões quantitativos de interação);
- C) Interações entre “amigos” em cada um dos *posts*, compostas das curtidas e suas derivações (por exemplo, “amei”, “haha”, “uau”, “triste”, “grr”);
- D) Número de compartilhamentos e comentários em cada um dos *posts*;
- E) Tema da postagem;
- F) Classificação em quais dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que se enquadra a postagem.

---

<sup>75</sup> Um dos entrevistados havia acabado de excluir seu perfil no Facebook quando o entrevistamos. Nesse caso, não tivemos acesso à sua Linha do Tempo.

Figura 6 – Análise e interpretação da Linha do Tempo

<b>A</b>	Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis							
<b>B</b>	Números de amigos no Facebook							
<b>C</b>	Interações dos amigos	<b>Post 1</b>		<b>Post 2</b>		<b>Post 3</b>		Total em números absolutos
		% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	
	curtidas							
	“amei”							
	“haha”							
	“Uau”							
	“Triste”							
	“Grr”							
	<b>Total</b>							
<b>D</b>	Compartilhamentos							
	Comentários							
<b>E</b>	Tema							
<b>F</b>	Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra							
	Social							
	Cultural							
	Ecológico							
	Ambiental							
	Territorial							
	Econômico							
	Político Nacional							
Político Internacional								

## 5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

No capítulo a seguir, iremos apresentar os dados coletados nas entrevistas e nas análises e interpretações de Linha do Tempo<sup>76</sup> dos 14 entrevistados<sup>77</sup>. Logo em seguida, faremos uma análise detalhada do discurso por meio da Lógica Natural, considerando os critérios de sustentabilidade que irão preencher, bem como os sentimentos e percepções, juízos e contexto ambiental localizados na fala. Nas suas linhas do tempo, buscaremos definir os critérios de sustentabilidade e tema. Ao final, será realizada uma análise global, buscando ressaltar as recorrências nas falas dos entrevistados como: agendamento da mídia influenciando na escolha do que é postado; vegetarianismo e veganismo; o papel da educação formal na conscientização ambiental; proximidade das áreas verdes e conexão com o meio ambiente; engajamento e otimismo versus pessimismo nas questões ambientais.

### 5.1 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES INDIVIDUAIS

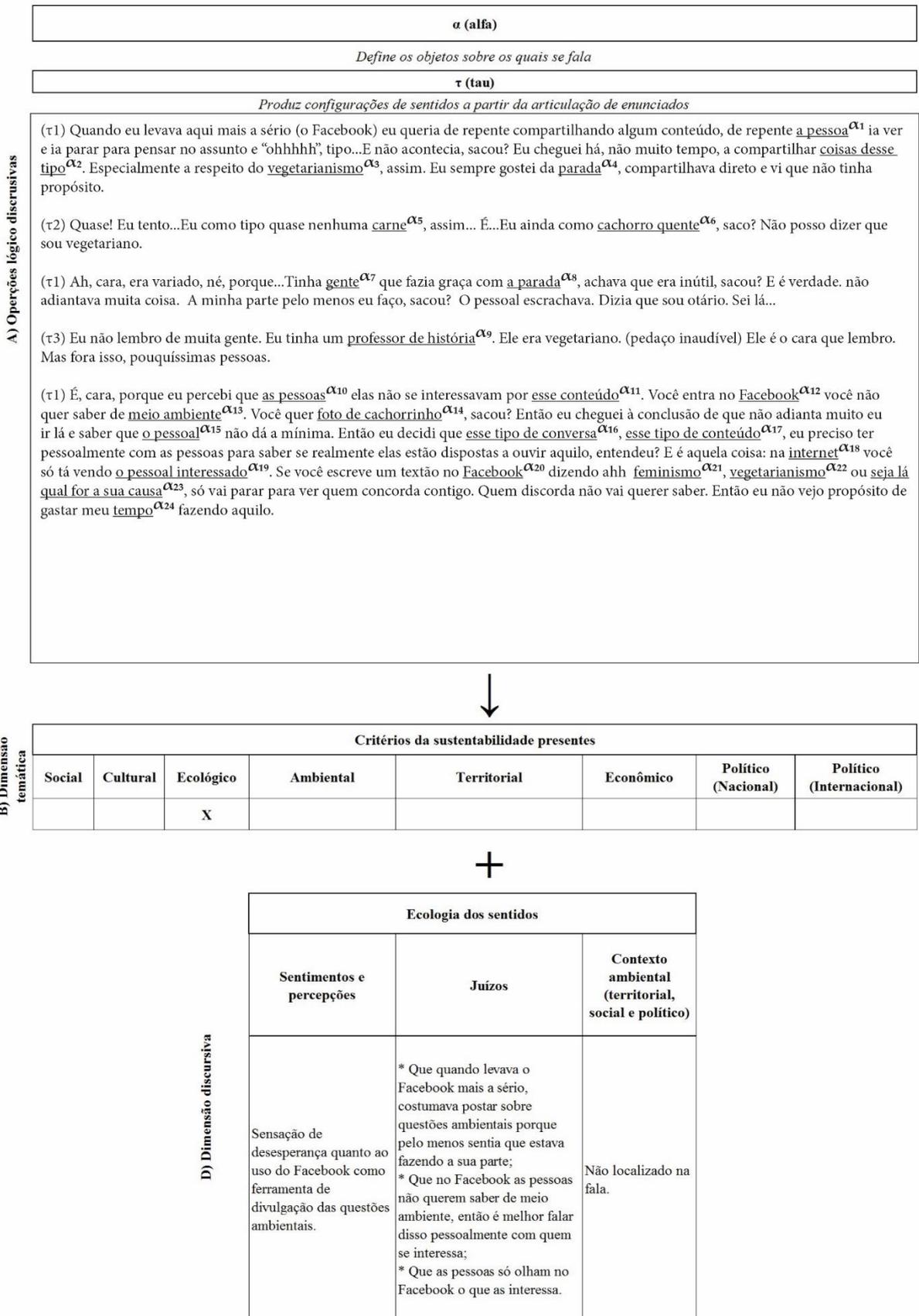
#### 5.1.1 Análise e interpretação dos dados de Lucas

---

<sup>76</sup>Analizamos de todos os entrevistados, mas só apresentaremos os dados daqueles que realmente tenham postagens sobre questões ambientais. Desse modo, deixamos claro que quando não for exibida a tabela com análise de Linha do Tempo, significa que aquele entrevistado não fez *posts* sobre questões ambientais no período analisado (de junho a dezembro de 2017).

<sup>77</sup>Para mantermos o anonimato dos entrevistados, demos a eles pseudônimos de acordo com a ferramenta do IBGE chamada Nomes do Brasil (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), [s.d.]), que releva a frequência de nomes de acordo com período e estado no país. Para isso, selecionando os oito nomes femininos e os seis masculinos mais populares no Rio de Janeiro, na década de 1990, período em que a maior parte dos entrevistados havia nascido. Vale ressaltar que nenhum pseudônimo coincidiu com o nome real do entrevistado. Fizemos questão de dar pseudônimos femininos as entrevistadas do gênero feminino e masculinos aos entrevistados do gênero masculino. Dessa forma, caso surgisse alguma recorrência que pudesse ter relação com as questões de gênero, poderíamos fazer esse tipo de link. Por ordenar a sequência das entrevistas, utilizamos o critério cronológico, simplesmente porque ele nos ajudou a localizar temporalmente as entrevistas, facilitando a lembrança de qualquer eventual dado curioso.

**Figura 7 - Análise e interpretação dos discursos de Lucas**



Lucas é o único dos 14 sujeitos da pesquisa que deixou de ter perfil no Facebook recentemente. Quando entramos em contato, ele ainda tinha, mas logo deletou porque, segundo o que nos contou, isso estava virando um vício em sua vida que o estava impedindo de produzir. Desse modo, não houve tempo hábil para uma análise de Linha do Tempo.

A fala desse entrevistado é profundamente marcada por uma sensação de desesperança quanto ao uso do Facebook como ferramenta de divulgação das questões ambientais. Nesse caso, o entrevistado chega a relatar que teve “amigos” que debochavam dele quando fazia *posts* sobre vegetarianismo ou veganismo, que são temas que ele associa à questão ambiental, preenchendo assim o critério ecológico da sustentabilidade, segundo Sachs (2002). Por conta desses relatos, diz ter deixado de postar sobre isso e decidiu conversar pessoalmente, apenas com os “amigos” interessados.

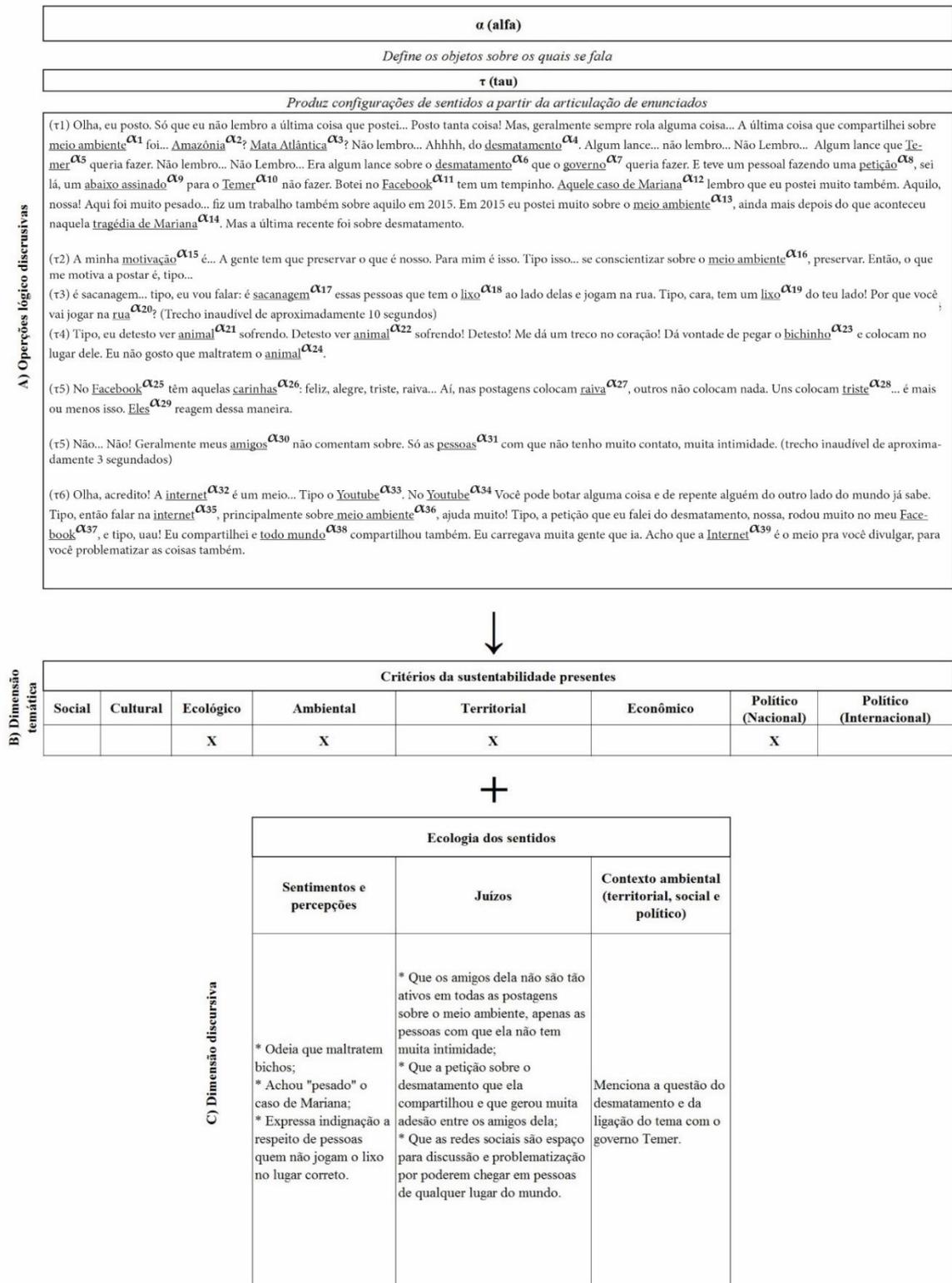
Com relação à análise discursiva por meio da Lógica Natural pudemos localizar: em  $\tau_1$ , que tipos de postagens sobre meio ambiente que Lucas fazia quando ainda tinha perfil no Facebook; em  $\tau_2$ , ele contando que é “quase” vegetariano; em  $\tau_3$ , ele falando da única pessoa que via postando sobre questões ambientais.

A respeito dos critérios de sustentabilidade, Lucas abordou o ecológico, considerando que tem um viés de proteção à natureza. Já seus juízos expressos foram:

- Que quando levava o Facebook mais a sério, costumava postar sobre questões ambientais porque pelo menos sentia que estava fazendo a sua parte;
- Que no Facebook as pessoas não querem saber de meio ambiente, então é melhor falar disso pessoalmente com quem se interessa;
- Que as pessoas só olham no Facebook o que as interessa.

### 5.1.2 Análise dos dados de Ana

Figura 8 - Análise e interpretação dos discursos de Ana



**Figura 9 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Ana**

<b>A</b>	Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis	1		
<b>B</b>	Números de amigos no Facebook	985		
<b>C</b>	Interações dos amigos	<b>Post 1</b>		Total em números absolutos
		% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	
	curtidas	0,51%	5	5
	“amei”	0,91%	9	9
	“haha”	0,00%	0	0
	“uau”	0,00%	0	0
	“triste”	0,00%	0	0
	“grr”	0,00%	0	0
<b>Total</b>	1,42%	14	14	
<b>D</b>	Compartilhamentos	<b>0</b>		0
	Comentários	<b>0</b>		0
<b>E</b>	Tema	Compartilhamento sobre uma matéria a respeito um projeto social que arrecada água para moradores de Gramacho e no qual ela foi voluntária.		
<b>F</b>	<b>Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra</b>			
	Social			
	Cultural			
	Ecológico		<b>X</b>	
	Ambiental			
	Territorial			
	Econômico			
	Político Nacional			
Político Internacional				

Ana, em sua fala, traz questões como o desastre ambiental causado pela Samarco em Mariana, desmatamento e o decreto do presidente Temer que ampliaria a área de exploração

mineral na Amazônia<sup>78</sup> e, com isso, aborda os seguintes critérios de sustentabilidade: ecológico, ambiental, territorial e político (nacional).

Diferentemente de diversos outros entrevistados, Ana se mostra otimista com relação às redes sociais como propagadoras de questões ambientais, mesmo que seus “amigos” não interajam muito com seus posts sobre questões ambientais. Inclusive, pudemos confirmar com a análise da única postagem a respeito que encontramos nos seis meses analisados. Ao todo, contou com 1,42% de envolvimento dos “amigos” dela no Facebook.

Com esses pontos, Ana aborda os critérios ambiental, ecológico, territorial e político (nacional) da sustentabilidade, segundo Sachs (2002).

Com relação à análise discursiva por meio da Lógica Natural pudemos localizar: em  $\tau_1$ , alguns detalhes sobre seus *posts* a respeito de questões ambientais; em  $\tau_2$ , a motivação dessas postagens; em  $\tau_3$ , a entrevistada contando que odeia que joguem lixo na rua; em  $\tau_4$ , ela dizendo que odeia ver animais sofrendo; em  $\tau_5$ , a reação de seus “amigos” às suas postagens sobre questões ambientais; em  $\tau_6$  sua crença de que as redes sociais são um importante meio de propagação das causas ambientais.

Muito espontânea, Ana expressou a percepção de que odeia que maltratem os bichos, que o caso de Mariana foi muito “pesado” e que se sente indignada com as pessoas não jogam o lixo no lugar correto. O “lixo no lugar do lixo”.

Sobre os principais juízos que fez, podemos listar:

- Que os “amigos” dela não são tão ativos em todas as postagens sobre o meio ambiente, apenas as pessoas com que ela não tem muita intimidade;
- Que a petição sobre o desmatamento que ela compartilhou e que gerou muita adesão entre os “amigos” dela;
- Que as redes sociais são espaços para discussão e problematização por poderem chegar em pessoas de qualquer lugar do mundo.

### 5.1.3 Análise dos dados de Gabriel

#### Figura 10 - Análise e interpretação dos discursos de Gabriel

---

<sup>78</sup> A entrevistada não fala claramente dessa forma porque não se recorda ao certo, mas as coordenadas que dá nos leva a entender que é a isso a que se referiu, já que falamos de Temer e desmatamento no mesmo período desse decreto, que aliás já foi revogado.

**α (alfa)**

*Define os objetos sobre os quais se fala*

**τ (tau)**

*Produz configurações de sentidos a partir da articulação de enunciados*

A) Operações lógico discursivas

(r1) Então, há uns dois três anos atrás eu costumava sim fazer **postagens**<sup>α1</sup> referentes à preservação e conscientização da população quanto ao **meio ambiente**<sup>α2</sup>. Também compartilhava **postagem**<sup>α3</sup> de páginas ou de **projetos sociais**<sup>α4</sup> que tinham o objetivo de conscientizar, né, a **população**<sup>α5</sup>. Ainda mais **comunidade**<sup>α6</sup>. Ensinar as **pessoas mais nova**<sup>α7</sup>, no caso **crianças**<sup>α8</sup>, do **reaproveitamento de materiais**<sup>α9</sup>, **reciclagem**<sup>α10</sup>, **alimentos**<sup>α11</sup> também que podem ter sendo reaproveitado para **fazer** outras coisas e mais. Ultimamente não tenho postado nada, nada disso não pelo... Assim, um desvio mesmo... Uma mudança de foco da coisa. E tempo também. Tudo isso incluso.

(r2) Mas quanto a isso, tem **uma frase**<sup>α12</sup> que eu gosto bastante. Ela diz assim: "muitos querem **sombra**<sup>α13</sup>, mas poucos plantam **árvores**<sup>α14</sup>" e eu acho que ela diz muito sobre o que tá acontecendo ultimamente no **mundo**<sup>α15</sup>.

(r1) Eu acredito que tenha sido pela minha mudança de...de **rotina**<sup>α16</sup> de **planos**<sup>α17</sup> de... do **dia-a-dia**<sup>α18</sup>, porque antigamente eu tinha... eu tinha um tempo mais dedicado para isso. Eu tinha interesse em estudar mais sobre essa **área de ambiente**<sup>α19</sup>, **ecologia**<sup>α20</sup> e tudo mais. E hoje em dia não desperta tanto como como antes e... assim, hoje eu tenho uma **visão**<sup>α21</sup> um pouco diferente do que eu via antes, entendeu? Achava que tudo seria mais fácil se só **as pessoas**<sup>α22</sup> se moverem para **fazer pequenas coisas**<sup>α23</sup>, mas hoje em dia eu vejo que não é exatamente só isso. Tem coisas, muito mais coisas por trás disso.

(r3) Então, eu vejo o que a **globalização**<sup>α24</sup> trouxe uma porção de **benefícios**<sup>α25</sup>, mas também trouxe **malefícios**<sup>α26</sup>, né? E a parte negativa eu aponto exatamente para essa parte, essa **questão ambiental**<sup>α27</sup>, né? O que pode ser que uma **pequena população**<sup>α28</sup> faça a sua parte, contribua, evite coisas que vêm a degradar o **meio ambiente**<sup>α29</sup>, mas, aí, a cada dia que passa, nasce uma indústria, que poucas visam esse... esse cuidado com o meio ambiente. Muitos trabalham em condições **precarías**<sup>α30</sup>. E é por aí. Eu acredito que a **massa**<sup>α31</sup>, assim todas **as pessoas**<sup>α32</sup> que lideram, que têm um poder, que deveriam tomar uma atitude que viesse a ser mais eficaz. Não é só contar com a ajuda das pessoas. Assim, também, como **as pessoas**<sup>α33</sup> não deveriam contar só com a ajuda daqueles que estão por cima, né? Do **governo**<sup>α34</sup>, **dessas indústrias**<sup>α35</sup>, e por aí...

(r1) Está correto! [resposta digitada em texto]

(r1) Isso mesmo! Tá tudo correto. É um pouco até estranho entender porque. Ahhhh, eu que sempre acreditei num **mundo melhor**<sup>α36</sup> e tudo mais, aí desisto de tá transmitindo informação, tá fazendo críticas, tá fazendo um alerta às pessoas. Que a gente sabe que muitas pessoas usam **Facebook**<sup>α37</sup> e **redes sociais**<sup>α38</sup> e sempre veem. Mas e a gente também sabe que essa coisa não tem... não vem sendo, não vem tendo a atenção que merece. Não que eu tenha desistido totalmente de lutar por isso, mas eu tenho outras... Eu vejo o que eu posso cobrar de... dos **outros setores**<sup>α39</sup>. É só isso, porque eu... é por aí.

(r3) Acredito que não. :/ [resposta escrita]

(r4) Sim. [resposta escrita]

(r4) Ah, tenho sim! Tem bastantes **amigos**<sup>α40</sup> que têm interesse nessa área. Um pessoal que tem vontade de cursar **ecologia**<sup>α41</sup>, **biologia**<sup>α42</sup>. Quando eu morava no **Município de Magé**<sup>α43</sup>, tinha um **pessoal**<sup>α44</sup> lá que se reunia para discutir **questões ambientais**<sup>α45</sup>. Pra tá fazendo **decoração da cidade**<sup>α46</sup> com **produtos reciclados**<sup>α47</sup>, preservando a **natureza**<sup>α48</sup>, assim... **Cachoeiras**<sup>α49</sup> de lá bem limpas. **A Bruna**<sup>α50</sup> mesmo, aquela que eu te passei o contato. Tem o **Breno**<sup>α51</sup>. É um **pessoal**<sup>α52</sup> que... que se interessa bastante por isso. Que gosta. Quando eu cursava o **ensino médio**<sup>α53</sup>, também tinha **uma galera**<sup>α54</sup> que estava na **minha classe**<sup>α55</sup> que, também, assim... demonstrava muito importante, né? Até mesmo com a **preservação escola**<sup>α56</sup>, que também tinha um bom espaço, que tinha **árvores**<sup>α57</sup> e tudo mais. A gente fazia, né, a **limpeza**<sup>α58</sup> do local às vezes. Fazendo a nossa parte.

(r4) Eles faziam muita **postagem**<sup>α59</sup>, assim... sobre o trabalho deles, né? Tanto com a **divulgação**<sup>α60</sup> quanto com os **resultados**<sup>α61</sup>.

(r4) Ah, isso tinha! Ganhava uma **popularidade**<sup>α62</sup> uma **reputação**<sup>α63</sup>... Era **reputação**<sup>α64</sup>, assim mas vou voltada para o **pessoal da região**<sup>α65</sup> mesmo, né? Lá eles eram muito muito ligados nessa coisa de **preservação**<sup>α66</sup>. Pessoal da... lá dos **bairros próximos**<sup>α67</sup>. Sempre acharam bacana. O **trabalho**<sup>α68</sup> deles era uma coisa, assim... Mais ficava entre **eles**<sup>α69</sup>, ali mesmo.

(r5) Pouquíssimo comentado. **As pessoas**<sup>α70</sup> interagiram muito mal, muito mal.

(r5) Eu acredito que seja pelo fato de eu ter poucos **amigos**<sup>α71</sup> nas redes. E esse pouco que eu tinha era **uma pessoa**<sup>α72</sup> que não se interessava muito. Então, **eles**<sup>α73</sup> não interagiam.



B) Dimensão temática

Critérios da sustentabilidade presentes							
Social	Cultural	Ecológico	Ambiental	Territorial	Econômico	Político (Nacional)	Político (Internacional)
	X	X		X	X	X	X



C) Dimensão discursiva

Ecologia dos sentidos		
Sentimentos e percepções	Juízos	Contexto ambiental (territorial, social e político)
Descrença no poder individual de contribuir com as questões ambientais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Que a globalização trouxe benefícios, mas também trouxe malefícios;</li> <li>* Que "muitos querem sombra, mas poucos plantam árvores";</li> <li>* Que tudo seria mais fácil se só as pessoas se moverem para fazer pequenas coisas, mas hoje em dia eu vejo que não é exatamente só isso. Tem coisas, muito mais coisas por trás disso.</li> <li>* Que individualmente há pouco o que se fazer pelo meio ambiente e que isso deve ser mais cobrado de empresas e líderes;</li> <li>* Considera que quando limpava a escola com os colegas estava fazendo sua parte;</li> <li>* Que seus amigos de Magé faziam posts sobre o meio ambiente e que tinham boa adesão, mas apenas da população local, que também estava em contato com a natureza;</li> <li>* Que quando fazia posts sobre o meio ambiente, poucos amigos se interessavam.</li> </ul>	Morou no município de Magé, estudando com colegas preocupados com a questão ambiental e próximo de áreas verdes.

Durante a entrevista, Gabriel nos contou que há alguns anos costumava postar em seu Facebook sobre as questões ambientais. Mas agora não costuma fazer mais isso, fato que comprovamos ao analisar sua Linha do Tempo e realmente não encontrar esse tipo de postagem.

Ele explicou que antes acreditava que ajudar a conscientizar as pessoas poderia contribuir com as questões ambientais, mas que agora ele considera que empresas e líderes é que devem ser cobrados.

Por si só, Gabriel também falou de globalização, que segundo ele tem um lado positivo, mas também tem seus males. Entre esses efeitos negativos estariam o passivo ambiental das grandes indústrias. Esse tema, por sinal, foi o responsável por localizarmos os seguintes critérios de sustentabilidade: cultural, ecológico, econômico, político nacional e político internacional.

Outro ponto interessante da entrevista é quando Gabriel menciona seus amigos de Magé, alguns deles, inclusive, também foram nossos entrevistados, por indicação dele. Ele fala que esses jovens costumavam postar bastante sobre as questões ambientais da região e tinham bastante adesão, mas apenas local. Sobre essa fala, é possível fazer uma conexão entre proximidade de áreas verdes com a conscientização e interesse pela questão do meio ambiente. Falar sobre Magé, aliás, nos ajudou a conhecer parte de seu contexto ambiental.

Com relação à análise discursiva por meio da Lógica Natural,  $\tau_1$  remete aos motivos pelos quais Gabriel não posta mais sobre as questões ambientais;  $\tau_2$  marca o trecho em quando usa a frase “muitos querem sombra, mas poucos plantam árvores”, representando o que ele entende que está acontecendo no mundo;  $\tau_3$  quando fala dos benefícios e principalmente dos impactos negativos da globalização;  $\tau_4$  é sobre “amigos” que têm interesse e postam sobre as questões ambientais;  $\tau_5$  aborda o desinteresse ambiental dos demais “amigos” dentro e fora das redes sociais, bem como os motivos para isso.

A única percepção que pudemos destacar no discurso de Gabriel foi a descrença no poder individual de contribuir com as questões ambientais. Já seus principais juízos foram:

- Que a globalização trouxe benefícios, mas também trouxe malefícios;
- Que “muitos querem sombra, mas poucos plantam árvores”;
- Que tudo seria mais fácil se só as pessoas se moverem para fazer pequenas coisas, mas hoje em dia vê que não é exatamente só isso. Têm coisas, muito mais coisas por trás disso;
- Que individualmente há pouco o que se fazer pelo meio ambiente e que isso deve ser mais cobrado de empresas e líderes;
- Considera que quando limpava a escola com os colegas estava fazendo sua parte;

- Que seus “amigos” de Magé faziam *posts* sobre o meio ambiente e que tinham boa adesão, mas apenas da população local, que também estava em contato com a natureza;
- Que quando fazia *posts* sobre o meio ambiente, poucos “amigos” se interessavam.

### 5.1.4 Análise dos dados de Felipe

**Figura 11 - Análise e interpretação dos discursos de Felipe**

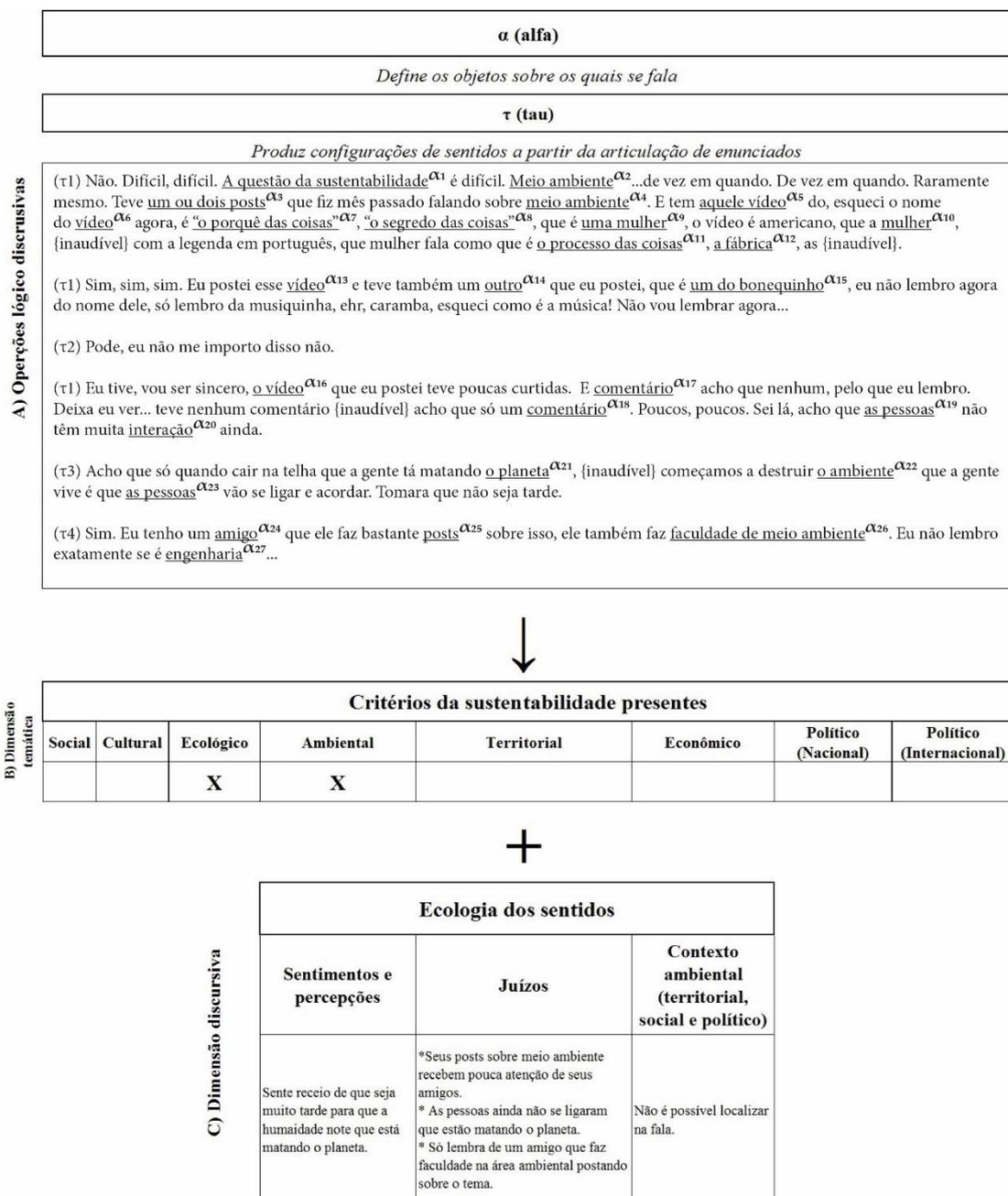


Figura 12 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Felipe

<b>A</b>	Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis	2				
<b>B</b>	Números de amigos no Facebook	873				
<b>C</b>	Interações dos amigos	Post 1		Post 2		Total em números absolutos
		% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	
	curtidas	0,11%	1	0,23%	2	3
	“amei”	0,00%	0	0,00%	0	0
	“haha”	0,00%	0	0,23%	2	2
	“Uau”	0,00%	0	0,00%	0	0
	“Triste”	0,57%	5	0,00%	0	5
	“Grr”	0,11%	1	0,00%	0	1
	<b>Total</b>	<b>0,80%</b>	<b>7</b>	<b>0,46%</b>	<b>4</b>	<b>11</b>
<b>D</b>	Compartilhamentos	0		0		
	Comentários	0		0		
<b>E</b>	Tema	Compartilhamento sobre campanha conta o desmatamento.		Compartilhamento de charge sobre Mudanças climáticas.		
<b>F</b>	<b>Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra</b>					
	Social					
	Cultural					
	Ecológico	X		X		
	Ambiental	X				
	Territorial					
	Econômico					
	Político Nacional					
Político Internacional						

Em sua fala, Felipe expressou que tem certo interesse pelas questões ambientais, o que foi confirmado por seus dois *posts* sobre questões ambientais. O jovem também expressou acreditar que seus “amigos” não acompanham muito esse interesse, o que também foi

confirmado nos percentuais de “amigos” envolvidos baixo em ambos os *posts*, com 0,8% e 0,46%.

Em seu discurso,  $\tau_1$  se referia às postagens que faz sobre as questões ambientais;  $\tau_2$  fala sobre ele concordar ter sua Linha do Tempo analisada;  $\tau_3$  fala de seu receio sobre a humanidade não estar notando que está “matando o planeta” e em  $\tau_4$  conta sobre o seu único amigo que faz postagens sobre a questão ambiental.

Seus principais juízos foram:

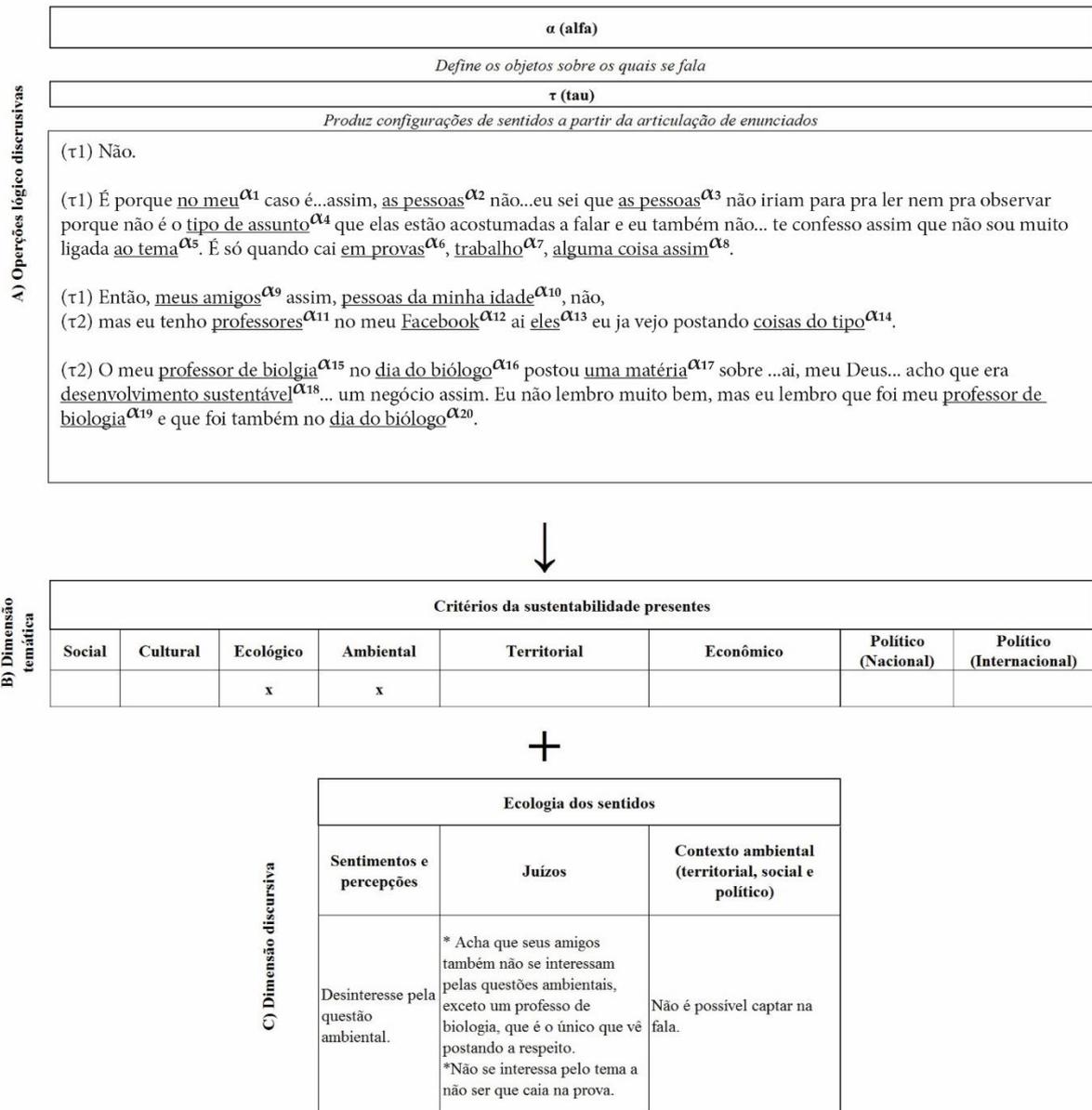
- Seus *posts* sobre meio ambiente recebem pouca atenção de seus “amigos”;
- As pessoas ainda não se ligaram que estão matando o planeta;
- Só lembra de um amigo que faz faculdade na área ambiental postando sobre o tema.

A única percepção que localizamos é seu receio quanto o de que seja tarde para a humanidade notar que está “matando o planeta”.

Em sua fala e numa de suas postagens sobre as consequências do desmatamento, pudemos observar que entrou no critério de sustentabilidade ecológico, uma vez que Felipe mostra preocupação com a preservação ambiental, e no critério ambiental, considerando que, em áreas ambientalmente devastadas, claramente não se respeitou a “capacidade de autodepuração dos sistemas” (SACHS, 2002). Já no seu *post* abordando mudanças climáticas, novamente entra em cena o critério ambiental, na medida em que esse é um fenômeno causado pelo impacto da ação antrópica, segundo defende o Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas - IPCC (2012).

### 5.1.5 Análise dos dados de Jéssica

Figura 13 - Análise e interpretação dos discursos de Jéssica



Jéssica mostra claramente o sentimento de desinteresse pela questão ambiental, seja em sua fala ou mesmo na ausência de *posts* sobre. Vale notar o relato sobre o tema estar sendo trazido pelas redes sociais por um professor de biologia dela, que teria postado algo a respeito do desenvolvimento sustentável. Nesse ponto, sua fala preenche, mesmo que indiretamente os critérios ambiental e ecológico da sustentabilidade de acordo com Sachs.

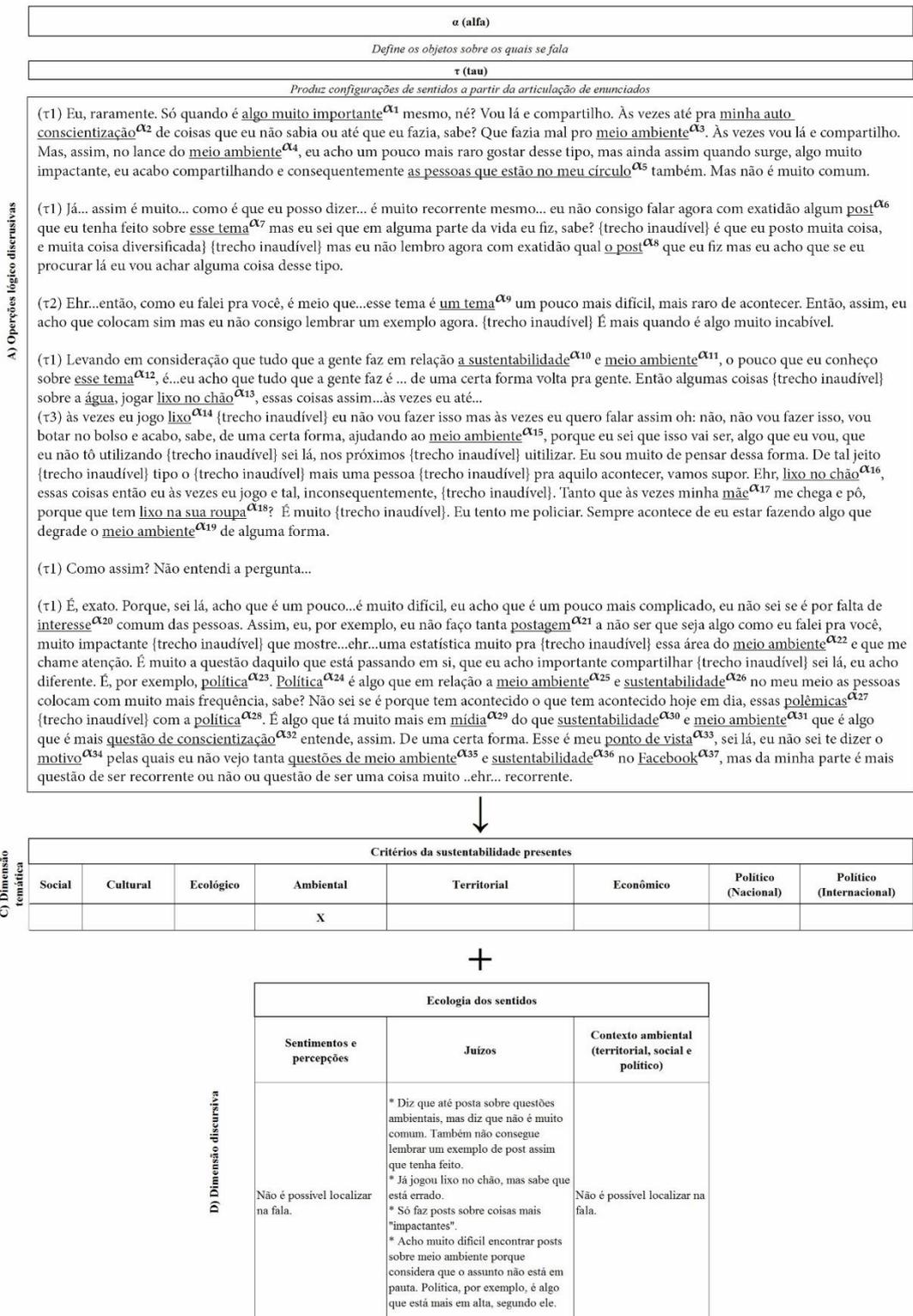
Em termos de análise lógico discursiva, em  $\tau_1$  há o relato do desinteresse dela e de seus “amigos” sobre o tema, que parece (não) se espalhar nas redes sociais. Já em  $\tau_2$  ela fala do interesse pela questão ambiental sendo mostrado no Facebook pelo tal professor.

Seus juízos que conseguimos identificar foram que:

- Acha que seus “amigos” também não se interessam pelas questões ambientais, exceto um professor de biologia, que é o único que vê postando a respeito;
- Não se interessa pelo tema a não ser que caia na prova.

### 5.1.6 Análise dos dados de Rafael

**Figura 14 - Análise e interpretação dos discursos de Rafael**



Rafael tem uma peculiaridade notável: ao mesmo tempo que considera a questão ambiental importante, confessa jogar lixo no chão. Quando aborda essa questão toca no critério de sustentabilidade ambiental, considerando que a má destinação dos resíduos desrespeita a capacidade de depuração de qualquer sistema.

O jovem fala que raramente posta sobre questões ambientais, o que foi confirmado em sua Linha do Tempo no Facebook. Diz que prefere falar de assuntos “impactantes” nas redes sociais e que estejam mais em pauta. Nesse sentido, considera que política tem sido um ponto muito mais recorrente nas redes sociais do que as questões ambientais e sustentáveis.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar:  $\tau_1$ , em que explica porque raramente posta sobre as questões ambientais;  $\tau_2$ , em que conta que seus “amigos” também não costumam postar sobre questões ambientais;  $\tau_3$ , em que ele conta que joga lixo no chão, às vezes.

Em sua fala, não conseguimos localizar sentimentos e percepções, mas pudemos encontrar os seguintes juízos:

- Diz que até posta sobre questões ambientais, mas diz que não é muito comum. Também não consegue lembrar um exemplo de *post* assim que tenha feito;
- Já jogou lixo no chão, mas sabe que está errado;
- Só faz *posts* sobre coisas mais "impactantes";
- Acho muito difícil encontrar *posts* sobre meio ambiente porque considera que o assunto não está em pauta. Política, por exemplo, é algo que está mais em alta, segundo ele.

### 5.1.7 Análise dos dados de João

**Figura 15 - Análise e interpretação dos discursos de João**

**α (alfa)**

*Define os objetos sobre os quais se fala*

---

**τ (tau)**

*Produz configurações de sentidos a partir da articulação de enunciados*

(τ1) Sexualidade<sup>α1</sup>, racismo<sup>α2</sup>, Amazônia<sup>α3</sup> essas coisas.

(τ1) É... assim... eu vi que tava acontecendo muitas coisas em relação as... ao {trecho inaudível} e também desmatamento<sup>α4</sup>... várias questões e {trecho inaudível} é só isso mesmo, foi uma lida bem rápida e quando eu vi compartilhei aquilo.

(...)

(τ1) Olha, eu já cheguei a dar uma olhada em páginas<sup>α5</sup> e compartilharam sobre os problemas que tem no Rio de Janeiro<sup>α6</sup>, que é... são aquelas enchentes<sup>α7</sup>... deslizamento de terra<sup>α8</sup>... essas coisas.

(τ1) Não.

(τ2) Alguns<sup>α9</sup> sim, outro<sup>α10</sup> não. Assim... e pessoas que postam geralmente {trecho inaudível} conversar sobre pra entender mais sobre o que {trecho inaudível} as pessoas<sup>α11</sup> estão falando.

(τ2) Eu lembro que uma amiga de tinha perdido a casa<sup>α12</sup> em um deslizamento de terra<sup>α13</sup> que teve e ai é... eu perguntei pra ela sobre as coisas que aconteceram<sup>α14</sup> e ela foi me falando que aonde ela morava era {trecho inaudível} num morro<sup>α15</sup>, era um lixão<sup>α16</sup> em que com o tempo aquilo criando gás<sup>α17</sup>, alguma coisa aconteceu lá em baixo que cedeu e ai foi levando tudo. E ai ela falou sobre problemas<sup>α18</sup> de {trecho inaudível} da água<sup>α19</sup>, que é quando as árvores<sup>α20</sup>, no solo<sup>α21</sup>, não tem {trecho inaudível} e ai é mais fácil dar infiltração<sup>α22</sup> e ai quando tem as casas<sup>α23</sup> o asfalt<sup>α24</sup> fica difícil da água<sup>α25</sup> entrar {trecho inaudível} as rachaduras<sup>α26</sup> essas coisas.

(...)

(τ3) Eu acho que as pessoas<sup>α27</sup> são muito pouco informadas em relação a algumas coisas<sup>α28</sup> assim, alguns assuntos<sup>α29</sup> e elas não sabem ou tem uma ideia<sup>α30</sup>, adquirir uma opinião própria<sup>α31</sup>, {trecho inaudível} não só opinião, mas conhecimento daquilo que aconteceu<sup>α32</sup>, daquilo que acontece. Elas criam uma {trecho inaudível}.

(τ4) Ah, elas vieram {trecho inaudível} tipo: "Ah, João, aconteceu alguma coisa {trecho inaudível} com a Amazônia<sup>α33</sup>, enfim. Tá preocupado com isso cara? {trecho inaudível} esse dado? Vieram fazer essas perguntas mas coisa mais de zuação<sup>α34</sup>, sabe?

(...)

(τ1) Eu acho que é o pior que a gente tem que lidar sim {trecho inaudível}.

(τ3) {trecho inaudível} ao meio ambiente<sup>α35</sup>, ao ambiente social<sup>α36</sup>, ao ambiente<sup>α37</sup> que a gente divide, não só a gente mas como os animais<sup>α38</sup> também, criando coisas e estudando mais, aprofundando nessas {trecho inaudível} a gente {trecho inaudível} muita coisa adiante e dar continuidade a vida<sup>α39</sup>. {trecho inaudível} ou as coisas que a gente usa né, que são os minerais<sup>α40</sup>, enfim, vários desses {trecho inaudível} que tá na química<sup>α41</sup>, física<sup>α42</sup>, enfim. As pessoas elas não pesquisam. Eu acho isso muito interessante e eles {trecho inaudível} sustentável<sup>α43</sup>.

(...)

(τ1) Com certeza, eu não vejo o porquê de ser uma coisa que, tá... tem muito a ver com meu país<sup>α44</sup> e {trecho inaudível} olhando pra isso e enquanto eles não {trecho inaudível} importância que às vezes tem. É legal continuar {trecho inaudível} propagando e explicando e conversando com eles na hora {trecho inaudível} não enfiar goela abaixo, mas falar de uma forma que eles entendam, assim, o que tá acontecendo.

(...)

(τ1) Porque,é... ahmmmm...olha, eu não sei porque...uma insistência em relação a essas coisas. Porque querendo ou não acho que é muita falta de opção<sup>α45</sup> ou de percepção<sup>α46</sup> dessas pessoas em relação a {trecho inaudível} é uma falta de conhecimento<sup>α47</sup> mesmo.

↓

Critérios da sustentabilidade presentes							
Social	Cultural	Ecológico	Ambiental	Territorial	Econômico	Político (Nacional)	Político (Internacional)
		X	X				

+

Ecologia dos sentidos		
Sentimentos e percepções	Juízos	Contexto ambiental (territorial, social e político)
Não é possível localizar na fala.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Que as pessoas são muito pouco informadas em relação a alguns assuntos;</li> <li>* Que as pessoas não sabem ou têm opinião própria;</li> <li>* Que as pessoas não têm conhecimento daquilo que acontece;</li> <li>* Que é legal continuar propagando e explicando e conversando com os amigos sobre as questões ambientais;</li> <li>* Que mesmo sendo zombado por seus amigos, vale continuar falando sobre as questões ambientais.</li> </ul>	Não é possível localizar na fala.

A) Operções lógico discursivas

B) Dimensão temática

C) Dimensão discursiva

Por conta de interferências causadas por problemas na conexão à Internet, alguns trechos acabaram se perdendo, mesmo assim, o contexto geral da entrevista pode ser entendido.

Em sua fala, João aborda questões como o desmatamento, a Amazônia (de forma genérica), dos minerais (como recurso), enchentes, deslizamentos de terra e problemas ambientais decorrentes de um lixão. Por conta disso, preenche os critérios ambiental e ecológico de sustentabilidade.

Fato interessante é que, assim como outros colegas, disse ter enfrentado respostas beligerantes de seus “amigos” do Facebook quando postou sobre a Amazônia. Outros entrevistados também relataram algo parecido. Mesmo assim, João diz não se sentir desmotivado a continuar postado sobre o tema. Entretanto, não observamos postagens dele sobre o tema nos seis meses analisados.

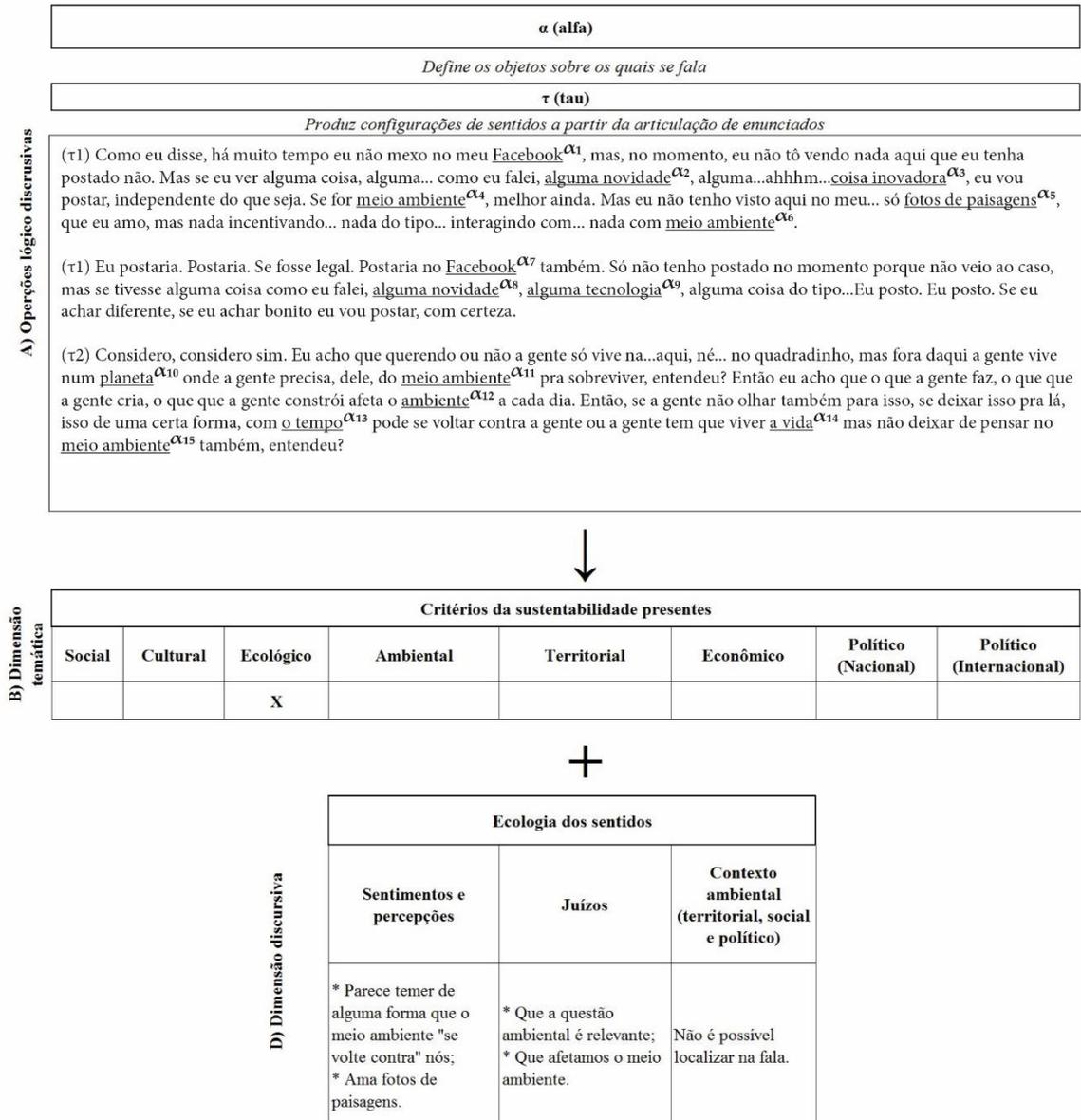
Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar:  $\tau_1$ , a respeito dos principais temas de suas postagens;  $\tau_2$ , sobre “amigos” dele que postaram sobre questões ambientais;  $\tau_3$ , explicando por qual motivo o meio ambiente e sustentabilidade são temas relevantes;  $\tau_4$ , indicando quando foi zombado por seus “amigos” por postar sobre a Amazônia.

Não conseguimos mapear seus sentimentos e percepções ou mesmo o seu contexto ambiental claramente, mas pudemos captar os seguintes juízos:

- Que as pessoas são muito pouco informadas em relação a alguns assuntos;
- Que as pessoas não sabem ou têm opinião própria;
- Que as pessoas não têm conhecimento daquilo que acontece;
- Que é legal continuar propagando e explicando e conversando com os “amigos” sobre as questões ambientais;
- Que mesmo sendo zombado por seus “amigos”, vale continuar falando sobre as questões ambientais.

## 5.1.8 Análise dos dados de Juliana

Figura 16 - Análise e interpretação dos discursos de Juliana



**Figura 17 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Juliana**

<b>A</b>	<b>Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis</b>	1		
<b>B</b>	<b>Números de amigos no Facebook</b>	983		
<b>C</b>	<b>Interações dos amigos</b>	<b>Post 1</b>		<b>Total em números absolutos</b>
		<b>% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)</b>	<b>Números absolutos</b>	
	curtidas	0,10%	1	1
	“amei”	0,00%	0	0
	“haha”	0,00%	0	0
	“uau”	0,00%	0	0
	“triste”	0,00%	0	0
	“grr”	0,00%	0	0
<b>Total</b>	0,10%	1	1	
<b>D</b>	<b>Compartilhamentos</b>	0		0
	<b>Comentários</b>	0		0
<b>E</b>	<b>Tema</b>	Compartilhamento sobre abandono de animais.		
<b>F</b>	<b>Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra</b>			
	<b>Social</b>			
	<b>Cultural</b>			
	<b>Ecológico</b>	<b>x</b>		
	<b>Ambiental</b>			
	<b>Territorial</b>			
	<b>Econômico</b>			
	<b>Político Nacional</b>			
<b>Político Internacional</b>				

Juliana reconhece a importância da questão ambiental, mas não mostra um interesse mais específico no tema. Conta que se algo interessante aparecer no seu Feed de notícias ela compartilha. Se o tema for meio ambiente, melhor. Assim, mesmo que indiretamente, preenche o critério de sustentabilidade ambiental, com sua fala.

Analisando a sua Linha do Tempo, encontramos apenas um compartilhamento sobre abandono de animais, que preencheu o critério de sustentabilidade ecológico, que contou com apenas uma curtida, o que corresponde a 0,10% de envolvimento dos seus “amigos”.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , os tipos de post que faz no Facebook; em  $\tau_1$ , Juliana reconhecendo que a questão ambiental é relevante.

Em suas percepções, pudemos notar, em sua entrevista, um certo temor de que alguma forma que o meio ambiente "se volte contra" nós e que ela ama fotos de paisagens. Já seus juízos foram:

- Que a questão ambiental é relevante;
- Que afetamos o meio ambiente.

### 5.1.9 Análise dos dados de Camila

Figura 18 - Análise e interpretação dos discursos de Camila

**α (alfa)**

*Define os objetos sobre os quais se fala*

---

**τ (tau)**

*Produz configurações de sentidos a partir da articulação de enunciados*

(τ2) Eu não tenho muito o hábito de compartilhar essas coisas<sup>α1</sup>, mas eu tenho hábito geralmente de curtir e ler. Não é com constância, mas de vez em quando. É que é ultimamente eu tenho acessado pouco. (...) Eu tenho hábito de curtir ler bastante sobre isso, alguma coisa que me interesse sobre meio ambiente<sup>α2</sup>, sobre coisas biodegradáveis<sup>α3</sup>, sobre recuperação de rios<sup>α4</sup>, essas coisa eu acho que assuntos interessantes<sup>α5</sup>, mas eu não tenho hábito de sempre tá compartilhando. Antigamente eu compartilhava mais sobre isso mas hoje em dia não. O que mais compartilho coisa de animais<sup>α6</sup> que eu gosto muito também.

(τ1) A maioria das coisas<sup>α7</sup> que têm aparecido são coisas que eu já havia lido, já havia... Já havia me informado um pouco e também sobre em relação à rede social<sup>α8</sup>. Eu ultimamente ando muito de veneta. Às vezes eu quero compartilhar alguma coisa, às vezes não, quero só curtir. Eu acho que é fase. Sei lá... mas não para o outro motivo, por não gostar, por não me interessar... Porque eu leio sempre sobre alguma coisa que eu acho interessante. Sobre essas mudanças<sup>α9</sup>... sobre tudo. Sobre o que a gente mesmo pode fazer em casa, sobre reaproveitamento das coisas<sup>α10</sup> também.

(τ1) Como tu sabe que tem coisas que às vezes é necessário e nem todo mundo<sup>α11</sup> se interessa, né? Algumas pessoas<sup>α12</sup> só dava like<sup>α13</sup> mesmo e comentando. Tem gente tem preguiça de abrir a matéria<sup>α14</sup> para poder ler, para ver de que se trata de que que tá se falando. Se sabe que esse negócio de Meio Ambiente<sup>α15</sup> não é um assunto que todo mundo se interessa por isso. Entre 10<sup>α16</sup>, vamos dizer que uma ou duas pessoas<sup>α17</sup> se interessem e o resto entra no Facebook<sup>α18</sup> atrás de outras coisas que não seja uma que seja que serve para o mundo<sup>α19</sup>, que serve para todo mundo<sup>α20</sup>.

(τ1) Na minha opinião<sup>α21</sup> é uma coisa<sup>α22</sup> que serve para todo mundo, só que nem todo mundo<sup>α23</sup> se interessa sobre isso. Foi isso que eu tava dizendo pra você, que tem que tem esse né, que tem rede social<sup>α24</sup> mas não exatamente para poder interagir sobre conhecimentos<sup>α25</sup>. Eles procuram outras coisas<sup>α26</sup> não só isso, entendeu? Não sobre isso também.

(τ2) Eu acho que porque como a gente<sup>α27</sup> vive num mundo de modismo não é uma coisa que que interessa a qualquer pessoa<sup>α28</sup>. Que tem muita gente<sup>α29</sup> tá lá na rede social<sup>α30</sup> simplesmente para saber da vida do outro<sup>α31</sup> ou até mesmo atrás de paqueras<sup>α32</sup> e dentre outros assuntos<sup>α33</sup> que Facebook<sup>α34</sup> hoje em dia quem não tem eles "tarja" como se fosse uma pessoa atrasada<sup>α35</sup>. Tu sabe que as coisas... Você também é jovem sabe que tem muita gente ignorante<sup>α36</sup> que pensa dessa parte.

(τ3) Que hoje<sup>α37</sup> ninguém vive mais igual antes, que as pessoas não saem, para poder sair, como posso dizer, elas não vive igual antigamente<sup>α38</sup>. Antigamente<sup>α39</sup> as pessoas<sup>α40</sup> saindo os lugares e hoje só sai se tiver com telefone<sup>α41</sup> na mão. Ao mesmo tempo que está interagindo com os amigos mas 80% daqueles minuto<sup>α42</sup> ou daquelas horas horas<sup>α43</sup> que ele tá com telefone<sup>α44</sup> na mão. Ninguém tem aquela conversa olho no olho. Ninguém tem aquela até mesmo aquela compaixão<sup>α45</sup> sei lá de por exemplo...

(τ1) do meio ambiente<sup>α46</sup> é até uma coisa que eu me interesse, eu acho interessantes falando sobre essas coisas<sup>α47</sup> sobre reproveitamento de materiais<sup>α48</sup>, sobre coisas que dá para a gente poder reutilizar<sup>α49</sup>... Economia<sup>α50</sup> também, né? E tem muita gente<sup>α51</sup> que acha que aquilo ali é mendigaria<sup>α52</sup>... Sei lá o que que o que que passa na cabeça de outra pessoa<sup>α53</sup>, mas no meu ponto de vista<sup>α54</sup> é muita gente<sup>α55</sup> não se interessa eu acho que é por causa disso porque pelo menos os que estão meus a Facebook<sup>α56</sup> acho que tá no Facebook<sup>α57</sup> atrás de outros intuitos, menos de sei lá progredir. Entendeu? Se informar, etcetera...

(τ1) É meu interesse<sup>α58</sup>. É relevante também. São coisas que... igual eu disse anteriormente para você, são coisas que como se fosse uma lição<sup>α59</sup>; serve para todo<sup>α60</sup> mundo, entendeu? Só que hoje em dia eu não compartilho um monte de coisas, mas eu não do like<sup>α61</sup>, entendeu, nas coisas só não compartilho mais, mas é relação a tudo. É muito difícil compartilhar alguma coisa. Você é minha amiga no Facebook<sup>α62</sup>, você vê que nem com constância eu compartilho as coisas.

(τ3) Não faz muita diferença na cabeça das pessoas<sup>α63</sup>. Até porque... acho que ninguém<sup>α64</sup> se importa mais com ninguém<sup>α65</sup>. Se importa com seu egoísmo<sup>α66</sup>... Acho que hoje é um dos temas principais<sup>α67</sup> eu acho que quase tudo da vida<sup>α68</sup> de todo mundo<sup>α69</sup>. É difícil ver alguém<sup>α70</sup> que queira debater sobre isso ou até mesmo goste do assunto<sup>α71</sup>. Não que não tenha, mais entre 1000 posts<sup>α72</sup> disso, 998<sup>α73</sup> pessoas vão postar qualquer outro tipo de coisa<sup>α74</sup>, menos qualquer coisa sobre o meio ambiente<sup>α75</sup>, sobre trocar precaução, sobre reutilização de outras coisas<sup>α76</sup>.

↓

Critérios da sustentabilidade presentes								
	Social	Cultural	Ecológico	Ambiental	Territorial	Econômico	Político (Nacional)	Político (Internacional)
B) Dimensão temática			x					

+

Ecologia dos sentidos			
	Sentimentos e percepções	Contexto ambiental (territorial, social e político)	
c) Dimensão discursiva	<p>* Sente que as pessoas estão muito individualistas, que não se preocupam com os outras e com o meio ambiente;</p> <p>* Gosta muito de postagens sobre animais.</p>	<p>* Que embora a questão ambiental seja relevante, não tem gerado interesse da maior parte das pessoas;</p> <p>* Que se informar sobre as questões ambientais serve para todo mundo, só que nem todo mundo se interessa sobre isso;</p> <p>* Que o meio ambiente, hoje, é um dos temas principais eu acho que quase tudo da vida de todo mundo.</p>	<p>Não é possível localizar na fala.</p>

**Figura 19 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Camila**

<b>A</b>	<b>Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis</b>	1		
<b>B</b>	<b>Números de amigos no Facebook</b>	Informação não disponível no perfil		
<b>C</b>	<b>Interações dos amigos</b>	<b>Post 1</b>		<b>Total em números absolutos</b>
		<b>% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)</b>	<b>Números absolutos</b>	
	<b>curtidas</b>	0,00%	0	0
	<b>“amei”</b>	0,00%	0	0
	<b>“haha”</b>	0,00%	0	0
	<b>“Uau”</b>	0,00%	0	0
	<b>“Triste”</b>	0,00%	0	0
	<b>“Grr”</b>	0,00%	0	0
	<b>Total</b>	0,00%	0	0
<b>D</b>	<b>Compartilhamentos</b>	<b>0</b>		
	<b>Comentários</b>	<b>0</b>		
<b>E</b>	<b>Tema</b>	"Faça você mesmo /reaproveitamento de material reciclável.		
<b>F</b>	<b>Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra</b>			
	<b>Social</b>			
	<b>Cultural</b>			
	<b>Ecológico</b>	<b>x</b>		
	<b>Ambiental</b>	<b>x</b>		
	<b>Territorial</b>			
	<b>Econômico</b>			
	<b>Político Nacional</b>			
<b>Político Internacional</b>				

Camila nos contou que tem interesse pelas questões ambientais, mas que não tem postado muito porque não tem visto muito esse tema passando por seu Feed de notícias<sup>79</sup>, já

<sup>79</sup> Segundo o Facebook ([s.d.], [s.p.]) “As publicações que vê no Feed de notícias servem para manter você conectado com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos e família. As publicações que aparecem primeiro são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. O

que geralmente ela compartilhava mais do que tinha iniciativa de trazer o conteúdo ao Facebook, pelo que pudemos entender. Ao analisar sua Linha do Tempo, encontramos apenas um post do estilo “faça você mesmo”, como reaproveitamento de materiais, que preencheu o critério de sustentabilidade ecológico. Não recebeu sequer uma interação de seus “amigos”. Essa apatia confirma, de certo modo, o que Camila fala a respeito do desinteresse geral sobre o tema.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , o que ela costuma postar no Facebook; em  $\tau_2$ , o desinteresse que a entrevistada atribui aos outros (genericamente), com relação à questão ambiental; em  $\tau_3$  fala de um passado (mencionado genericamente) em que as pessoas saíam mais de casa, tinham mais contato pessoal e se importavam mais umas com as outras.

Na sua fala, a entrevistada também mostrou que se interessa por vídeos e tutoriais em geral sobre reaproveitamento de material reciclável. Nesse sentido, tanto sua fala como seu post preencheram o critério ecológico da sustentabilidade.

Além de gosta muito de postagens sobre animais, Camila sente que as pessoas estão muito individualistas, que não se preocupam com os outras e com o meio ambiente.

Os principais juízos que localizamos da entrevistada foram:

- Que embora a questão ambiental seja relevante, não tem gerado interesse da maior parte das pessoas;
- Que se informar sobre as questões ambientais serve para todo mundo, só que nem todo mundo se interessa sobre isso;
- Que o meio ambiente, hoje, é um dos temas principais quase na vida de todo mundo.

---

número de comentários, curtidas e reações recebidos por uma publicação e o seu tipo (foto, vídeo, atualização de status) também podem torná-la mais propensa a aparecer primeiro no seu Feed de notícias.

### 5.1.10 Análise dos dados de Maria

**Figura 20 - Análise e interpretação dos discursos de Maria**

**α (alfa)**  
*Define os objetos sobre os quais se fala*

---

**τ (tau)**  
*Produz configurações de sentidos a partir da articulação de enunciados*

(τ1) Com muita frequência não. Depende. Só quando surge um assunto meio polêmico<sup>α1</sup>, igual teve da Mata Atlântica<sup>α2</sup> ou foi da Amazônia<sup>α3</sup>, algo assim que o Temer<sup>α4</sup> ia pegar um pedaço pra fazer um exploração, não lembro do quê ai então eu vi e compartilhei algumas notícia sobre<sup>α5</sup>, mas é muito difícil ver alguma coisa sobre meio ambiente<sup>α6</sup> nas redes sociais<sup>α7</sup>. É bem raro.

(τ2) Eu acho que as pessoas<sup>α8</sup> não se importam muito. Sinceramente, elas não lembram que têm que se importar com isso. Eu acho que uma das poucas coisas que eu vi ultimamente assim foi sobre animais<sup>α9</sup>, resgate de animais<sup>α10</sup>, vegetarianos<sup>α11</sup>, né? De não comer animais<sup>α12</sup>. Agora não sobre a terra<sup>α13</sup>, sobre a planta<sup>α14</sup>, sobre água<sup>α15</sup>, sobre poluição<sup>α16</sup>. Então assim, é bem raro. Quando vejo algo é só algo sobre os animais<sup>α17</sup>. As pessoas<sup>α18</sup> não lembram das outras coisas<sup>α19</sup>, não lembrar do ar<sup>α20</sup>, não lembrar da água<sup>α21</sup>, não lembram da terra<sup>α22</sup>. Só lembram dos animais<sup>α23</sup>.

(τ3) Eu acho que é falta de informação<sup>α24</sup>. A gente não vê muito isso na TV<sup>α25</sup>. E quando vê, algo só muito polêmico, algo assim, que quando já explodiu, é um problema muito grande<sup>α26</sup> ai a gente vê. Mas algo pra prevenir algum futuro problema<sup>α27</sup> ou algum problema<sup>α28</sup> pequenininho que a gente pode resolver a gente quase não vê, entendeu? Acho que uma das poucas coisas que eu vi ultimamente foi o da barragem em Mariana<sup>α29</sup> que teve todo aquele estrago ambiental<sup>α30</sup>. Aí todo mundo falava<sup>α31</sup>, mas só se falou porque foi um problema muito grande<sup>α32</sup>, entendeu? A gente não tem muito acesso, eu acho.

(τ2) Hummmm, olha, não com muita frequencia, mas tem sim. Não com muita frequência como outros temas, mas vira e mexe tem sim um amigo<sup>α33</sup> meu que fala sobre esse assunto. Mas é muito difícil.

(τ2) Eu tenho um professor de geografia<sup>α34</sup> que fala bastante sobre isso. Até assim, mais frequência do que as outras pessoas<sup>α35</sup>. E tem alguns amigos<sup>α36</sup> assim. Eu tenho uma conhecida<sup>α37</sup> que é vegetariana, então ela fala um pouco sobre isso<sup>α38</sup>. Alguns conhecidos veganos<sup>α39</sup> também. E têm alguns outros amigos<sup>α40</sup> que comentam sobre meio ambiente<sup>α41</sup>, mas é não tanta frequência, também, mas comentam. São mais assim, o professor de geografia<sup>α42</sup> e alguns amigos que são veganos e vegetarianos<sup>α43</sup>, sabe?

(τ4) Ai, eu acho importante. Importantíssimo, porque o Facebook<sup>α44</sup> acaba sendo uma forma de passar a informação pras pessoa<sup>α45</sup> que não tem esse acesso. Porque a gente não vê na TV<sup>α46</sup> com tanta frequência. Eu acho importante falar sobre isso no Facebook<sup>α47</sup>, porque querendo ou não é um dos meios principais de informação<sup>α48</sup>, né? De todo mundo.

(τ5) Olha, eu acho que, assim, eu não entendo muito sobre as coisas<sup>α49</sup>, então como eu não entendo muito sobre sustentabilidade<sup>α50</sup> e meio ambiente<sup>α51</sup>, eu acabou não falando por não entender. Assim, eu não gosto de falar o que eu não entendo. E eu acho mais difícil de buscar informações<sup>α52</sup> assim mais simples, sabe? Pra poder você entender sobre alguns assuntos<sup>α53</sup>. Às vezes você quer entender sobre um assunto<sup>α54</sup> e acaba sendo uma parada muito complexa pra você conseguir compreender o que é aquilo, e as vezes nada disso contava pras outras pessoas<sup>α55</sup> também. Às vezes é muito técnico, sabe? É isso que eu quero dizer {interrupção na transmissão} não são mais simplificadas, sabe? Mais direto ao ponto, entendeu?

↓

Critérios da sustentabilidade presentes							
Social	Cultural	Ecológico	Ambiental	Territorial	Econômico	Político (Nacional)	Político (Internacional)
		X				X	

+

Ecologia dos sentidos		
Sentimentos e percepções	Juízos	Contexto ambiental (territorial, social e político)
Não é possível localizar na fala.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Que acha que as pessoas não se importam muito com o meio ambiente;</li> <li>* Que considera muito difícil ver conteúdo sobre meio ambiente nas redes sociais e acredita que o motivo disso é a falta de informação a respeito. Ela mesma admite não entender muito sobre;</li> <li>* Que acredita que só se fala de meio ambiente quando acontece alguma tragédia ambiental amplamente noticiada;</li> <li>* Que considera o meio ambiente um tema importante nas redes sociais.</li> </ul>	Não é possível localizar na fala.

Maria nos contou que não é muito frequente que ela e seus “amigos” postem sobre questões ambientais. Isso geralmente só ocorre quando acontece algo amplamente divulgado na mídia, como a situação do decreto do Presidente Temer aumentando a área de exploração mineral na Amazônia. Ela também fala do desastre ambiental causado pela Samarco em Mariana. Entretanto, não localizamos qualquer post relacionado às questões ambientais, em sua Linha do Tempo, nos seis meses analisados. Por conta dessas falas, preencheu os critérios de sustentabilidade ecológico e político nacional.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , ela explicando a baixa frequência que posta sobre questões ambientais e os motivos; em  $\tau_2$ , faz considerações sobre o desinteresse das pessoas, em geral, sobre as questões ambientais e conta que chegou a ver algo sobre veganismo ou vegetarianismo, mas nada sobre a água, a terra e o ar, por exemplo; em  $\tau_3$  explica os motivos pelo desinteresse nas questões ambientais; em  $\tau_4$ , destaca o Facebook como uma importante ferramenta de divulgação das questões ambientais; em  $\tau_5$ , conta os motivos pelos quais não costuma postar muito sobre as questões ambientais.

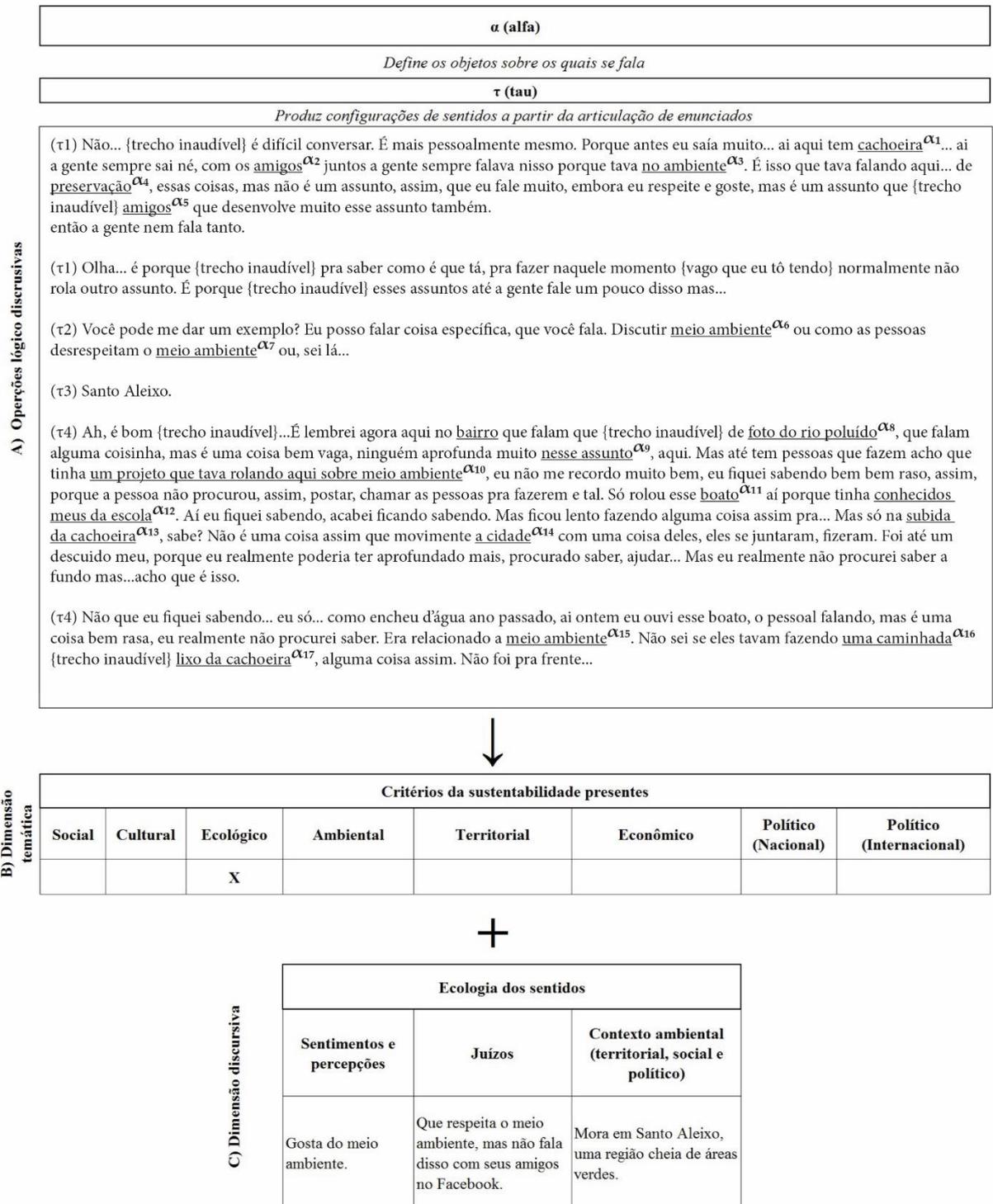
Assim como outros entrevistados, Maria lembrou que um professor foi um dos “amigos” dela no Facebook que viu postar sobre as questões ambientais, tema, aliás, que ela admite ser importante, mas que assume ter um conhecimento muito superficial a respeito.

Os principais juízos de Maria que pudemos identificar foram:

- Que acha que as pessoas não se importam muito com o meio ambiente;
- Que considera muito difícil ver conteúdo sobre meio ambiente nas redes sociais e acredita que o motivo disso é a falta de informação a respeito. Ela mesma admite não entender muito sobre;
- Que acredita que só se fala de meio ambiente quando acontece alguma tragédia ambiental amplamente noticiada;
- Que considera o meio ambiente um tema importante nas redes sociais.

### 5.1.11 Análise dos dados de Larissa

Figura 21 - Análise e interpretação dos discursos de Larissa



Larissa nos contou, em sua entrevista, que, como mora em Santo Aleixo, uma região próxima de áreas verdes e cachoeiras, já foi mais interessada nas questões ambientais, mas hoje esse interesse diminuiu. Em todo caso, ela explicou que costumava falar mais pessoalmente do que postar a respeito. De fato, na análise de sua Linha do Tempo, não localizamos postagens sobre questões ambientais.

Disse que já viu algum post em seu Feed de Notícias sobre um rio poluído, mas não sabe dar mais detalhes a respeito.

Embora não se mostre muito inteirada sobre as questões ambientais, diz gostar e respeitar o meio ambiente.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , a explicação de que fala mais das questões ambientais pessoalmente, e atualmente isso nem tem sido muito frequente; em  $\tau_2$ , ele pede para dar um exemplo do que a entrevistadora considera uma questão ambiental; em  $\tau_3$ , conta que mora em Santo Aleixo; em  $\tau_4$ , fala de um post sobre rio poluído na região e a atuação ambiental de organizações de proteção ambiental de Santo Aleixo.

O principal juízo de Larissa que pudemos identificar foi que respeita o meio ambiente, mas não fala disso com seus “amigos” no Facebook.

5.1.12 Análise dos dados de Bruna

Figura 22 - Análise e interpretação dos discursos de Bruna

**α (alfa)**

---

*Define os objetos sobre os quais se fala*

---

**τ (tau)**

*Produz configurações de sentidos a partir da articulação de enunciados*

(r1) Sobre os posts<sup>α1</sup>, eu acho que é um assunto de extrema importância. Primeiro que é aquilo que eu tô cercada. Então eu acho que meio que todo mundo<sup>α2</sup> posta alguma coisa que tem a ver com a própria vida<sup>α3</sup>, sei lá, nas redes sociais<sup>α4</sup>, e isso tem a ver com a minha vida<sup>α5</sup>. Então, a minha motivação<sup>α6</sup> é estimular as pessoas a, sei lá, quando eu tô colocando alguma coisa, que se liguem nisso, que prestem atenção, que passem a ver essa questão do cuidado com o meio ambiente<sup>α7</sup>, cuidado com a natureza<sup>α8</sup>, como um cuidado consigo<sup>α9</sup> primeiro, sabe? De... que é uma questão de que eu tô cuidando da natureza<sup>α10</sup>, eu tô cuidando da água<sup>α11</sup> eu tô cuidando de mim também, sabe? Eu acho que que é isso. A minha motivação<sup>α12</sup> é essa. E que as pessoas<sup>α13</sup> vejam isso e se inspirem de alguma maneira.

(r2) Eu moro em Santo Aleixo<sup>α14</sup>, né? E aqui tem uma riqueza muuuuito grande de... de vegetação<sup>α15</sup> de... a fauna<sup>α16</sup> é muito rica, a flora<sup>α17</sup> é muito rica. Então, assim, eu tô sempre indo a cachoeira<sup>α18</sup>. Fazendo então, só esse primeiro contato, já me, poxa, já me coloca diante disso como diante desse contato mesmo com a natureza<sup>α19</sup> direto. Depois, como você vê o valor.

(r3) Eu me envolvi na ONG<sup>α20</sup> nesse período todo, fiquei um ano trabalhando praticamente na Aideja<sup>α21</sup> sendo ativista do meio ambiente e então, assim, isso tudo fez muito parte. Hoje o meu envolvimento com meu ativismo<sup>α22</sup> pro meio ambiente<sup>α23</sup> é através da arte, através do mosaico<sup>α24</sup> só, mas, assim, tá aí, tá me rodeando. E eu também... é o meu local de praticar o mosaico, onde eu tenho as minhas aulas<sup>α25</sup>, onde eu faço os meus trabalhos<sup>α26</sup> e numa ecovila<sup>α27</sup>. Então, tudo isso me cerca, sabe?

(r1) Eu, ultimamente, tenho postado até pouco. No geral, eu observo que, assim, a reação<sup>α28</sup> é sempre positiva, sabe? Nunca teve ninguém que eu poste alguma coisa lá e botou: "não, um absurdo! Sabe, você falar para mim... Na verdade, só uma vez que eu coloquei, que eu fiz um post sobre a questão da carne<sup>α29</sup>, do vegetarianismo<sup>α30</sup>, essas coisas assim, porque eu não carne<sup>α31</sup>. Então, eu fiz um postezinho falando de alguma coisa de como isso afetava o meio ambiente<sup>α32</sup>, como que isso era prejudicial, a indústria da carne<sup>α33</sup>, essas coisas. E aí, sim, eu tive uma resposta um pouco meio "arrrrr", não porque eu acho que aí mexe muito com muita gente e a grande maioria come carne<sup>α34</sup>. Eu acho que aí eu dei uma alfinetadinha. Eu tive mais respostas meio tipo: "ahhh, então vamos comer um churrasco<sup>α35</sup>, e nanana... essas coisas assim, sabe? Meio, tipo... Não, não foi exatamente o que eu esperava. Mas, no geral, sempre quando coloco alguma coisa eu boto associado à aquilo<sup>α36</sup>, sabe, eu amo o fato de ser grato pela natureza<sup>α37</sup> e traduzir essa gratidão<sup>α38</sup> em cuidado<sup>α39</sup>, sabe? Com ela nunca é nada muito "arrrrr", ferrenho, é sempre tranquilo, sabe? E as pessoas normalmente são... Respondem àquilo. Às vezes mandam uma mensagem<sup>α40</sup>, uma ou outra, para dizer que quer fazer alguma coisa juntos. Chama para recolher lixo<sup>α41</sup> e essas coisas, sabe? Ou então só tipo "é, é isso", sabe? E falam: "Ah, legal, é isso aí".

(r1) Eu não sei as outras pessoas<sup>α42</sup> assim, porque tem gente que, enfim, curte por curtir, ou, sei lá! Mas os meus amigos mais próximos<sup>α43</sup>, todo mundo é muito preocupado com isso, tantas pessoas<sup>α44</sup> que moram aqui em Santo Aleixo<sup>α45</sup> como amigos de fora. As pessoas normalmente se interessam por isso e eu acho que isso até une a gente, sabe? A vida<sup>α46</sup>. A gente... Enfim poder participar disso junto... No geral, sim, os amigos<sup>α47</sup> estão sempre se apoiando nesse tipo de coisa<sup>α48</sup>, procurando levar uma vida mais sustentável possível<sup>α49</sup>.

(r1) Bom, alguns não alguns realmente só interagem com aquilo que eu coloco. Às vezes sim: não, não falam nada. Mas têm outros amigos<sup>α50</sup> assim que são bem engajados nisso, bastante também. Têm uns que fazem o mosaico comigo<sup>α51</sup> na ecovila<sup>α52</sup>, têm outros que estão sempre envolvidos com isso, estão sempre postando sim, seja de uma maneira mais pessoal como eu "ah, eu acampeei, e é isso e tal". Ou então aqueles que realmente estão postando coisa explícitas<sup>α53</sup>, sabe? Do meio ambiente<sup>α54</sup>. Tenho. É muito dividido isso, sabe? É muito dividido. Eu não saberia, assim, não sei. A grande maioria se importa com isso. Agora, sobre os posts<sup>α55</sup> isso, não sei. Talvez a metade.

(r1) Bom... quase que naturalmente, não é palavra certa<sup>α56</sup>, mas... quase que naturalmente as pessoas que têm esse interesse assim nos locais<sup>α57</sup> são as pessoas que eu procuro ficar mais perto, isso seja de Santo Aleixo<sup>α58</sup> ou não. Mas, assim, na turma de faculdade<sup>α59</sup>, por exemplo, não é todo mundo que tem esse interesse. As pessoas<sup>α60</sup> até tipo acham bacana e tudo mais, mas não, assim, se engajam nisso. Enfim... Talvez umas cinco pessoas<sup>α61</sup> na minha sala realmente sejam engajadas com isso, sabe? Numa sala de, sei lá, 30...

(r1) Rola sim um envolvimento<sup>α62</sup> por parte de vários amigos<sup>α63</sup>. Tem muita gente<sup>α64</sup> que eu conheci nos grupos nas vivências na meditação<sup>α65</sup> então assim, essa galera realmente se importa, se importa muito, agora, não é todo mundo. É claro tenho amigos<sup>α66</sup> que são maravilhosos, pessoas<sup>α67</sup> incríveis, estão sempre perto, mas não têm nenhum tipo de engajamento nessa área, sabe?

A) Operações lógico-discursivas

B) Dimensão temática

↓

Critérios da sustentabilidade presentes							
Social	Cultural	Ecológico	Ambiental	Territorial	Econômico	Político (Nacional)	Político (Internacional)
		X	X				

+

Ecologia dos sentidos		
Sentimentos e percepções	Juízos	Contexto ambiental (territorial, social e político)
Profunda conexão com o meio ambiente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que posts sobre questões ambientais é melhor não fazer de forma ferrenha;</li> <li>• Que a proximidade com áreas verdes ajuda a criar conexão com o meio ambiente;</li> <li>• Que ela acaba se cercando de pessoas que se interessam também pelas questões ambientais;</li> <li>• Que cuidar do meio ambiente é cuidar de si;</li> <li>• Que quando ela postou sobre os males ambientais da indústria da carne, levantou reações mais incisivas.</li> </ul>	Ela mora num local muito próximo de áreas de floresta. Já atuou numa ONG local em defesa do meio ambiente e frequenta uma ecovila. Atualmente faz faculdade.

C) Dimensão discursiva

Figura 23 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Bruna<sup>80</sup>

A	Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis	B										Total em Números absolutos
		Número de amigos no Facebook										
Informação nos disponíveis no perfil.												
C	Interações dos amigos	Post 1	Post 2	Post 3	Post 4	Post 5	Post 6	Post 7	Post 8	Post 9	Post 10	Total em Números absolutos
		% de amigos envolvidos (amigos que interagem /total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagem /total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagem /total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagem /total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagem /total de amigos)	Números absolutos	
	curtidas	149	11	88	48	27	95	74	166	41	162	861
	"amiz!"	37	46	6	7	2	19	16	48	18	21	220
	"haha"	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	"nan"	1	0	0	0	0	1	0	4	2	1	9
	"triste"	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	"grt"	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Total	187	57	94	55	29	115	90	218	61	184	1090
D	Compartilhamentos	1	3	1	0	0	0	0	0	0	0	5
D	Comentários	9	0	6	0	2	3	1	8	4	9	42
E	Tema	Foto mostrando conexão com a natureza	Link de uma matéria sobre a ONG que participam em defesa do meio ambiente	Foto na escola de um momento "faça você mesmo" com reaproveitamento de materiais para artesanato	Foto na escola de um momento "faça você mesmo" com reaproveitamento de materiais para artesanato.	Foto na escola de um momento "faça você mesmo" com reaproveitamento de materiais para artesanato	Foto de uma árvore em comemoração ao Dia da Árvores	Foto mostrando conexão com a natureza	Foto mostrando conexão com a natureza	Compartilhamento de uma foto que mostra conexão com a natureza (cachoeira)	Foto mostrando conexão com a natureza	
<b>Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra</b>												
F	Social											
	Cultural											
	Ecológico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Ambiental											
	Territorial											
	Econômico											
	Político Nacional											
Político Internacional												

<sup>80</sup> Por conta da extensão, colocamos o gráfico na vertical para facilitar sua visualização completa.

Um dos objetivos desta pesquisa foi localizar grupos ativistas em favor das questões ambientais, e por meio da entrevista com Bruna, conseguimos conhecer a Associação Internacional de Desenvolvimento Econômico Inter Ambiental (Aideia), que tem “por objetivo a preservação/proteção, educação, restauração, estudo/pesquisa e, conseqüentemente, a transformação e o desenvolvimento local” (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO INTER AMBIENTAL, [s.d.], [s.p.]). A jovem trabalhou voluntariamente na ONG por aproximadamente um ano e ainda continua a frequentar a ecovila El Nagual onde as instalações da organização funcionam.

Além de nos apresentar a ONG, Bruna nos conta que faz faculdade (fora da cidade) e mora no segundo distrito de Magé, Santo Aleixo. Tanto os seus *posts* como o seu discurso mostram sentimentos e percepções de grande conexão com o meio ambiente, principalmente quando ela diz que quando está cuidando da natureza também está cuidando de si mesma. Isso também é reforçado por seus *posts* em que ela se mostra em contato com florestas e cachoeiras e diz nas legendas que aquilo faz parte da vida dela, reforçando que esse é o seu contexto ambiental. Essas postagens, por sinal, fazem bastante sucesso. Não conseguimos medir o percentual de “amigos” envolvidos porque não está disponível em seu perfil de Facebook quantos “amigos” tem, mas é possível ter essa noção olhando os números absolutos. Embora não seja objeto de nossa pesquisa, as respostas dos “amigos”, não pudemos deixar de notar que, de uma forma geral, muitos se mostram curiosos, pedindo para serem convidados por essas incursões na mata.

Tanto sua fala como algumas de suas postagens abordaram as dimensões ambiental e ecológica dos critérios para a sustentabilidade.

Além do seu envolvimento com a ONG, Bruna tem como hobby montar mosaicos na Ecovila El Nagual. Ela também nos conta que é vegana. Isso, aliás, foi o único tema relacionado a questões ambientais que gerou certa beligerância entre seus “amigos” no Facebook. Quando ela postou sobre os malefícios da indústria da carne, recebeu algumas reclamações e provocações. No mais, a entrevistada diz ter boa resposta das suas postagens sobre questões ambientais porque faz isso de forma leve.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , sua explicação sobre os seus *posts* a respeito das questões ambientais, em  $\tau_2$ , contando que mora em Santo Aleixo e do como o lugar está imerso na natureza; em  $\tau_3$  seu envolvimento com a ONG.

Entre os principais juízos localizados em sua fala estão:

- Que *posts* sobre questões ambientais é melhor não fazer de forma ferrenha;

- Que a proximidade das áreas verdes ajuda a criar conexão com o meio ambiente;
- Que ela acaba se cercando de pessoas que se interessam também pelas questões ambientais;
- Que cuidar do meio ambiente é cuidar de si;
- Que quando ela postou sobre os males ambientais da indústria da carne, levantou reações mais incisivas.

### 5.1.13 Análise dos dados de Bruno

**Figura 24 - Análise e interpretação dos discursos de Bruno**

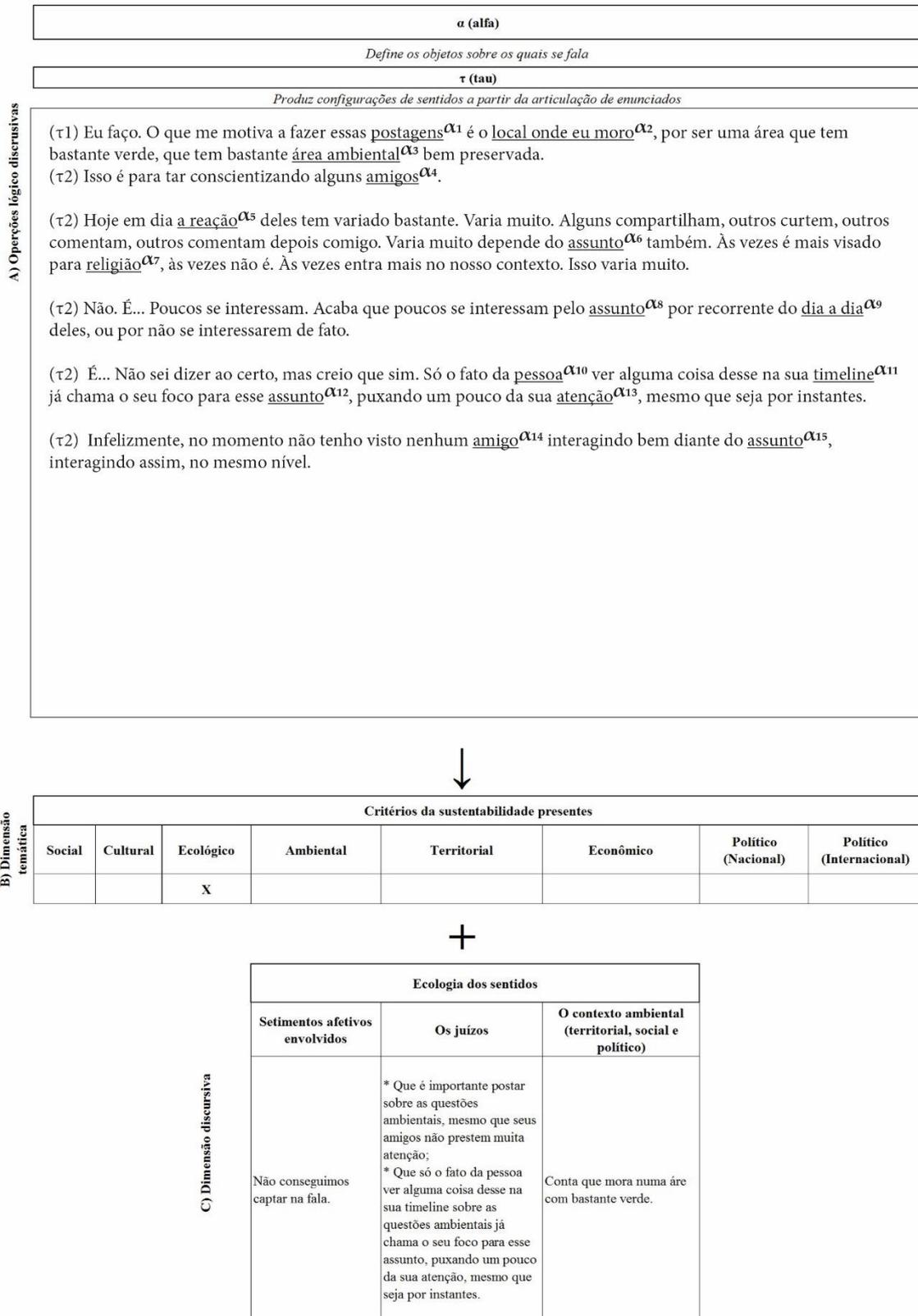


Figura 25 - Análise e interpretação da Linha do Tempo de Bruno<sup>81</sup>

<b>A</b>	Número total de postagens sobre questões ambientais / sustentáveis	<b>20</b>													
	<b>B</b>	Números de amigos no Facebook	<b>2463</b>												
<b>C</b>	Interações dos amigos	Post 1		Post 2		Post 3		Post 4		Post 5		Post 6		Post 7	
		% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos
	curtidas	3,21%	79	0,00%	0	0,00%	0	0,12%	3	0,04%	1	0,00%	0	0,08%	2
	“amei”	0,12%	3	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1
	“haha”	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
	“Uau”	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
	“Triste”	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1	0,00%	0	0,00%	0
	“Grr”	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
	<b>Total</b>	<b>3,33%</b>	<b>82</b>	<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,12%</b>	<b>3</b>	<b>0,08%</b>	<b>2</b>	<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,12%</b>	<b>3</b>
<b>D</b>	Compartilhamentos	0		0		0		0		0		0		0	
	Comentários	0		0		0		0		0		0		0	
<b>E</b>	Tema	Foto mostrando conexão com a natureza	Compartilhamento de post sobre a exploração dos recursos naturais nos períodos colonialista e neo-colonialista.	Compartilhamento sobre fotos e pequeno texto sobre agrofloresta e permaculnaria.	Compartilhamento sobre alimentação saudável/natural.	Post de link de matéria sobre quando a cota de recursos do planeta foi esgotada em 2017.	Compartilhamento sobre a venda de alimentos orgânicos.	Compartilhamento crontra o aprisionamento de animais.							
<b>F</b>	Social		X				X								
	Cultural		X				X								
	Ecológico	X	X	X			X	X							
	Ambiental		X	X	X		X								
	Territorial		X				X								
	Econômico		X				X								
	Político Nacional		X				X								
	Político Internacional		X				X								

<sup>81</sup> Por conta da extensão do gráfico, preferimos dividir em três para facilitar a visualização.

Post 8		Post 9		Post 10		Post 11		Post 12		Post 13		Post 14	
% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos
0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1	0,89%	22	0,16%	4	0,00%	0	0,08%	2
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1
0,00%	0	0,04%	1	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1
0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,04%</b>	<b>1</b>	<b>0,08%</b>	<b>2</b>	<b>0,89%</b>	<b>22</b>	<b>0,16%</b>	<b>4</b>	<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,20%</b>	<b>5</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Compartilhamento de link de matéria sobre a proibição na França da venda de copos descartáveis.		Compartilhamento sobre a impunidade da Samarco na tragédia ambiental causada no Rio Doce.		Compatilhamento de vídeo com denúncias sobre tráfico animal.		Atualização de foto de perfil com o tema da SOS Amazônia.		Compartilhamento sobre a importância de uma árvore.		Compartilhamento de um vídeo sobre o caranguejo ferradura no qual se explica que sua população está sofrendo com as mudanças		Compartilhamento sobre seca do açude da região em que mora.	

**Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra**

				<b>x</b>		
				<b>x</b>		
<b>x</b>						
	<b>x</b>		<b>x</b>		<b>x</b>	<b>x</b>
			<b>x</b>			
			<b>x</b>			
			<b>x</b>			
			<b>x</b>			

Post 15		Post 16		Post 17		Post 18		Post 19		Post 20		Total em números absolutos
% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	
0,12%	3	2,19%	54	0,04%	1	0,04%	1	0,04%	1	0,08%	2	176
0,04%	1	0,12%	3	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	8
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	1
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,04%	1	0,00%	0	0,00%	0	1
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	3
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	1
<b>0,16%</b>	<b>4</b>	<b>2,31%</b>	<b>57</b>	<b>0,04%</b>	<b>1</b>	<b>0,08%</b>	<b>2</b>	<b>0,00%</b>	<b>0</b>	<b>0,08%</b>	<b>2</b>	<b>190</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>1</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>8</b>
Compartilhamento de vídeo sobre produção aquapônica.	Foto mostrando conexão com a natureza.	Post de link de clip de música que exalta a ligação com a natureza.	Compartilhamento sarcástico com relação à Vale e a Samarco.	Compartilhamento de vídeo sobre cuidado com plantas / curiosidade.	Confirmação num evento de multirão de limpeza de um trilha local.							

	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	<b>x</b>	
<b>x</b>			<b>x</b>		<b>x</b>	

Bruno é um rapaz gentil, mas de poucas palavras. Nas entrevistas, era possível notar sua ligação com as questões ambientais. Na fala dele, não conta que mora em Santo Aleixo (limita-se a dizer que vive perto de uma área verde) e que também é ligado à ONG, assim como Bruna. Esses detalhes só foram contados na entrevista anterior, que teve problemas no áudio e por isso foi perdida.

Na sua entrevista, os destaques vão para a sua defesa das postagens sobre questões ambientais, mesmo que seus “amigos” não deem muita importância. Se formos notar suas postagens sobre o tema, apenas duas das 20 dela chegaram a ter mais 1% de envolvimento dos seus “amigos”. Essas duas postagens são fotos dele mostrando sua conexão com a natureza. Os demais *posts*, compartilhamentos com viés mais questionador, geralmente falando de temas sobre tráfico de animais e a impunidade da Samarco na tragédia ambiental causada no Rio Doce, no entanto, tiveram baixíssima adesão.

Sobre suas postagens, consideramos que dois deles envolvem todos os sete critérios de sustentabilidade, mesmo que indiretamente e pelo viés negativo, por conta da amplitude das questões que tratavam. Foram eles um:

- Post de link de matéria sobre quando a cota de recursos do planeta foi esgotada em 2017;
- Atualização de foto de perfil com o tema da SOS Amazônia.

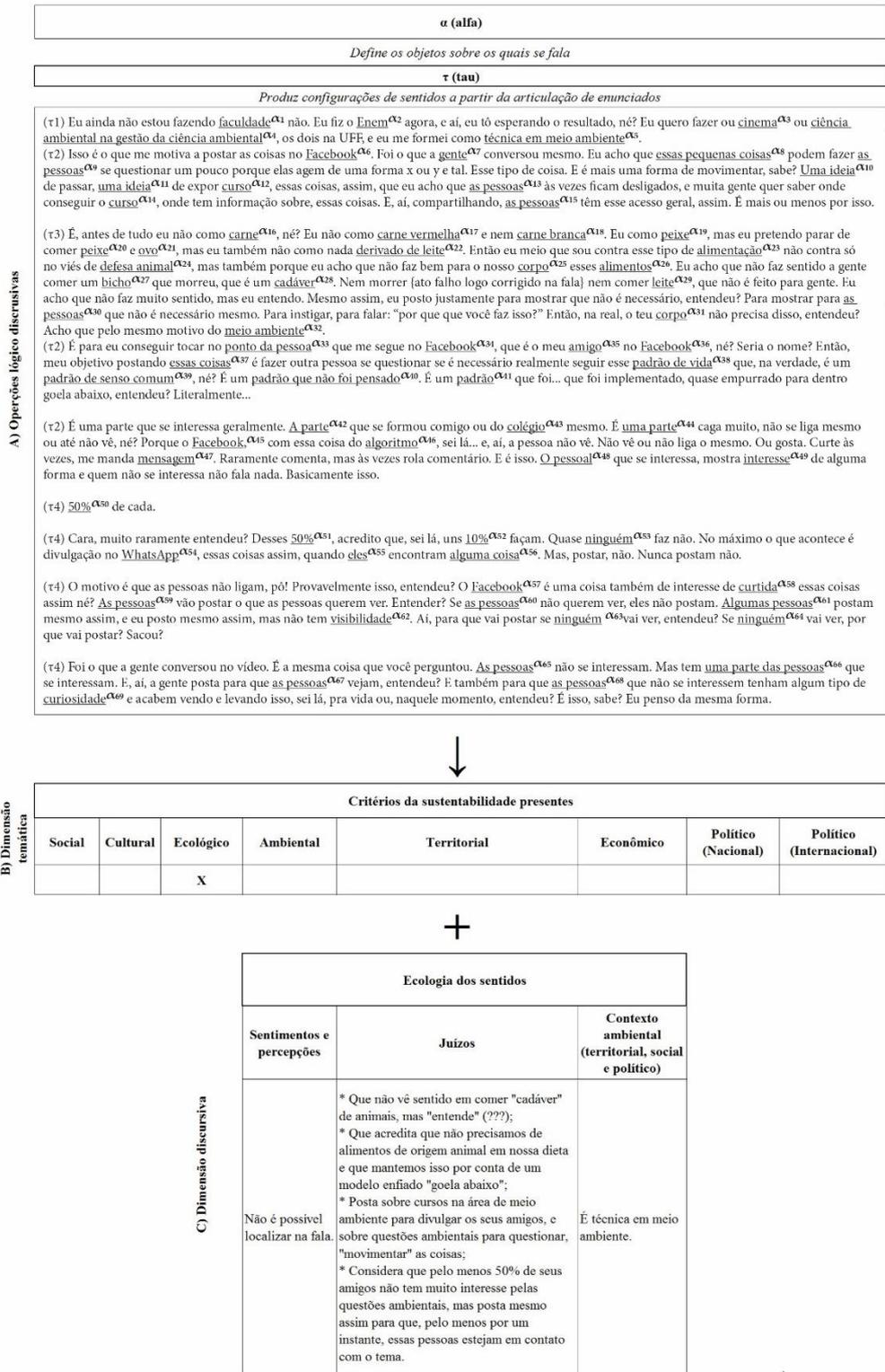
Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , as motivações para que Bruno poste sobre as questões ambientais; em  $\tau_2$  a reação dos seus “amigos” e os motivos por eles não serem tão interessados nas questões ambientais.

Entre os principais juízos localizados em sua fala estão:

- Que é importante postar sobre as questões ambientais, mesmo que seus “amigos” não prestem muita atenção;
- Que só o fato da pessoa ver alguma coisa desse na sua Linha do Tempo sobre as questões ambientais já chama o seu foco para esse assunto, puxando um pouco da sua atenção, mesmo que seja por instantes.

### 5.1.14 Análise dos dados de Amanda

**Figura 26 - Análise e interpretação dos discursos de Amanda**





<i>Post 7</i>		<i>Post 8</i>		<i>Post 9</i>		<i>Post 10</i>		<i>Post 11</i>		<i>Post 12</i>		<i>Post 13</i>	
% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos	% de amigos envolvidos (amigos que interagiram / total de amigos)	Números absolutos
0,41%	3	0,68%	5	1,50%	11	0,27%	2	0,27%	2	0,55%	4	0,27%	2
0,00%	0	0,14%	1	0,68%	5	0,27%	2	0,14%	1	0,14%	1	0,00%	0
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	0
<b>0,41%</b>	<b>3</b>	<b>0,82%</b>	<b>6</b>	<b>2,19%</b>	<b>16</b>	<b>0,55%</b>	<b>4</b>	<b>0,41%</b>	<b>3</b>	<b>0,68%</b>	<b>5</b>	<b>0,27%</b>	<b>2</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Compartilhamento sobre plantas medicinais.		Post de link sobre ervas legais que alteram a consciência e os sonhos.		Compartilhamento de post sobre o bandeirão da UERJ passar a ter opções veganas.		Post de link com dicas de como contrinuir com o incêndio na chapada dos veadeiros.		Compartilhamento de um vídeo do estilo "faça você mesmo" com reaproveitamento de materiais para o plantio em casa.		Compartilhamento de como tirar os agrotóxicos das frutas e verduras.		Compartilhamento de um post incentivando o consumo consciente privilegiando as compras de Natal em produtores locais.	

**Dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) em que o post se enquadra**

						<b>x</b>
						<b>x</b>
<b>x</b>						
			<b>x</b>	<b>X</b>		<b>x</b>
						<b>x</b>
						<b>x</b>



comer peixe e ovo e questiona bastante atual padrão alimentar, que diz ter sido muito mais uma imposição do que uma escolha consciente.

Por já ter estudado meio ambiente, costuma divulgar cursos nessa área, além de fazer diversos questionamentos quanto aos maus tratos com animais e consumo de carne e receitas veganas, entre outros. Entretanto, dos 19 *posts* sobre a temática ambiental localizados nos seis meses analisados, apenas um chegou a ter mais de 1% de envolvimento dos seus “amigos”. Especificamente, foi um post em que usou o tema da ONG SOS Mata Atlântica em sua foto de perfil. Esse post, aliás, foi o único que, mesmo que indiretamente, preencheu todos os critérios de sustentabilidade, considerando a amplitude das causas publicamente defendidas pela ONG.

Na análise do discurso por meio da Lógica Natural, pudemos localizar: em  $\tau_1$ , a descrição do seu contexto ambiental de Bruna com informações sobre a graduação em que pretende ingressar e o curso técnico que já cursou; em  $\tau_2$ , o que a motiva postar sobre as questões ambientais, em  $\tau_3$  ela falando sobre sua alimentação e fazendo uma crítica ao modelo alimentar da maior parte das pessoas; em  $\tau_4$ , o quanto seus “amigos” se interessam em postar ou interagir com questões ambientais no Facebook.

Entre os principais juízos localizados em sua fala estão:

- Que não vê sentido em comer "cadáver" de animais, mas "entende";
- Que acredita que não precisamos de alimentos de origem animal em nossa dieta e que mantemos isso por conta de um modelo enfiado "goela abaixo";
- Posta sobre cursos na área de meio ambiente para divulgar os seus “amigos”, e sobre questões ambientais para questionar, "movimentar" as coisas;
- Considera que pelo menos 50% de seus “amigos” não tem muito interesse pelas questões ambientais, mas posta mesmo assim para que, pelo menos por um instante, essas pessoas estejam em contato com o tema.

## 5.2 RESULTADOS GLOBAIS DA PESQUISA

Nas 14 entrevistas que acabamos de analisar, encontramos algumas peculiaridades sobre as quais já nos dedicamos a destacar. Essas particularidades, aliás, funcionam como novos prismas pelos quais se pode observar os sentimentos e percepções e juízos sobre o meio ambiente. Agora, no tópico de resultados globais, passaremos a nos debruçar sobre as interseções.

### 5.2.1 Agendamento da mídia

Alguns de nossos entrevistados, quando perguntados se postavam sobre as questões ambientais no Facebook, falaram que esperavam que esse tema passasse em suas linhas do tempo. Essa foi uma alegação presente nos discursos de Maria e Camila e Rafael. Todos os três disseram, cada um de sua forma, que tinham interesse pelo tema, mas quem não costumavam fazer *posts* sobre isso porque o assunto não estava aparecendo em seus Feeds de Notícias ou, em alguns casos, na TV. Entretanto, nenhum deles chegou a cogitar a possibilidade de, por iniciativa própria, gerar conteúdo sobre questões ambientais. Para esse grupo, ainda parece imperar uma certa passividade de quem espera que o agendamento da mídia seja responsável por suas discussões, mesmo no contexto de sites de redes sociais, em que todos<sup>82</sup> podem ser emissores e receptores ao mesmo tempo.

Aliás, essa postura de mais compartilhar do que criar e difundir conteúdos próprios sobre as questões ambientais foi observada até mesmo nos sujeitos bastante engajados, como Amanda.

Em diversas entrevistas, foi explicitado que o interesse pelas questões ambientais no Facebook parece estar associado à cobertura da imprensa a grandes catástrofes e desastres ambientais amplamente cobertos pela imprensa.

Um exemplo de que o agendamento da mídia parece influenciar o que e quando os jovens entrevistados decidem postar no Facebook, pelo menos em termos de questões ambientais, é o caso do decreto do presidente Temer que ampliaria a área de exploração mineral na Amazônia. Tanto Ana como Maria fizeram menções a respeito. As duas, inclusive, contaram que chegaram a compartilhar no Facebook uma petição contra o tal decreto. Ana destacou que, com isso, teve uma adesão expressiva de seus “amigos”, contando com diversos compartilhamentos.

Outro exemplo parecido é o caso da tragédia ambiental causada pela Samarco em Mariana, causando um grande impacto na cidade e no Rio Doce, bem como o sistema hidrográfico a que se conecta. Ana e Maria fazem alusão ao caso. Ana disse ter postado muito sobre o tema. Também encontramos um compartilhamento de uma lembrança<sup>83</sup> post de Bruno

---

<sup>82</sup> Quando falamos todos, lê-se todos aqueles com dispositivos com acesso à Internet e minimamente alfabetizados. Em todo caso, não olvidamos que ainda existem os excluídos da educação formal e da Internet por todo o país.

<sup>83</sup> O Facebook dispõe de um recurso que permite que seus usuários compartilhem seus próprios *posts* antigos.

a respeito de uma notícia com tom sarcástico do site Sensacionalista<sup>84</sup> dizendo que a Vale e a Samarco já estiveram em Marte e que os cientistas teriam chegado à essa conclusão por também não encontrarem vida no planeta, apenas gigantescos desertos. O rapaz é crítico dizendo, nesse compartilhamento, “E ainda continua impune”, mas não recebe qualquer interação de seus “amigos” no Facebook.

### 5.2.2 Vegetarianismo e veganismo

Questões como vegetarianismo e o veganismo estiveram presentes nas falas de Maria Bruna, Amanda e Lucas. Esses últimos três contaram fazer postagens a respeito por terem interesse em dietas mais saudáveis e, no caso de Amanda e Bruna, pela questão da proteção aos animais. As duas jovens, em especial, destacam os malefícios da indústria da carne. Além do tema estar presente em seus discursos, também esteve em seus *posts*. Isso, inclusive, rendeu respostas beligerantes à um post sobre isso tanto por Bruna como por Lucas.

### 5.2.3 O papel da educação formal na conscientização ambiental

Figura recorrente nas entrevistas foi o papel do professor na conscientização ambiental da juventude no Facebook. Jessica, Maria e Lucas, quando perguntados se algum amigo deles postava sobre questões ambientais lembraram imediatamente de seus professores que costumavam fazer isso nos perfis de Facebook. Essa mesma pergunta fez Felipe lembrar de um amigo que faz uma faculdade na área ambiental e que posta sobre o tema. Amanda, que com muita frequência aborda temas ambientais diversos, como cursos, dicas de plantas medicinais, preservação ambiental e veganismo, é técnica em meio ambiente e cogita prosseguir nessa área durante a graduação. O que liga esses cinco sujeitos, pelo que observamos, é o papel da educação formal na questão da conscientização ambiental e o espraiamento dessa questão para as redes sociais.

---

<sup>84</sup> O site é conhecido por, propositalmente, e de forma visivelmente sarcástica, criar notícias fictícias. A intenção não é gerar Fake News, mas sim humor. O próprio Sensacionalista se intitula “isento de verdade”(SENSACIONALISTA, [s.d.], [s.p.]).

### 5.2.4 Proximidade das áreas verdes e conexão com o meio ambiente

Outro aspecto recorrente nas análises de pessoas mais ambientalmente engajadas é proximidade geográfica com áreas verdes, como florestas e cachoeiras. Bruna e Bruno, por exemplo, são moradores de Santo Aleixo. Ambos são ligados a ONG Aideia, localizada na Ecovila El Nagual, e falam de como viver nessa região tão próxima de matas afeta positivamente a relação deles com as questões ambientais. Mesmo aqueles que moram ou moraram em regiões próximas cercadas de natureza e numa primeira abordagem não se mostraram tão atuantes nessa causa, durante as entrevistas, mencionaram “amigos” que o eram e, pelo menos, reconheceram a importância do tema em suas vidas. Esse foi o caso de Larissa e Gabriel.

### 5.2.5 Engajamento e otimismo X pessimismo nas questões ambientais

A maior parte dos entrevistados, 10 deles, relatou ter algum tipo de interesse pelas questões ambientais, mas apenas Lucas, Ana, Felipe, Juliana, Camila, Bruna, Bruno, Amanda fizeram *posts* a respeito. Desses oito, pelo menos seis deles mostraram não acreditar que seus “amigos” no Facebook também são interessados pelas questões ambientais. Confirmando essa percepção, todos os oito, de uma forma geral, obtiveram baixas taxas de interação por parte de seus “amigos”<sup>85</sup>. Comentários e compartilhamentos geralmente só aconteceram em *posts* de fotos em que os sujeitos expressavam também em texto a conexão ambiental<sup>86</sup>.

As únicas exceções que acreditam que parte dos seus “amigos” têm afinidade com as questões ambientais foram Amanda e Bruna. É possível que pensem assim por estarem envolvidas em realidade em que o meio ambiente está sempre em foco. Em todo caso, as duas não obtiveram taxas expressivas de engajamento em seus *posts* ambientais no Facebook.

Se uns pensam que postar sobre as questões ambiente não adianta muito, outros creem que o Facebook pode ser um importante meio de propagação das questões ambientais. Esse é o caso de Ana e Bruna. Ainda existem casos como de Bruna, Amanda e João, os quais acreditam

---

<sup>85</sup> Quando o sujeito não deixava disponível em seu Facebook o número de amigos, não foi possível calcular o percentual, que consiste em número de curtidas, “amei”, “haha”, “uau”, “triste”, “grr” sobre o total de “amigos”.

<sup>86</sup> Só consideramos que um *post* de foto só mostrava conexão com o meio ambiente quando vinha acompanhado de um texto que também sinalizasse isso.

que mesmo que esse tipo de postagem não mude tanto as coisas, ajudam a despertar, mesmo que num processo de conta-gotas, o interesse pelas causas ambientais. João, aliás, já foi hostilizado por seus “amigos” graças a um *post* sobre a Amazônia, mas mesmo assim diz não que pretende desistir de fazer futuros outros.

No grupo dos entrevistados ambientalmente sensibilizados, destacamos três mais engajados: Bruno, Bruna e Amanda. Podemos fazer essa leitura seja pela intensidade de *posts* que fazem com foco em meio ambiente ou mesmo por suas falas, destacando sempre o ativismo. É digno de nota que, mesmo assim, a maior parte das suas publicações sobre questões ambientais tratam-se de compartilhamentos, muitas vezes sem textos dos sujeitos. O mais próximo, aliás, que dois desses três (Bruno e Bruna) chegaram de produzir conteúdo próprio foram as fotos que postaram junto com legendas que indicavam conexão com a natureza.

## 6 DISCUSSÃO

Como já destacamos ao abordar o item “questão da pesquisa e objetivos”, mesmo após buscas cuidadosas nas principais bases bibliográficas – em inglês, português e espanhol – surpreendentemente não conseguimos encontrar muitos trabalhos revisados por pares que também fizesse uma interseção entre juventude, meio ambiente e sites de redes sociais. O único que localizamos foi o de Pinheiro (2013), sobre a questão do consumo verde e da participação jovem via Twitter na conferência Rio+20. Embora nossa temática seja bem próxima a estudada pela autora, as abordagens teóricas foram bastante diferentes. Pinheiro (2013) trata também da questão do consumo consciente pela juventude, que embora esteja na ordem do dia, não fez parte dos nossos principais questionamentos, apenas por uma questão de foco.

Enquanto a autora utilizou o “conceito de formação discursiva, do filósofo Michel Foucault” (PINHEIRO, 2013, p. 72) em seu embasamento teórico, preferimos construir uma espinha dorsal por meio de uma abordagem psicossocial da comunicação de orientação construtivista-crítica, que integra aspectos teóricos da filosofia de Habermas, da epistemologia genética de Piaget e da teoria da esquematização e da Lógica Natural de Grize.

Em termos de metodologia de análise e interpretação dos dados, Pinheiro (2013) se dedicou a agrupar palavras-chave utilizadas no tweets com hashtag #juventudeRio20, de acordo com a recorrência. Já em nosso trabalho, utilizamos a lógica natura para analisar os discursos dos jovens, e o modelo integrativo entre Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011) e a visão de Sachs (2002) a respeito dos oito pilares da sustentabilidade.

Nesse sentido, pudemos ir um pouco mais além do que as análises quantitativas dos *posts*. Fizemos também uma investigação qualitativa que contou, ainda, com entrevistas semiestruturadas.

Embora o trabalho de Pinheiro (2013) tenha nos encorajado a acreditar ainda mais na relevância desse tema em comum, não pudemos dialogar ainda mais com ele porque o perfil no Twitter @JuventudeRio20, ao que tudo indica, foi uma iniciativa de caráter institucional<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Numa nota de rodapé, Pinheiro (2013) conta que o perfil foi uma ação em rede da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ); Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e Escola de Comunicação da UFRJ. Ou seja, não partiu espontaneamente dos jovens e sim foi pensada para eles. Isso fica ainda mais claro que a autora escrever que essa foi uma iniciativa de mobilização e protagonismo jovem, chamando-os a se posicionar e a intervir nos debates das questões ambientais. Vale destacar que não consideramos isso um demérito. A iniciativa, na verdade, tem nossa sincera admiração.

Reconhecemos sua importância para gerar mobilização juvenil no âmbito da conferência Rio+20, mas reforçamos que nosso foco está no que emerge da juventude, para a juventude.

Com apenas um trabalho com temática semelhante ao nosso, reafirmamos nosso entendimento de que estamos contribuindo para preencher uma lacuna de um ponto sub-pesquisado, de acordo com as elucidações de Sandberg e Alvesson (2011). Isso significa que nossa pesquisa irá contribuir para a diminuição de escassez de bibliografia científica sobre o esse importante *link* entre juventude, meio ambiente e sites de redes sociais.

A respeito da utilização de recursos como as vídeo conferências, pesquisadores como Kohl e Gotzenbrucker (2014) e Lara e Campos (2016), já tinham desenvolvido entrevistas por esse meio. Deakin e Wakefield (2014) e Janghorban, Roudsari e Taghipour (2014) reforçam, inclusive, que dessa forma é mais viável alcançar os sujeitos que estejam longe do pesquisador, possibilitando investigações que não contam com grandes recursos financeiros. Ou seja, não fizemos algo inédito ao entrevistar os jovens pesquisados por vídeo chamadas e áudio de WhtasApp, mas, ainda assim, ajudamos a aprimorar a técnica, que é relativamente nova. Nesse sentido, empregamos soluções criativas e de baixíssimo custo<sup>88</sup>, que podem ser facilmente utilizadas por outros pesquisadores como:

1. Gravação das entrevistas por meio de um recurso do Youtube no seu “Estúdio de Criação”, que de maneira absolutamente privada, capta tudo aquilo que se passa na tela de um computador, bem como o que o microfone do dispositivo é capaz de captar<sup>89</sup>;
2. Entrevistas por áudio de WhatsApp, que depois foram transcritas com a ajuda de um aplicativo gratuito chamado “Áudio to Text para WhatsApp”<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> Computador com *webcam* integrada, *smartphone* e conexão à Internet são os recursos básicos que utilizamos. Embora sejam relativamente caros no Brasil, desejamos deixar claro que já despúnhamos deles previamente e nenhum deles precisou ser de primeira linha. Outros pesquisadores com computadores medianos, smartphones intermediários e banda larga, mesmo que não seja “tão larga assim”, podem fazer o mesmo.

<sup>89</sup> O detalhamento desse recurso bastante simples e gratuito, que dispensa a instalação de softwares específicos encontramos em canal LM Tutors (2016). Na lista de referências bibliográficas, deixamos o link disponível. O recurso, aliás, pode ser empregado na criação de vídeo aulas o mesmo para desenvolver outros vídeos tutoriais. Quem faz esse, pelo que a voz indica, é um rapaz bastante jovem e sagaz, a quem muito agradecemos.

<sup>90</sup> O aplicativo Áudio to Text para WhatsApp, desenvolvido pela Supergianlu ([s.d.]) está disponível, gratuitamente para celulares Android, na loja digital de aplicativos Google Play. Ele transcreve áudios de até três minutos com um grande acerto de palavras. Mesmo assim, todas essas transcrições foram minuciosamente revistas e corrigidas, o que ainda assim foi bem mais rápido do que partir do zero. Apenas quatro entrevistas dispuseram dessa facilidade porque foram exatamente aquelas que precisaram ser refeitas por conta de um problema do áudio tardiamente detectado num dos computadores utilizados. Destacamos que o WhatsApp conta com criptografia dos dados e o smartphone utilizado tem senhas de bloqueio, inclusive com impressão digital, garantindo assim o sigilo das entrevistas.

Em termos de contribuição metodológica, destacamos o desenvolvimento de um modelo integrativo entre a Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011) e a visão de Sachs (2002) a respeito dos oito pilares da sustentabilidade, bem como a aplicação da Lógica Natural segundo Grize (1993), para a análise dos discursos produzidos pelos jovens durante a entrevista.

Sobre os resultados da pesquisa, um de nossos maiores achados foi localizar um grupo ativista pelas questões ambientais com forte participação jovem. Esse, inclusive, foi um de nossos objetivos de pesquisa. Dois jovens entrevistados, ambos moradores de Santo Aleixo, são ligados à ONG local Associação Internacional de Desenvolvimento Econômico Inter Ambiental (Aideia), que tem “por objetivo a preservação/proteção, educação, restauração, estudo/pesquisa e, conseqüentemente, a transformação e o desenvolvimento local” (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO INTER AMBIENTAL, [s.d.]). Podemos observar na página de Facebook que a ONG (AIDEIA, [s.d.]), entre outras coisas, realiza atividades de conscientização ambiental nas escolas da região. De acordo com o que observamos nos *posts* da página do grupo, também promovem a formação de jovens monitores, que após concluírem os módulos propostos, são chamados de “Anjos da Natureza”.

Além desse achado, gostaríamos de destacar um dos nossos resultados de pesquisa mais relevantes: muitos dos jovens entrevistados justificaram não postar sobre questões ambientais porque a mídia não estava abordando muito o tema. Alguns, inclusive, falaram que só postavam sobre quando acontecia algum desses grandes desastres ambientais amplamente noticiados pela grande imprensa.

Outro fato alarmante é que praticamente não observamos esses jovens produzindo conteúdo próprio sobre a questão ambiental no período analisado, com exceção de dois deles, Bruna e Bruno, ambos integrantes da ONG Aideia, que postaram fotos com legendas que destacassem a conexão que sentiam com a natureza.

Num mundo em que a juventude vêm despontando nos sites de redes sociais com milhares e até milhões de seguidores, Youtubers jovens, como Kéfera Buchmann e Whindersson Nunes (CAROLINA KIUCHI; JENNIFER OLIVEIRA SILVA; LETÍCIA RIENTE R. GOMES, 2018; CLARA; FARIA; HARMATA, [s.d.]; ESPINOSA, 2016), mostram que é possível criar conteúdo, mesmo sem grandes recursos tecnológicos<sup>91</sup> e atrair a

---

<sup>91</sup> Embora os Youtubers citados hoje sejam bastante ricos e disponham de equipes para auxiliá-los, no início de seus canais, produziam seus conteúdos sozinhos, dispondo apenas de computador, câmera e muita criatividade.

atenção de outros jovens. Por conta dessa reflexão, a passividade que detectamos de quase todos os jovens entrevistados nos gerou alguns questionamentos:

1. Por qual motivo a juventude não vem produzindo conteúdo próprio sobre o meio ambiente?
2. Se há tantos jovens falando nas redes de temas como maquiagem, estilo de vida, humor, relacionamento e até tecnologia, porque praticamente não observamos a juventude tomando as rédeas nos sites de redes sociais quando o assunto é meio ambiente?
3. É o desinteresse geral pelas questões ambientais que gera baixo engajamento da juventude nos sites de redes sociais sobre o tema ou simplesmente a juventude acredita que os sites de rede social não são o melhor meio para tratar dessa questão?

Essa são algumas das perguntas que esperamos poder responder numa futura continuação de nossa pesquisa.

## 7 CONCLUSÃO

Recapitulando nossa pesquisa, em nosso estudo de caso híbrido (qualitativo e quantitativo), buscamos entender o que jovens economicamente menos favorecidos Grande Rio pensam a respeito do meio ambiente, por meio de comunidades em rede como o Facebook. Ao todo, foram investigados 14 jovens entre os 18 e 24 anos para conhecer, por meio de seus discursos e *posts*, seus sentimentos, percepções e juízos sobre as questões ambientais. Entre outras motivações, decidimos fazer essa investigação para ajudarmos a diminuir a carência de bibliografia científica a respeito da interseção entre juventude, meio ambiente e sites de redes sociais, contribuindo assim para o preenchimento de uma lacuna de um ponto sub-pesquisado. Fundimos aspectos da teoria comunicativa da Ecologia dos Sentidos (CAMPOS, 2015a, 2015b, 2015c; CAMPOS; GRABOVSKI, 2011) e as oito dimensões da sustentabilidade segundo Sachs (2002) por meio de um quadro teórico integrativo. Esse quadro foi utilizado em nossa análise e interpretação dos dados que coletamos por meio de questionário, entrevistas semidirigidas e a Linha do Tempo do Facebook dos sujeitos. No processo de análise dos discursos produzidos nas entrevistas, lançamos mão da Lógica Natural de Grize (1993).

Entre os principais resultados, destacamos que embora os jovens até manifestem interesse pelas questões ambientais, não postam com frequência sobre o tema, com exceção dos ativistas dessa causa. De uma maneira geral, os poucos *posts* que fazem sobre o meio ambiente, além de não disponibilizarem conteúdos criados por eles, contam com baixa adesão de seus “amigos” no Facebook. Em função desses resultados, identificamos a necessidade de sugerimos pistas de estudos futuros com foco na juventude e o que expressa por meio das comunidades em dos sites de redes sociais sobre o meio ambiente.

Por se tratar de uma investigação de caráter exploratório, nosso trabalho tem como limite a obtenção de dados não generalizáveis. Em todo caso, todas essas informações nos sugerem o que de fato ocorre em termos mais amplos em se tratando de juventude e meio ambiente nos sites de redes sociais, nos trazendo assim algumas pistas que pretendemos seguir nos desdobramentos futuros deste trabalho.

Apesar dos limites de nossa pesquisa, consideramos ter avançado, ainda que modestamente, em termos de conhecimentos sobre as relações entre juventude meio ambiente e redes sociais principalmente por termos jovens entrevistados, embora manifestem certo interesse nas questões ambientais, não têm postado com tanta frequência sobre o tema, com exceção dos ativistas dessa causa. De uma maneira geral, os poucos *posts* que fazem sobre o

meio ambiente, além de não serem conteúdos criados por eles, contam com baixa adesão de seus “amigos” no Facebook. Outro destaque fica por conta dos discursos dos jovens que falaram que a mídia influenciava na decisão de postar ou não sobre as questões ambientais, mostrando uma postura passiva diante de uma causa que eles mesmos admitiram a relevância.

Embora tenhamos nos empenhado em fazer um trabalho mais completo possível, por uma questão de escassez de tempo, recursos financeiros e mesmo por nossa escolha de foco, não tratamos de certos pontos que poderiam trazer outros ricos panoramas sobre a juventude. Quando começamos nosso trabalho, muitos caminhos foram se descortinando e, para prosseguir, precisamos fazer uma série de escolhas. Contudo, nada impede que, futuramente, possamos explorar pelo menos uma parte dessas rotas alternativas que foram surgindo. A seguir, apresentaremos algumas delas.

As entrevistas por WhatsApp foram uma solução para, em muito pouco tempo, resolver um imprevisto técnico no áudio de quatro entrevistas. Observamos, com o uso desse recurso ao invés da vídeo-chamada, uma simplificação do processo. O entrevistado não precisava dispor de conexão de tão boa qualidade para poder participar. Além disso, era possível responder nos intervalos do trabalho e/estudo, de forma mais flexível. Lançando mão dessa facilidade desde o início, talvez fosse possível alcançar mais sujeitos em menos tempo.

Dos 10 entrevistados que participaram do questionário quantitativo do tipo survey, dois indicaram, cada um deles, mais quatro participantes, totalizando 14. Nessa segunda etapa da pesquisa (entrevistas sem-estruturadas), adotamos uma técnica de amostragem mista: por critério e do tipo bola de neve, ainda que nosso uso da última tenha sido limitado. Caso dispuséssemos de mais tempo, poderíamos lançar mão da técnica de bola de neve mais amplamente.

Nossa pesquisa buscou sentimentos e percepções e juízos jovens sobre o meio ambiente, no Facebook, sem, no entanto, entrar diretamente na questão das representações sociais. Contudo, entendemos que as recorrências, ao menos, podem nos trazer pistas do que poderiam ser as representações sociais da juventude do Grande Rio, caso tivéssemos acesso a grupos mais numerosos de jovens.

No escopo da pesquisa, estava investigar jovens economicamente menos favorecidos, mas poderia ser interessante também ouvir jovens mais abastados, de forma que fosse possível fazer comparações e paralelos entre as visões dos dois grupos para entender se a situação financeira tem algum tipo de relação com a forma como se percebe a questão ambiental.

Um grupo ativista da questão ambiental, com alto protagonismo jovem e com foco nesse público, foi localizado. É a ONG Aideia, que tem sua sede em Santo Aleixo, o segundo distrito do município de Magé. Uma análise do Facebook do grupo e mais aprofundamento sobre a sua atuação, inclusive a online, pode trazer resultados relevantes sobre a questão da participação jovem nas questões ambientais, no Grande Rio.

Optamos por fazer investigações sobre o que os jovens pensam a respeito do meio ambiente por meio do expressam no Facebook porque ainda são o principal público nessa rede, mas pesquisas apontam que esse é um dos grupos que cada vez menos vem crescendo nesse site de rede social, enquanto em outras redes, como o Instagram e o Snapchat, essa tendência se inverte (EMARKETER, 2017). Nesse caso, uma pesquisa mais abrangente, que investigasse também a questão ambiental nesses outros canais poderia indicar novas tendências.

O recrutamento dos jovens que entrevistamos partiu de uma lista de contato de estudantes de um pré-vestibular social. Só isso, de certo modo, pode ter trazido um enviesamento aos resultados da pesquisa. Ter acesso a outros grupos de jovens poderia trazer diferentes perspectivas.

Quando chamamos os entrevistados para participar das entrevistas, comunicamos que meio ambiente seria um dos temas tratados, junto com política<sup>92</sup> e redes sociais. É possível que isso tenha gerado mais interesse por parte daqueles que já tinham afinidade com o tema ambiental. Caso houvesse uma forma de não informar esse importante detalhe no recrutamento<sup>93</sup>, poderíamos ter outros resultados.

---

<sup>92</sup> Também fizemos algumas perguntas sobre política para a pesquisa “Juventude Líquida e Argumentação em Rede: Diálogo ou Violência?”, a qual já mencionamos anteriormente.

<sup>93</sup> Cabe ressaltar que fomos obrigados a deixar claro o tema geral da pesquisa no termo de consentimento livre e esclarecido. Mesmo que não fossemos, essa era a primeira pergunta dos jovens que respondiam nossos primeiros contatos. Embora pudesse ser interessante não criar esse tipo de clivagem de público, não nos sentiríamos eticamente confortáveis em sonegar essa informação.

## LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 6, p. 25–36, 1997.

AIDEIA. **Aideia - Sobre**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/anjosdanatureza1>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

ALLISON, K. W. et al. **Connecting Youth Violence Prevention, Positive Youth Development, and Community Mobilization** *American Journal of Community Psychology*, set. 2011. Disponível em: <<http://doi.wiley.com/10.1007/s10464-010-9407-9>>. Acesso em: 18 maio. 2016

AMARAL FILHO, N.; BOFF, E.; MURAD, E. **Comunicação Organizacional Verde: Economia, Marketing Ambiental e Diálogo Social para a Sustentabilidade Corporativa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editório, 2013.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO INTERAMBIENTAL. **Sobre Nós**. Disponível em: <<https://ongaideia.wordpress.com/sobre/ong-aideia/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BALTAR, F.; BRUNET, I. Social research 2.0: virtual snowball sampling method using Facebook. **Internet Research**, v. 22, n. 1, p. 57–74, 2012.

BANKS, A. **Brazil digital future in focus**. [s.l.] ComScore, 2015.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z.; MAZZEO, R. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Tradução Jeni Vaitsman. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BUSH, V. As We May Think. **The Atlantic**, 1945.

CALADO, K. DE A.; CAMAROTTI, M. DE F. Protagonismo Juvenil: um ensaio de participação do Programa Projovem Adolescente de Borborema-PB. **Revista do PPGA/FURG-RS**, v. 30, n. 2, p. 274–289, 2013.

CAMPOS, M.; LAFERRIÈRE, T.; HARASIM, L. The post-secondary networked classroom: renewal of teaching practices and social interaction. *Journal of Asynchronous Learning Networks*. **JALN**, v. 5, n. 2, p. 36–52, 2001.

CAMPOS, M. N. **Traversée: Essai sur la communication**. 1ª ed. Berne: Peter Lang, Éditions Scientifiques Internationales, 2015a.

CAMPOS, M. N. Coconstrução dos conhecimentos no uso das tecnologias educativas: Reflexões éticas. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n. 28, p. 184–211, 2015b.

CAMPOS, M. N. Integrando Habermas, Piaget e Grize: contribuições para uma Teoria Construtivista-Crítica da Comunicação. **Revista Famecos**, v. 21, n. 3, p. 966–996, 2015c.

CAMPOS, M. N. et al. Liquid Youth: From Street Kids to Theater Actors. An Account of a Reaffiliation Process. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 340–358, 2016.

CAMPOS, M. N. **Navegar é preciso, comunicar é impreciso**. 1ª ed. São Paulo: Edusp, 2017.

CAMPOS, M. N.; GRABOVSKI, C. Argumentação e design: Cognição, afetividade e moralidade em comunidades universitárias de aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 8, n. 17, p. 1–27, 2011.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Tradução Maurício Santana. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CAROLINA KIUCHI; JENNIFER OLIVEIRA SILVA; LETÍCIA RIENTE R. GOMES. Youtubers: a nova geração de influenciadores. **Revista Científica UMC**, v. 3, n. 1, p. 1–14, fev. 2018.

CASTELLS, M. **La Galaxia Internet: reflexiones sobre Internet, empresa y sociedad**. Tradução Raúl Quintana. 1ª ed. Barcelona: Areté, 2001.

CASTILHO, L. V. DE; OLIVEIRA, P. M. DE C.; FABRIANI, C. B. **Análise de uma tragédia ambiental e a participação da população no equacionamento dos problemas de moradia: um estudo de caso da tragédia na região serrana do Rio de Janeiro**. VI Encontro Nacional da ANPPAS. **Anais...Belém: 2012** Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT11-1191-954-20120622101303.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017

CHAUÍ, M. **Chauí ao 247: “Jovens deram passo na politização”**. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/105737/Chauí-ao-247-“Jovens-deram-passo-na-politização”.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

CLARA, A.; FARIA, G.; HARMATA, F. **Influenciadores Digitais: Um Estudo Sobre a Popularidade Alcançada Através do YouTube 1**. [s.d.].

CLUBE DE ROMA. **History Club of Rome**. Disponível em: <<http://www.clubofrome.org/about-us/history/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

COLLINS, R.; HITCHINGS, R. A tale of two teens: Disciplinary boundaries and geographical opportunities in youth consumption and sustainability research. **Area**, v. 44, n. 2, p. 193–199, 2012.

DEAKIN, H.; WAKEFIELD, K. Skype interviewing: reflections of two PhD researchers. **Qualitative Research**, v. 14, n. 5, p. 603–616, out. 2014.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Tradução Plínio Dentizien. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks: the Triple Bottom Line of 21st Century Business**. Oxford: Capstone, 1997.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1143–1168, jul. 2007.

EMARKETER. **Instagram, Snapchat Adoption Still Surging in US and UK - eMarketer**. Disponível em: <<https://www.emarketer.com/Article/Instagram-Snapchat-Adoption-Still-Surging-US-UK/1016369>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ESPINOSA, J. R. **Youtubers teen: a influência dos vlogs às novas gerações**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

FACEBOOK. **Como faço para publicar na minha Linha do Tempo? | Central de ajuda do Facebook**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/help/170116376402147?helpref=faq\\_content](https://www.facebook.com/help/170116376402147?helpref=faq_content)>. Acesso em: 25 jun. 2017a.

FACEBOOK. **Como o Feed de notícias funciona**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/help/1155510281178725?helpref=faq\\_content](https://www.facebook.com/help/1155510281178725?helpref=faq_content)>. Acesso em: 4 fev. 2018b.

FERNANDES, R. B. Vítimas ou autores? Percepções sobre a juventude e o tráfico em um conjunto de favelas “pacificadas” no Rio de Janeiro. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 15, n. 2, p. 374–391, 2013.

FOLHA DE S. PAULO. **Número de smartphones em uso no Brasil chega a 168 milhões, diz estudo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1761310-numero-de-smartphones-em-uso-no-brasil-chega-a-168-milhoes-diz-estudo.shtml>>.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FREIRE, R. **Entenda a diferença entre smiley, emoticon e emoji**. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

FREIRE FILHO, J. Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 138–166, 2005.

FREITAS, H. et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, v. 35, n. 3, p. 105–112, 2000.

FUNDAÇÃO CECIERJ E CONSÓRCIO CEDERJ. **Conheça o Pré-vestibular Social**. Disponível em: <<http://cederj.edu.br/prevestibular/conheca-o-pvs/>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Situação da População Mundial 2014**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://unfpa.org.br/Arquivos/swop2014.pdf>>.

FUSCH, P. I.; NESS, L. R. Are we there yet? Data saturation in qualitative research. **The Qualitative Report**, v. 20, n. 9, p. 1408–1416, 2015.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying Online Social Networks. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 3, n. 1, p. 0–0, 23 jun. 2006a.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying Online Social Networks. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 3, n. 1, p. 0–0, 23 jun. 2006b.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. New York: Aldine Transcription, 1967. v. 1

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK. **NFA 2015 Public Data Package**, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/public\\_data\\_package](http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/public_data_package)>

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK. **Glossary**. Disponível em: <<http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/glossary/#Ecologicalfootprint>>. Acesso em: 20 ago. 2016b.

GRIZE, J.-B. Logique naturelle et représentations sociales. **Papers on Social Representations**, v. 2, n. 3, p. 1–9, 1993.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How Many Interviews Are Enough? **Field Methods**, v. 18, n. 1, p. 59–82, 2006.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Tradução Guido A. De Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HANDCOCK, M. S.; GILE, K. J. On the Concept of Snowball Sampling. **Sociological Methodology**, v. 41, n. 1, p. 367–371, 1 ago. 2011.

HENDERSON, D. J.; TUDBALL, E. J. Democratic and participatory citizenship: youth action for sustainability in Australia. **Asian Education and Development Studies**, v. 5, n. 1, p. 5–19, 4 jan. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sumário das tabelas disponíveis**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/default\\_tab\\_hist.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default_tab_hist.shtm)>. Acesso em: 17 fev. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Nomes no Brasil**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

JANGHORBAN, R.; ROUDSARI, R. L.; TAGHIPOUR, A. Skype interviewing: The new generation of online synchronous interview in qualitative research. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v. 9, n. 1, p. 24152, 25 jan. 2014.

KOHL, M. M.; GOTZENBRUCKER, G. Networked technologies as emotional resources? Exploring emerging emotional cultures on social network sites such as Facebook and Hi5: a trans-cultural study. **Media, Culture & Society**, v. 36, n. 4, p. 508–525, 1 maio 2014.

KROHLING PERUZZO, C. M. Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultura@: Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. **Revista Ofícios Terrestres**, v. 27, p. 1–24, 2011.

KUHNEN, A. Psicologia e meio ambiente: Como jovens e adultos representam água de abastecimento. **Psico**, v. 41, n. 2, p. 160–167, 2010.

LAGO, A. A. C. DO. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo: o Brasil e a três conferências ambientais das Nações Unidas**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto Rio Branco, 2006.

LARA, M. G. J. DE; CAMPOS, M. N. Les amitiés brisées, Facebook et les élections brésiliennes 2014. **TrajEthos**, v. 11, n. 55, p. 105–146, 2016.

LAYRARGUES, P. P. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: a luta por um conceito? **Proposta**, v. 25, n. 71, p. 1–10, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu Da Costa. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Ciberdemocracia**. Tradução Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LICKLIDER, J. C. R. Man-Computer Symbiosis. **IRE Transactions on Human Factors in Electronics**, v. HFE-1, n. 1, p. 4–11, mar. 1960.

LM TUTORS. **Como Gravar a Tela do PC sem baixar nada**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ffQQmNiVLCQ>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

MACHADO, M. **Consumo e politização: discursos publicitários e novos engajamentos juvenis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MAFFESOLI, M. **The time of the tribes: the decline of individualism in mass society**. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 1996.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos. **Anais...Bauru: USC, 2004** Disponível em: <<http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Entrevista+semi-estruturada:+an?lise+de+objetivos+e+de+roteiros#0>>. Acesso em: 26 fev. 2017

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso - NEMO**, v. 4, n. 2, p. 149–171, 2012.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Ed.). **La juventud es más que una palabra: Ensayos sobre cultura y juventud**. 3ª ed. Buenos Aires: Editora Biblos Socied, 2008. p. 13–30.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **RCO – Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP**, v. 2, n. 2, p. 8–18, 2008.

MATOS, Z. M. R. DE. Aprender Participando: uma experiência fora da sala de aula para a formação de sujeitos sócias em Brasil. **Ediciones Universidad de Salamanca**, v. 18, p. 141–154, 2012.

MCDONALD, C. **How many Earths do we need?** Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-33133712>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

MEIRELLES, F. S. **27ª Pesquisa Anual do Uso de TI**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas,

2016. Disponível em: <<http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesti2016gvciappt.pdf>>.

MILLER, D. Daniel Miller: “A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna”. **Z Cultural - revista do programa avançado de cultura contemporânea**, 2013.

MILLER, D.; HORST, H. A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM**, v. 2, n. 3, p. 91–112, 2015.

MINAYO, M. C. DE S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1–12, 1 abr. 2017.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **IV Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente - CNIJMA**. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/component/spidercalendar/?cid\[0\]=100&tp=2](http://www.mma.gov.br/component/spidercalendar/?cid[0]=100&tp=2)>. Acesso em: 6 nov. 2017.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente e do consumo sustentável**. Rio de Janeiro: Rio+20, 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/responsabilidade-socioambiental/category/90-producao-e-consumo-sustentaveis>>.

MONTIBELLER FILHO, G. Ecodesenvolvimento E Desenvolvimento Sustentável Conceitos e Princípios. **Textos de Economia Florianópolis**, v. v. 4, a. 1, n. 1, p. 131–141, 1993.

NEVES DOS SANTOS, M. P. As novas dinâmicas da sustentabilidade urbana em territórios de pobreza e exclusão social: o caso da Cova da Moura. **Revista INVI**, v. 29, n. 81, p. 115–155, 1 ago. 2014.

ONU BRASIL. **População jovem é a chave para o desenvolvimento mundial, revela UNFPA | ONU Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/populacao-jovem-e-a-chave-para-o-desenvolvimento-mundial-revela-unfpa/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

OSVALDO, J.; MATTA, S. **Mal Estar na Adolescência: um olhar etnográfico sobre o consumo de jovens no Facebook**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...Rio de Janeiro: 2015** Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0222-1.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2016

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS - IPCC. **Managing the risks of extreme events and disasters to advance climate change adaptation**. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madri, Cape Town, Singapura, São Paulo Delhi, Toquio, Cidade do Mexico: Cambridge University Press, 2012. Disponível em: <[https://www.ipcc.ch/pdf/special-reports/srex/SREX\\_Full\\_Report.pdf%5Cnpapers2://publication/uuid/41AD43FB-2529-4ACD-AD33-4C2D0AB4A0F3%5Cnhttp://ipcc-wg2.gov/SREX/](https://www.ipcc.ch/pdf/special-reports/srex/SREX_Full_Report.pdf%5Cnpapers2://publication/uuid/41AD43FB-2529-4ACD-AD33-4C2D0AB4A0F3%5Cnhttp://ipcc-wg2.gov/SREX/)>.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PARKER, R. N.; ALCARAZ, R.; PAYNE, P. R. Community Readiness for Change and Youth

Violence Prevention: A Tale of Two Cities. **American Journal of Community Psychology**, v. 48, n. 1–2, p. 97–105, set. 2011.

PEMPEK, T. A.; YERMOLAYEVA, Y. A.; CALVERT, S. L. College students' social networking experiences on Facebook. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 30, n. 3, p. 227–238, maio 2009.

PERO, V.; MIHESSEN, V. Mobilidade urbana e pobreza no Rio de Janeiro. **Revista Econômica**, v. 15, n. 2, 2013.

PERUZZO, C. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **Matrizes**, v. 7, n. 2, p. 73–93, 2013.

PINHEIRO, M. DE A. Meio ambiente e mobilização nas redes sociais. In: MUSSE, C. F.; SILVEIRA JR., P. M. DA (Eds.). . **Comunicação: redes, jornalismo, estética e memória**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

PUFF, J. **Saúde pública: Como o RJ chegou a uma de suas piores crises no ano dos Jogos**. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160106\\_crise\\_economica\\_rio\\_jp](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160106_crise_economica_rio_jp)>. Acesso em: 19 fev. 2017.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114–124, 7 jun. 2014.

RHEINGOLD, H. **The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier**. London: The MIT Press, 2000.

RHEINGOLD, H. Virtual communities - exchanging ideas through computer bulletin boards. **Journal of Virtual Worlds Research**, v. 1, n. 1, p. 1–5, 2008.

RIO+20. **Temas**. Disponível em: <[http://www.rio20.gov.br/sobre\\_a\\_rio\\_mais\\_20/temas.html](http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20/temas.html)>. Acesso em: 6 nov. 2017.

ROBARDS, B.; BENNETT, A. MyTribe: Post-subcultural Manifestations of Belonging on Social Network Sites. **Sociology**, v. 45, n. 2, p. 303–317, 1 abr. 2011.

ROSS, C. et al. Personality and motivations associated with Facebook use. **Computers in Human Behavior**, v. 25, n. 2, p. 578–586, mar. 2009.

SACHS, I. **Caminhos Para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SADLER, G. R. et al. Research Article: Recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. **Nursing & Health Sciences**, v. 12, n. 3, p. 369–374, set. 2010.

SANDBERG, J.; ALVESSON, M. Ways of constructing research questions: gap-spotting or problematization? **Organization**, v. 18, n. 1, p. 23–44, 2011.

SANDELOWSKI, M. **Combining qualitative and quantitative sampling, data collection, and analysis techniques in mixed-method studies**. **Research in nursing & health**, 2000. Disponível em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.472.7825&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2017

SENSACIONALISTA. **Sensacionalista: um jornal isento de verdade**. Disponível em: <<http://www.sensacionalista.com.br/>>. Acesso em: 6 fev. 2018.

SHIFMAN, L. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, n. 3, p. 362–377, abr. 2013.

SILVA, A. P.; GONZALES, W. Facebook e participação política: o que dizem os jovens do #OcupaAlemão. **Horizontes**, v. 34, n. 1, p. 159–172, 2016.

SILVA, R. S. DA; SILVA, V. R. DA. Política nacional de juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, v. 24, n. 63, p. 663–678, 2011.

SORRENTINO, M. et al. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 285–299, 2005.

SOUZA, C. Z. V. G. JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE: POSSIBILIDADES E LIMITES. **Última Década**, n. 20, p. 47–69, 2004.

SPOSITO, M. P. Estudos Sobre Juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5/6, n. 5, p. 37–52, 1997.

SUPERGIANLU. **Áudio para texto para WhatsApp – Apps para Android no Google Play**. Disponível em: <[https://play.google.com/store/apps/details?id=com.supergianlu.audiototextforwhatsapp&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.supergianlu.audiototextforwhatsapp&hl=pt_BR)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

TIM O'REILLY. **What Is Web 2.0 - O'Reilly Media**. Disponível em: <<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

TUROFF, M. et al. **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

UNITED NATIONS. **Our Common Future**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://daccess-dds-n.yun.org/doc/UNDOC/GEN/N87/184/67/IMG/N8718467.pdf?OpenElement>>.

VAN DIJK, J. The reality of virtual communities. **Trends in communication**, v. 1, p. 39–63, 1997.

VIANA, N. **Juventude, Contestação, Autogestão**. Subalternidade, trânsitos e cenários – II Simpósio de Ciências Sociais. **Anais...Goiás: 2010** Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30471098/Juventude\\_\\_Contestacao\\_e\\_Autogestao\\_-\\_Texto\\_completo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1487604372&Signature=uNGcEVyOBHbiBaBhAEuQjCplLgI%3D&response-content-disposition=inline%3B+file](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30471098/Juventude__Contestacao_e_Autogestao_-_Texto_completo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1487604372&Signature=uNGcEVyOBHbiBaBhAEuQjCplLgI%3D&response-content-disposition=inline%3B+file)>. Acesso em: 20 fev. 2017

VILLELA, F. **Celular é principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

WELLMAN, B. et al. Computer networks as social networks: Collaborative Work, Telework, and Virtual Community. **Annu. Rev. Sociol**, v. 22, n. 1, p. 213–38, ago. 1996.

WELLMAN, B. **Networks in the global village: life in contemporary communities**. [s.l.] Westview Press, 1999.

WELLMAN, B. Physical Place and Cyberplace: The Rise of Personalized Networking. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 25, n. 2, p. 227–252, jun. 2001.

WELLMAN, B. et al. Does the Internet Increase, Decrease, or Supplement Social Capital? **American Behavioral Scientist**, v. 45, n. 3, p. 436–455, 27 nov. 2001a.

WELLMAN, B. et al. Does the Internet Increase, Decrease, or Supplement Social Capital? **American Behavioral Scientist**, v. 45, n. 3, p. 436–455, 27 nov. 2001b.

WELLMAN, B. **The Network Revolutions Are (Mostly) Good News**. Disponível em: <<http://futureswewant.net/barry-wellman-network-revolutions/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

WELLMAN, B.; LEIGHTON, B. Networks, Neighborhoods, and Communities. **Urban Affairs Quarterly**, v. 14, n. 3, p. 363–390, 19 mar. 1979.

WELLMAN, B.; WORTLEY, S. Different strokes from different folks: Community ties and social support. **American Journal of Sociology**, v. 96, n. 3, p. 558–588, nov. 1990.

XIE, W. Social network site use, mobile personal talk and social capital among teenagers. **Computers in Human Behavior**, v. 41, p. 228–235, 2014.

XIE, W.; KANG, C. See you, see me: Teenagers' self-disclosure and regret of posting on social network site. **Computers in Human Behaviour**, v. 52, p. 398–407, 2015.

YIN, T. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLA, A. V. et al. Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 327–333, jun. 2013.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS<sup>94</sup>

### Questões como foco no Facebook

1. O que você costuma postar no Facebook?
2. Quais os principais temas de suas conversas *in box* (privadas) com seus “amigos”?
3. O que seus “amigos” mais próximos costumam postar em seus perfis de Facebook?
4. Você costuma postar ou conversar no Facebook sobre sustentabilidade e meio ambiente?  
Por qual motivo?
5. Algum amigo seu costuma postar sobre sustentabilidade e meio ambiente no Facebook?
6. Você considera relevante postar ou comentar sobre sustentabilidade e meio ambiente no Facebook? Por qual motivo?

### Questões como foco em sustentabilidade e meio ambiente

7. Para você, o que é meio ambiente?
8. E sustentabilidade, como você definiria?
9. Esses temas têm alguma relevância para você? Por qual motivo?
10. Esses temas fazem parte da sua vida cotidiana? Se sim, de que forma?
11. Você busca informações sobre esses temas? Se sim, como/onde?
12. Você costuma conversar com seus amigos ou familiares sobre esses temas? Por qual motivo?
13. No Rio de Janeiro, você observa problemas ambientais? Se sim, quais?
14. Se sim na questão 6, esses problemas afetam a sua rotina? Se sim, como?

### Questões para os sujeitos que mostrarem maior interesse pela questão ambiental / ativismo

15. Você considera que atua em defesa do meio ambiente? Se sim, como?

---

<sup>94</sup> O roteiro conta com perguntas objetivas, subjetivas ou intersubjetivas.

16. Caso a resposta anterior indique que a pessoa participa de grupos ativistas em defesa do meio ambiente: Como vocês se reúnem? (Verificar se é pessoalmente, em rede ou das duas formas)? Por quais motivos? Quais as vantagens desse tipo de encontro?
17. Caso se reúnam apenas pessoalmente: Por qual motivo vocês se reúnem exclusivamente de forma presencial?
18. Caso se reúnam apenas em rede: Por qual motivo se reúnem exclusivamente em rede?

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DOS TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS

### Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Lucas

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele faz posts sobre questões ambientais)*

Quando perguntado se postava sobre meio ambiente - Quando eu levava aqui mais a sério (o Facebook) eu queria de repente compartilhando algum conteúdo, de repente a pessoa ia ver e ia parar para pensar no assunto e "ohhhhh" (onomatopeia para indicar a sensação de ter algo revelando), tipo...E não acontecia, sacou? Eu cheguei há, não muito tempo, a compartilhar coisas desse tipo. Especialmente a respeito do vegetarianismo, assim. Eu sempre gostei da parada, compartilhava direto e vi que não tinha propósito.

*(Entrevistadora indaga se o entrevistado é vegetariano)*

Quase! Eu tento...eu como tipo quase nenhuma carne, assim...

*(Entrevistadora indaga se o entrevistado está no "caminho")*

É...Eu ainda como cachorro quente, saco? Não posso dizer que sou vegetariano.

*(Entrevistadora pergunta se ele é vegetariano por uma questão alimentar ou de princípio)*

{Faz o dois com os dedos da mão indicando que é pelos dois motivos.}

*(Entrevistadora pergunta como os "amigos" respondiam aos posts sobre vegetarianismo)*

Ah, cara, era variado, né, porque... tinha gente que fazia graça com a parada, achava que era inútil, sacou? E é verdade. Não adiantava muita coisa. A minha parte pelo menos eu faço, sacou? O pessoal eschachava. Dizia que sou otário. Sei lá...

*(Entrevistadora pergunta se tem algum amigo que costumava postar sobre meio ambiente no Facebook)*

Eu não lembro de muita gente. Eu tinha um professor de história. Ele era vegetariano. {trecho inaudível} Ele é o cara que lembro. Mas fora isso, pouquíssimas pessoas.

*(Entrevistadora pergunta se ele acha que os posts sobre meio ambiente no Facebook teriam alguma relevância, já que ele parecia estar mais pendendo para o lado da descrença)*

É, cara, porque eu percebi que as pessoas elas não se interessavam por esse conteúdo. Você entra no Facebook você não quer saber de meio ambiente. Você quer foto de cachorrinho, sacou? Então eu cheguei à conclusão de que não adianta muito eu ir lá e saber que o pessoal não dá a mínima. Então eu decidi que esse tipo de conversa, esse tipo de conteúdo, eu preciso ter pessoalmente com as pessoas para saber se realmente elas estão dispostas a ouvir aquilo, entendeu? E é aquela coisa: na Internet você só tá vendo o pessoal interessado. Se você escreve um textão no Facebook dizendo ahh feminismo, vegetarianismo ou seja lá qual for a sua causa, só vai parar para ver quem concorda contigo. Quem discorda não vai querer saber. Então eu não vejo propósito de gastar meu tempo fazendo aquilo.

#### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Ana**

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se faz posts sobre meio ambiente)*

Olha, eu posto. Só que eu não lembro a última coisa que postei... Posto tanta coisa! Mas, geralmente sempre rola alguma coisa... A última coisa que compartilhei sobre meio ambiente foi... Amazônia? Mata Atlântica? Não lembro... Ahhhh, do desmatamento. Algum lance... não lembro... Não lembro... algum lance que Temer queria fazer. Não lembro... Não lembro... Era algum lance sobre o desmatamento que o governo queria fazer. E teve um pessoal fazendo uma petição, sei lá, um abaixo assinado para o Temer não fazer. Botei no Facebook tem um tempinho. Aquele caso de Mariana lembro que eu postei muito também. Aquilo, nossa! Aqui foi muito pesado... fiz um trabalho também sobre aquilo em 2015. Em 2015 eu postei muito sobre o meio ambiente, ainda mais depois do que aconteceu naquela tragédia de Mariana. Mas a última recente foi sobre desmatamento.

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada sobre a motivação para que poste sobre meio ambiente)*

A minha motivação é... A gente tem que preservar o que é nosso. Para mim é isso. Tipo isso... se conscientizar sobre o meio ambiente, preservar. Então, o que me motiva a postar é, tipo... é sacanagem... tipo, eu vou falar: é sacanagem essas pessoas que tem o lixo ao lado delas e jogam na rua. Tipo, cara, tem um lixo do teu lado! Por que você vai jogar na rua? (Trecho inaudível de aproximadamente 10 segundos) Tipo, eu detesto ver animal sofrendo. Detesto

ver animal sofrendo! Detesto! Me dá um treco no coração! Dá vontade de pegar o bichinho e colocam no lugar dele. Eu não gosto que maltratem o animal.

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se os “amigos” costumam a curtir muito esse tipo de postagem)*

No Facebook têm aquelas carinhas: feliz, alegre, triste, raiva... Aí, nas postagens colocam raiva, outros não colocam nada. Uns colocam triste... é mais ou menos isso. Eles reagem dessa maneira.

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se a galera comenta)*

Não... Não! Geralmente meus “amigos” não comentam sobre. Só as pessoas com que não tenho muito contato, muita intimidade. (trecho inaudível de aproximadamente 3 segundos)

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se os posts ajudam a mudar alguma coisa)*

Olha, acredito! A Internet é um meio... Tipo o Youtube. No Youtube Você pode botar alguma coisa e de repente alguém do outro lado do mundo já sabe. Tipo, então falar na Internet, principalmente sobre meio ambiente, ajuda muito! Tipo, a petição que eu falei do desmatamento, nossa, rodou muito no meu Facebook, e tipo, uau! Eu compartilhei e todo mundo compartilhou também. Eu carregava muita gente que ia. Acho que a Internet é o meio pra você divulgar, para você problematizar as coisas também.

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Gabriel**

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele costuma postar, no Facebook sobre questões ambientais e sustentáveis)*

Então, há uns dois três anos atrás eu costumava sim fazer postagens referentes à preservação e conscientização da população quanto ao meio ambiente. Também compartilhava postagem de páginas ou de projetos sociais que tinham o objetivo de conscientizar, né, a população. Ainda mais comunidade. Ensinar as pessoas mais nova, no caso crianças, do reaproveitamento de materiais, reciclagem, alimentos também que podem tar sendo reaproveitado para fazer outras coisas e mais. Ultimamente não tenho postado nada, nada

disso não pelo... Assim, um desvio mesmo... Uma mudança de foco da coisa. É tempo também. Tudo isso incluso.

Mas quanto a isso, tem uma frase que eu gosto bastante. Ela diz assim: “muitos querem sombra, mas poucos plantam árvores” e eu acho que ela diz muito sobre o que tá acontecendo ultimamente no mundo.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado por qual motivo deixou de postar sobre as questões ambientais nos últimos tempos)*

Eu acredito que tenha sido pela minha mudança de...de rotina de planos de... do dia-a-dia, porque antigamente eu tinha... eu tinha um tempo mais dedicado para isso. Eu tinha interesse em estudar mais sobre essa área de ambiente, ecologia e tudo mais. E hoje em dia não desperta tanto como antes e... assim, hoje eu tenho uma visão um pouco diferente do que eu via antes, entendeu? Achava que tudo seria mais fácil se só as pessoas se moverem para fazer pequenas coisas, mas hoje em dia eu vejo que não é exatamente só isso. Têm coisas, muito mais coisas por trás disso.

*(Entrevistadora pede que o entrevistado explique um pouco sobre o que ele disse anteriormente e também que conte o que o deixou desmotivado)*

Então, eu vejo o que a globalização trouxe uma porção de benefícios, mas também trouxe malefícios, né? E a parte negativa eu aponto exatamente para essa parte, essa questão ambiental, né? O que pode ser que uma pequena população faça a sua parte, contribua, evite coisas que vêm a degradar o meio ambiente, mas, aí, a cada dia que passa, nasce uma indústria, que poucas visam esse... esse cuidado com o meio ambiente. Muitos trabalham em condições precárias. E é por aí. Eu acredito que a massa, assim todas as pessoas que lideram, que têm um poder, que deveriam tomar uma atitude que viesse a ser mais eficaz. Não é só contar com a ajuda das pessoas. Assim, também, como as pessoas não deveriam contar só com a ajuda daqueles que estão por cima, né? Do governo, dessas indústrias, e por aí...

*(Entrevistadora começa sua indagação pedindo para ser corrigida caso esteja errada. Explica que entendeu que antes o entrevistado acreditava que postar sobre questões ambientais ajudava de alguma forma a melhorar esses problemas, que se cada um fizesse a sua parte as coisas se resolveriam, mas que agora ele acredita que esses posts não ajudam*

*a melhorar as coisas. Que sobre isso existem as questões da globalização, das empresas, que seriam maiores. Então, a entrevistadora pede ajuda para verificar se entendeu corretamente)*

Está correto! {resposta digitada em texto}

Isso mesmo! Tá tudo correto. É um pouco até estranho entender porque. Ahhhh, eu que sempre acreditei num mundo melhor e tudo mais, aí desisto de tá transmitindo informação, tá fazendo críticas, tá fazendo um alerta às pessoas. Que a gente sabe que muitas pessoas usam Facebook e redes sociais e sempre veem. Mas e a gente também sabe que essa atenção para essa coisa não tem... não vem sendo, não vem tendendo a atenção que merece. Não que eu tenha desistido totalmente de lutar por isso, mas eu tenho outras... Eu vejo o que eu posso cobrar de... dos outros setores. É só isso, porque eu... é por aí.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se acha no Facebook você estaria cobrando esses outros setores de que ele falou).*

Acredito que não. ./ {resposta escrita}

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele tem “amigos” no Facebook que costumem postar sobre questões ambientais)*

Sim. {resposta escrita}

Ah, tenho sim! Têm bastantes amigos que têm interesse nessa área. Um pessoal que tem vontade de cursar ecologia, biologia. Quando eu morava no Município de Magé, tinha um pessoal lá que se reunia para discutir questões ambientais. Pra tá fazendo decoração da cidade com produtos reciclados, preservando a natureza, assim... Cachoeiras de lá bem limpas. A Bruna mesmo, aquela que eu te passei o contato. Tem o Breno. É um pessoal que.. que se interessa bastante por isso. Que gosta.

Quando eu cursava o ensino médio, também tinha uma galera que estava na minha classe que, também, assim... demonstrava muito importante, né? Até mesmo com a preservação escola, que também tinha um bom espaço, que tinha árvores e tudo mais. A gente fazia, né, a limpeza do local às vezes. Fazendo a nossa parte.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se essa galera demonstráveis interesse pelas questões ambientais só demonstrava isso na convivência pessoal ou também no Facebook. Se eles costumavam postar ou não sobre).*

Eles faziam muita postagem, assim... sobre o trabalho deles, né? Tanto com a divulgação quanto com os resultados.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se quando os seus “amigos” fazem essas postagens sobre questões ambientais se recebiam muitas interações e comentários ou não).*

Ah, isso tinha! Ganhava uma popularidade uma reputação... Era reputação, assim mas vou voltada para o pessoal da região mesmo, né? Lá eles eram muito muito ligados nessa coisa de preservação. Pessoal da... lá dos bairros próximos. Sempre acharam bacana. O trabalho deles era uma coisa, assim... Mais ficava entre eles, ali mesmo.

*(Entrevistadora lembra que o entrevistado falou que antigamente fazia posts sobre questões ambientais, então pergunta como esses posts eram recebidos pelos “amigos” dele)*

Pouquíssimo comentado. As pessoas interagiram muito mal, muito mal.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele tem alguma ideia do motivo.)*

Eu acredito que seja pelo fato de eu ter poucos amigos nas redes. E esse pouco que eu tinha era uma pessoa que não se interessava muito. Então, eles não interagiam.

Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Felipe

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele costuma postar alguma coisa sobre meio ambiente, sobre sustentabilidade no Facebook.)*

Não. Difícil, difícil. A questão da sustentabilidade é difícil. Meio ambiente...de vez em quando. De vez em quando. Raramente mesmo. Teve um ou dois *posts* que fiz mês passado falando sobre meio ambiente. E tem aquele vídeo do, esqueci o nome do vídeo agora, é "o porquê das coisas", "o segredo das coisas", que é uma mulher, o vídeo é americano, que a mulher, {inaudível} com a legenda em português, que mulher fala como que é o processo das coisas, a fábrica, as {inaudível}.

*(Entrevistadora comenta que conhece esse vídeo, que é bastante famoso.)*

Sim, sim, sim. Eu postei esse vídeo e teve também um outro que eu postei, que é um do bonequinho, eu não lembro agora do nome dele, só lembro da musiquinha, ehr, caramba, esqueci como é a música! Não vou lembrar agora...

*(Entrevistadora pergunta novamente se pode observar a Linha do Tempo dele.)*

Pode, eu não me importo disso não.

*(Entrevistadora pergunta qual a resposta dos “amigos” do entrevistado quando faz posts sobre questões ambientais.)*

Eu tive, vou ser sincero, o vídeo que eu postei teve poucas curtidas. E comentário acho que nenhum, pelo que eu lembro. Deixa eu ver... teve nenhum comentário {inaudível} acho que só um comentário. Poucos, poucos. Sei lá, acho que as pessoas não têm muita interação ainda. Acho que só quando cair na telha que a gente tá matando o planeta, {inaudível} começamos a destruir o ambiente que a gente vive é que as pessoas vão se ligar e acordar. Tomara que não seja tarde.

*(Entrevistadora pergunta se o entrevistado vê os “amigos” dele postando alguma coisa sobre meio ambiente.)*

Sim. Eu tenho um amigo que ele faz bastante posts sobre isso, ele também faz faculdade de meio ambiente. Eu não lembro exatamente se é engenharia...

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Jéssica**

*(Entrevistadora pergunta se a entrevistada já fez/faz posts sobre questões ambientais.)*

Não.

*(Entrevistadora pergunta por qual motivo não a interessa)*

É porque no meu caso é...assim, as pessoas não...eu sei que as pessoas não iriam para pra ler nem pra observar porque não é o tipo de assunto que elas estão acostumadas a falar e eu também não... te confesso assim que não sou muito ligada ao tema. É só quando cai em provas, trabalho, alguma coisa assim.

*(Entrevistadora pergunta se os “amigos” da entrevistada costumam fazer posts sobre questões ambientais.)*

Então, meus amigos assim, pessoas da minha idade, não, mas eu tenho professores no meu Facebook ai eles eu já vejo postando coisas do tipo.

*(Entrevistadora pergunta se a entrevistada lembra de algum exemplo.)*

O meu professor de biologia no dia do biólogo postou uma matéria sobre ...ai, meu Deus... acho que era desenvolvimento sustentável... um negócio assim. Eu não lembro muito bem, mas eu lembro que foi meu professor de biologia e que foi também no dia do biólogo.

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Rafael**

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado costuma postar sobre questões ambientais ou se costuma ver fazer isso no Facebook.)*

Eu, raramente. Só quando é algo muito importante mesmo, né? Vou lá e compartilho. Às vezes até pra minha autoconscientização de coisas que eu não sabia ou até que eu fazia, sabe? Que fazia mal pro meio ambiente. Às vezes vou lá e compartilho. Mas, assim, no lance do meio ambiente, eu acho um pouco mais raro gostar desse tipo, mas ainda assim quando surge, algo muito impactante, eu acabo compartilhando e consequentemente as pessoas que estão no meu círculo também. Mas não é muito comum.

*(Entrevistadora pergunta se o entrevistado consegue lembrar de algum exemplo.)*

Já... assim é muito... como é que eu posso dizer... é muito recorrente mesmo... eu não consigo falar agora com exatidão algum post que eu tenha feito sobre esse tema mas eu sei que em alguma parte da vida eu fiz, sabe? {trecho inaudível} é que eu posto muita coisa, e muita coisa diversificada} {trecho inaudível} mas eu não lembro agora com exatidão qual o post que eu fiz mas eu acho que se eu procurar lá eu vou achar alguma coisa desse tipo.

*(Entrevistadora pergunta se o entrevistado vê algum amigo postando no Facebook sobre questões ambientais.)*

Ehr...então, como eu falei pra você, é meio que...esse tema é um tema um pouco mais difícil, mais raro de acontecer. Então, assim, eu acho que colocam sim mas eu não consigo lembrar um exemplo agora. {trecho inaudível} É mais quando é algo muito incabível.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se considera que as questões ambientais / sustentáveis têm alguma relevância na vida dele.)*

Levando em consideração que tudo que a gente faz em relação a sustentabilidade e meio ambiente, o pouco que eu conheço sobre esse tema, é...eu acho que tudo que a gente faz é ... de uma certa forma volta pra gente. Então algumas coisas {trecho inaudível} sobre a água, jogar lixo no chão, essas coisas assim...às vezes eu até...às vezes eu joga lixo {trecho inaudível} eu não vou fazer isso mas às vezes eu quero falar assim oh: não, não vou fazer isso, vou botar no bolso e acabo, sabe, de uma certa forma, ajudando ao meio ambiente, porque eu sei que isso vai ser, algo que eu vou, que eu não tô utilizando {trecho inaudível} sei lá, nos próximos {trecho inaudível} utilizar. Eu sou muito de pensar dessa forma. De tal jeito {trecho inaudível} tipo o {trecho inaudível} mais uma pessoa {trecho inaudível} pra aquilo acontecer, vamos supor. Ehr, lixo no chão, essas coisas então eu às vezes eu joga e tal, inconsequentemente, {trecho inaudível}. Tanto que às vezes minha mãe me chega e pô, porque que tem lixo na sua roupa? É muito {trecho inaudível}. Eu tento me policiar. Sempre acontece de eu estar fazendo algo que degrade o meio ambiente de alguma forma.

*(Partindo da observação do entrevistado de que é muito raro ver postagem no Facebook sobre meio ambiente e que ele mesmo não costumava fazer isso, entrevistadora pergunta o motivo disso acontecer.)*

Como assim? Não entendi a pergunta...

*(Entrevistadora reformula a pergunta.)*

É, exato. Porque, sei lá, acho que é um pouco...é muito difícil, eu acho que é um pouco mais complicado, eu não sei se é por falta de interesse comum das pessoas. Assim, eu, por exemplo, eu não faço tanta postagem a não ser que seja algo como eu falei pra você, muito impactante {trecho inaudível} que mostre...ehr...uma estatística muito pra {trecho inaudível} essa área do meio ambiente e que me chame atenção. É muito a questão daquilo que está passando em si, que eu acho importante compartilhar {trecho inaudível} sei lá, eu acho diferente. É, por exemplo, política. Política é algo que em relação a meio ambiente e sustentabilidade no meu meio as pessoas colocam com muito mais frequência, sabe? Não sei se é porque tem acontecido o que tem acontecido hoje em dia, essas polêmicas {trecho inaudível} com a política. É algo que tá muito mais em mídia do que sustentabilidade e meio ambiente que é algo que é mais questão de conscientização entende, assim. De uma certa forma. Esse é meu ponto de vista, sei lá, eu não sei te dizer o motivo pelas quais eu não vejo

tanta questões de meio ambiente e sustentabilidade no Facebook, mas da minha parte é mais questão de ser recorrente ou não ou questão de ser uma coisa muito ..ehr... recorrente.

### Análise dos dados de João

*(Entrevistadora pergunta que temas o entrevistado costuma postar no Facebook.)*

Sexualidade, racismo, Amazônia essas coisas.

*(Entrevistadora pela que ele conte mais sobre esses posts sobre a Amazônia.)*

É... assim... eu vi que tava acontecendo muitas coisas em relação as... ao {trecho inaudível} e também desmatamento... várias questões e {trecho inaudível} é só isso mesmo, foi uma lida bem rápida e quando eu vi compartilhei aquilo.

(...)

*(Entrevistadora pergunta se além desse post sobre a Amazônia, se o entrevistado já postou alguma coisa sobre sustentabilidade, meio ambiente.)*

Olha, eu já cheguei a dar uma olhada em páginas e compartilharam sobre os problemas que tem no Rio de Janeiro, que é... são aquelas enchentes... deslizamento de terra... essas coisas.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se já postou alguma coisa sobre isso.)*

Não.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se os seus “amigos” costumam postar alguma coisa sobre meio ambiente e sustentabilidade.)*

Alguns sim, outro não. Assim... e pessoas que postam geralmente {trecho inaudível} conversar sobre pra entender mais sobre o que {trecho inaudível} as pessoas estão falando.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se lembra de algum exemplo desse tipo de post.)*

Eu lembro que uma amiga de tinha perdido a casa em um deslizamento de terra que teve e ai é... eu perguntei pra ela sobre as coisas que aconteceram e ela foi me falando que aonde ela morava era {trecho inaudível} num morro, era um lixão em que com o tempo aquilo criando gás, alguma coisa aconteceu lá em baixo que cedeu e ai foi levando tudo. E ai ela falou sobre problemas de {trecho inaudível} da água, que é quando as árvores, no solo, não tem {trecho

inaudível} e ai é mais fácil dar infiltração e ai quando tem as casas o asfalto fica difícil da água entrar {trecho inaudível as rachaduras essas coisas.

(...)

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se sabe o motivo disso.)*

Eu acho que as pessoas são muito pouco informadas em relação a algumas coisas assim, alguns assuntos e elas não sabem ou tem uma ideia, adquirir uma opinião própria, {trecho inaudível} não só opinião, mas conhecimento daquilo que aconteceu, daquilo que acontece. Elas criam uma {trecho inaudível}.

*(Entrevistadora lembro um outro pedaço da entrevista em que o entrevistado conta que algumas pessoas vinham falar com ele pessoalmente, nem curtiram e nem comentaram um post dele sobre questões ambientais.)*

Ah, elas vieram {trecho inaudível} tipo: "Ah, João, aconteceu alguma coisa {trecho inaudível} com a Amazônia, enfim. Tá preocupado com isso cara? {trecho inaudível} esse dado? Vieram fazer essas perguntas mas coisa mais de zuação, sabe?

(...)

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se considera ou não a sustentabilidade e o meio ambiente temas relevantes para serem postados no Facebook.)*

Eu acho que é o pior que a gente tem que lidar sim {trecho inaudível}.

*(Entrevistadora pergunta por qual motivo.)*

{trecho inaudível} ao meio ambiente, ao ambiente social, ao ambiente que a gente divide, não só a gente mas como os animais também, criando coisas e estudando mais, aprofundando nessas {trecho inaudível} a gente {trecho inaudível} muita coisa adiante e dar continuidade a vida. {trecho inaudível} ou as coisas que a gente usa né, que são os minerais, enfim, vários desses {trecho inaudível} que tá na química, física, enfim. As pessoas elas não pesquisam. Eu acho isso muito interessante e eles {trecho inaudível} sustentável.

(...)

*(Entrevistadora pede para voltarem a falar do post sobre a Amazônia, em que zombaram dele e poucos curtiram, então pergunta se o entrevistado peneja fazer outros posts sobre esse tema, mesmo assim.)*

Com certeza, eu não vejo o porquê de ser uma coisa que, tá... tem muito a ver com meu país e {trecho inaudível} olhando pra isso e enquanto eles não {trecho inaudível} importância que às vezes tem. É legal continuar {trecho inaudível} propagando e explicando e conversando com eles na hora {trecho inaudível} não enfiar goela abaixo, mas falar de uma forma que eles entendam, assim, o que tá acontecendo.

(...)

*(Entrevistadora por quê.)*

Porque, é... ahmmmm...olha, eu não sei porque...uma insistência em relação a essas coisas. Porque querendo ou não acho que é muita falta de opção ou de percepção dessas pessoas em relação a {trecho inaudível} é uma falta de conhecimento mesmo.

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Juliana**

*(Entrevistadora pergunta se a entrevistada costuma postar sobre questões ambientais no Facebook.)*

Como eu disse, há muito tempo eu não mexo no meu Facebook, mas, no momento, eu não tô vendo nada aqui que eu tenha postado não. Mas se eu ver alguma coisa, alguma... como eu falei, alguma novidade, alguma...ahhhm...coisa inovadora, eu vou postar, independente do que seja. Se for meio ambiente, melhor ainda. Mas eu não tenho visto aqui no meu... só fotos de paisagens, que eu amo, mas nada incentivando... nada do tipo... interagindo com... nada com meio ambiente.

*(Entrevistadora pergunta ela posta sobre questões ambientais em alguma rede social.)*

Eu postaria. Postaria. Se fosse legal. Postaria no Facebook também. Só não tenho postado no momento porque não veio ao caso, mas se tivesse alguma coisa como eu falei, alguma novidade, alguma tecnologia, alguma coisa do tipo... eu posto. Eu posto. Se eu achar diferente, se eu achar bonito eu vou postar, com certeza.

*(Entrevistadora pergunta se a entrevistada considera esse tema relevante de alguma forma para a vida dela.)*

Considero, considero sim. Eu acho que querendo ou não a gente só vive na...aqui, né... no quadrado, mas fora daqui a gente vive num planeta onde a gente precisa, dele, do meio ambiente pra sobreviver, entendeu? Então eu acho que o que a gente faz, o que que a gente

cria, o que que a gente constrói afeta o ambiente a cada dia. Então, se a gente não olhar também para isso, se deixar isso pra lá, isso de uma certa forma, com o tempo pode se voltar contra a gente ou a gente tem que viver a vida mas não deixar de pensar no meio ambiente também, entendeu?

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Camila**

*(Entrevistadora pergunta se costuma postar sobre questões ambientais no Facebook.)*

Eu não tenho muito o hábito de compartilhar essas coisas, mas eu tenho hábito geralmente de curtir e ler. Não é com constância, mas de vez em quando. É que é ultimamente eu tenho acessado pouco. Eu tenho hábito de curtir ler bastante sobre isso, alguma coisa que me interesse sobre meio ambiente, sobre coisas biodegradáveis, sobre recuperação de rios, essas coisas eu acho que assuntos interessantes, mas eu não tenho hábito de sempre tá compartilhando. Antigamente eu compartilhava mais sobre isso mas hoje em dia não. O que mais compartilho coisa de animais que eu gosto muito também.

*(Entrevistadora pergunta por qual motivo ela passou a postar menos sobre questões ambientais.)*

A maioria das coisas que têm aparecido são coisas que eu já havia lido, já havia... Já havia me informado um pouco e também sobre em relação à rede social. Eu ultimamente ando muito de veneta. Às vezes eu quero compartilha alguma coisa, às vezes não, quero só curtir. Eu acho que é fase. Sei lá... mas não para o outro motivo, por não gostar, por não me interessar... Porque eu leio sempre sobre alguma coisa que eu acho interessante. Sobre essas mudanças... sobre tudo. Sobre o que a gente mesmo pode fazer em casa, sobre reaproveitamento das coisas também.

*(Entrevistadora pergunta como os “amigos” reagem aos posts sobre questões ambientais.)*

Como tu sabe que tem coisas que às vezes é necessário e nem todo mundo se interessa, né? Algumas pessoas só dava like mesmo e comentando. Tem gente tem preguiça de abrir a matéria para poder ler, para ver de que se trata de que que tá se falando. Se sabe que esse negócio de Meio Ambiente não é um assunto que todo mundo se interessa por isso. Entre 10, vamos dizer que uma ou duas pessoas se interessem e o resto entra no Facebook atrás de outras coisas que não seja uma que seja que serve para o mundo, que serve para todo mundo.

*(Entrevistadora indaga à entrevistada se acredita que postar sobre meio ambiente é uma coisa que serve para todo mundo ou não.)*

Na minha opinião é uma coisa que serve para todo mundo, só que nem todo mundo se interessa sobre isso. Foi isso que eu tava dizendo pra você, que tem que que tem esse né, que tem rede social mas não exatamente para poder interagir sobre conhecimentos. Eles procuram outras coisas não só isso, entendeu? Não sobre isso também.

*(Partindo do ponto de vista da entrevistada, a entrevistadora pergunta se a entrevistada tem noção do motivo pelo qual as pessoas não se interessam pelo meio ambiente.)*

Eu acho que porque como a gente vive num mundo de modismo não é uma coisa que que interessa a qualquer pessoa. Que tem muita gente tá lá na rede social simplesmente para saber da vida do outro ou até mesmo atrás de paqueras e dentre outros assuntos que Facebook hoje em dia quem não tem eles “tarja” como se fosse uma pessoa atrasada. Tu sabe que as coisas... Você também é jovem sabe que tem muita gente ignorante que pensa dessa parte. Que hoje ninguém vive mais igual antes, que as pessoas não saem, para poder sair, como posso dizer, elas não vive igual antigamente. Antigamente as pessoas saindo os lugares e hoje só sai se tiver com telefone na mão. Ao mesmo tempo que está interagindo com os amigos mas 80% daqueles minuto ou daquelas horas horas que ele tá com telefone na mão. Ninguém tem aquela conversa olho no olho. Ninguém tem aquela até mesmo aquela compaixão sei lá de por exemplo... do meio ambiente é até uma coisa que eu me interesse, eu acho interessantes falando sobre essas coisas sobre reaproveitamento de materiais, sobre coisas que dá para a gente poder reutilizar... Economia também, né? E tem muita gente que acha que aquilo ali é mendigaria... Sei lá o que que o que que passa na cabeça de outra pessoa. mas no meu ponto de vista é muita gente não se interessa eu acho que é por causa disso porque pelo menos os que estão meus a Facebook acho que tá no Facebook atrás de outros intuitos, menos de sei lá progredir. Entendeu? Se informar, etcetera...

*(Considerando que a entrevistada disse já ter postado mais sobre meio ambiente e hoje postar menos, a entrevistadora pergunta por qual motivo.)*

É meu interesse. É relevante também. São coisas que... igual eu disse anteriormente para você, são coisas que como se fosse uma lição: serve para todo mundo, entendeu? Só que hoje em dia eu não compartilho um monte de coisas, mas eu não do like, entendeu, nas coisas só

não compartilha mais, mas é relação a tudo. É muito difícil compartilhar alguma coisa. Você é minha amiga no Facebook, você vê que nem com constância eu compartilho as coisas.

*(Entrevistadora indaga se mesmo assim a entrevistada considera importante postar sobre questões ambientais.)*

Não faz muita diferença na cabeça das pessoas. Até porque... acho que ninguém se importa mais com ninguém. Se importa com seu egoísmo... acho que hoje é um dos temas principais eu acho que quase tudo da vida de todo mundo. É difícil ver alguém que queira debater sobre isso ou até mesmo goste do assunto. Não que não tenha, mais entre 1000 *posts* disso, 998 pessoas vão postar qualquer outro tipo de coisa, menos qualquer coisa sobre o meio ambiente, sobre trocar precaução, sobre reutilização de outras coisas.

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Maria**

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se costuma postar sobre meio ambiente ou sustentabilidade no Facebook.)*

Com muita frequência não. Depende. Só quando surge um assunto meio polêmico, igual teve da Mata Atlântica ou foi da Amazônia, algo assim que o Temer ia pegar um pedaço pra fazer um exploração, não lembro do quê ai então eu vi e compartilhei algumas notícia sobre, mas é muito difícil ver alguma coisa sobre meio ambiente nas redes sociais. É bem raro.

*(Entrevistadora pergunta por qual motivo é muito difícil ver alguma coisa sobre meio ambiente nas redes sociais.)*

Eu acho que as pessoas não se importam muito. Sinceramente, elas não lembram que têm que se importar com isso. Eu acho que uma das poucas coisas que eu vi ultimamente assim foi sobre animais, resgate de animais, vegetarianos, né? De não comer animais. Agora não sobre a terra, sobre a planta, sobre água, sobre poluição. Então assim, é bem raro. Quando vejo algo é só algo sobre os animais. As pessoas não lembram das outras coisas, não lembrar do ar, não lembrar da água, não lembram da terra. Só lembram dos animais.

*(Entrevistadora pergunta se a entrevistada se imagina o motivo disso.)*

Eu acho que é falta de informação. A gente não vê muito isso na TV. E quando vê, algo só muito polêmico, algo assim, que quando já explodiu, é um problema muito grande ai a gente

vê. Mas algo pra prevenir algum futuro problema ou algum problema pequenininho que a gente pode resolver a gente quase não vê, entendeu? Acho que uma das poucas coisas que eu vi ultimamente foi o da barragem em Mariana que teve todo aquele estrago ambiental. Aí todo mundo falava, mas só se falou porque foi um problema muito grande, entendeu? A gente não tem muito acesso, eu acho.

(Entrevistadora pergunta se a entrevistada tem algum amigo que poste sobre temas como meio ambiente ou sustentabilidade)

Hummmm, olha, não com muita frequência, mas tem sim. Não com muita frequência como outros temas, mas vira e mexe tem sim um amigo meu que fala sobre esse assunto. Mas é muito difícil.

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se esse amigo de Facebook é um colega, um professor, um parente ou quê mais.)*

Eu tenho um professor de geografia que fala bastante sobre isso. Até assim, mais frequência do que as outras pessoas. E tem alguns amigos assim. Eu tenho uma conhecida que é vegetariana, então ela fala um pouco sobre isso. Alguns conhecidos veganos também. E têm alguns outros amigos que comentam sobre meio ambiente, mas é não tanta frequência, também, mas comentam. São mais assim, o professor de geografia e alguns amigos que são veganos e vegetarianos, sabe?

*(Entrevistadora pergunta a entrevistada se considera relevante ou não postar sobre sustentabilidade e meio ambiente no Facebook.)*

Ai, eu acho importante. Importantíssimo, porque o Facebook acaba sendo uma forma de passar a informação pras pessoa que não tem esse acesso. Porque a gente não vê na TV com tanta frequência. Eu acho importante falar sobre isso no Facebook, porque querendo ou não é um dos meios principais de informação, né? De todo mundo.

*(Entrevistadora indaga à entrevistada por que ela não posta no Facebook sobre meio ambiente e sustentabilidade, mesmo considerando os temas relevantes.)*

Olha, eu acho que, assim, eu não entendo muito sobre as coisas, então como eu não entendo muito sobre sustentabilidade e meio ambiente, eu acabo não falando por não entender. Assim, eu não gosto de falar o que eu não entendo. E eu acho mais difícil de buscar informações

assim mais simples, sabe? Pra poder você entender sobre alguns assuntos. Às vezes você quer entender sobre um assunto e acaba sendo uma parada muito complexa pra você conseguir compreender o que é aquilo, e as vezes nada disso contava pras outras pessoas também. Às vezes é muito técnico, sabe? É isso que eu quero dizer {interrupção na transmissão} não são mais simplificadas, sabe? Mais direto ao ponto, entendeu?

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Larissa**

*(Entrevistadora pergunta se entrevistada costuma postar no Facebook sobre meio ambiente, sustentabilidade.)*

Não... {trecho inaudível} é difícil conversar. É mais pessoalmente mesmo. Porque antes eu saía muito... ai aqui tem cachoeira... ai a gente sempre sai né, com os amigos juntos a gente sempre falava nisso porque tava no ambiente. É isso que tava falando aqui... de preservação, essas coisas, mas não é um assunto, assim, que eu fale muito, embora eu respeite e goste, mas é um assunto que {trecho inaudível} amigos que desenvolve muito esse assunto também. Então a gente nem fala tanto.

*(Entrevistadora pergunta o motivo pelo qual essas conversas não rolem no Facebook.)*

Olha... é porque {trecho inaudível} pra saber como é que tá, pra fazer naquele momento vago que eu tô tendo, normalmente, não rola outro assunto. É porque {trecho inaudível} esses assuntos até a gente fale um pouco disso mas... Você pode me dar um exemplo? Eu posso falar coisa específica, que você fala. Discutir meio ambiente ou como as pessoas desrespeitam o meio ambiente ou, sei lá...

*(Entrevistadora pergunta onde mesmo a entrevistada mora para assim pensar num exemplo mais próximo.)*

Santo Aleixo.

*(Entrevistadora menciona como exemplos alagamentos, lugares em que se jogue muito lixo incorretamente.)*

Ah, é bom {trecho inaudível}...É lembrei agora aqui no bairro que falam que {trecho inaudível} de foto do rio poluído, que falam alguma coisinha, mas é uma coisa bem vaga, ninguém aprofunda muito nesse assunto, aqui. Mas até tem pessoas que fazem. Acho que

tinha um projeto que tava rolando aqui sobre meio ambiente, eu não me recordo muito bem, eu fiquei sabendo bem bem raso, assim, porque a pessoa não procurou, assim, postar, chamar as pessoas pra fazerem e tal. Só rolou esse boato aí porque tinha conhecidos meus da escola. Aí eu fiquei sabendo, acabei ficando sabendo. Mas ficou lento fazendo alguma coisa assim pra... Mas só na subida da cachoeira, sabe? Não é uma coisa assim que movimenta a cidade com uma coisa deles, eles se juntaram, fizeram. Foi até um descuido meu, porque eu realmente poderia ter aprofundado mais, procurado saber, ajudar... Mas eu realmente não procurei saber a fundo mas...acho que é isso.

*(Entrevistadora pergunta se a campanha mencionada apareceu no Facebook.)*

Não que eu fiquei sabendo... eu só... como encheu d'água ano passado, aí ontem eu ouvi esse boato, o pessoal falando, mas é uma coisa bem rasa, eu realmente não procurei saber. Era relacionado a meio ambiente. Não sei se eles tavam fazendo uma caminhada {trecho inaudível} lixo da cachoeira, alguma coisa assim. Não foi pra frente...

### **Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Bruna**

*Entrevistadora comenta que observou que a entrevistada costuma postar sobre questões ambientais e pergunta o que a motiva fazer isso.)*

Sobre os *posts*, eu acho que é um assunto de extrema importância. Primeiro que é aquilo que eu tô cercada. Então eu acho que meio que todo mundo posta alguma coisa que tem a ver com a própria vida, sei lá, nas redes sociais, e isso tem a ver com a minha vida. Então, a minha motivação é estimular as pessoas a, sei lá, quando eu tô colocando alguma coisa, que se liguem nisso, que prestem atenção, que passem a ver essa questão do cuidado com o meio ambiente, cuidado com a natureza, como um cuidado consigo primeiro, sabe? De... que é uma questão de que eu tô cuidando da natureza, eu tô cuidando da água eu tô cuidando de mim também, sabe? Eu acho que que é isso. A minha motivação é essa. É que as pessoas vejam isso e se inspirem de alguma maneira.

*(Entrevistadora destaca que a entrevistada mencionou que o meio ambiente faz parte da vida dela e pede para que explique isso mais detalhadamente.)*

Eu moro em Santo Aleixo, né? E aqui tem uma riqueza muuuuito grande de... de vegetação de... a fauna é muito rica, a flora é muito rica. Então, assim, eu tô sempre indo a cachoeira.

Fazendo então, só esse primeiro contato, já me, poxa, já me coloca diante disso como diante desse contato mesmo com a natureza direto. Depois, como você vê o valor. Eu me envolvi na ONG nesse período todo, fiquei um ano trabalhando praticamente na Aideia sendo ativista do meio ambiente e então, assim, isso tudo fez muito parte. Hoje o meu envolvimento com meu ativismo pro meio ambiente é através da arte, através do mosaico só, mas, assim, tá aí, tá me rodeando. E eu também... é o meu local de praticar o mosaico, onde eu tenho as minhas aulas, onde eu faço os meus trabalhos é numa ecovila. Então, tudo isso me cerca, sabe?

*(Entrevistadora pergunta qual a reação dos “amigos” da entrevistadas quando ela posta sobre questões ambientais.)*

Eu, ultimamente, tenho postado até pouco. No geral, eu observo que, assim, a reação é sempre positiva, sabe? Nunca teve ninguém que eu poste alguma coisa lá e botou: “não, um absurdo! Sabe, você falar para mim... Na verdade, só uma vez que eu coloquei, que eu fiz um post sobre a questão da carne, do vegetarianismo, essas coisas assim, porque eu não carne. Então, eu fiz um postezinho falando de alguma coisa de como isso afetava o meio ambiente, como que isso era prejudicial, a indústria da carne, essas coisas. E aí, sim, eu tive uma resposta um pouco meio “arrrr, não porque eu acho que aí mexe muito com muita gente e a grande maioria come carne”. Eu acho que aí eu dei uma alfinetadinha. Eu tive mais respostas meio tipo: “ahhh, então vamo comer um churrasco, e nanana... essas coisas assim, sabe? Meio, tipo... Não, não foi exatamente o que eu esperava. Mas, no geral, sempre quando coloco alguma coisa eu boto associado àquilo, sabe, eu amo o fato de ser grato pela natureza e traduzir essa gratidão em cuidado, sabe? Com ela nunca é nada muito “arrrr”, ferrenho, é sempre tranquilo, sabe? E as pessoas normalmente são... respondem àquilo. Às vezes mandam uma mensagem, uma ou outra, para dizer que quer fazer alguma coisa juntos. Chama para recolher lixo e essas coisas, sabe? Ou então só tipo “é, é isso”, sabe? E falam: “Ahh, legal, é isso aí”.

*(Aproveitando o gancho, a entrevistadora pergunta à entrevista se observa que seus “amigos” se interessam por questões ambientais.)*

Eu não sei as outras pessoas assim, porque tem gente que, enfim, curte por curtir, ou, sei lá! Mas os meus amigos mais próximos, todo mundo é muito preocupado com isso, tantas pessoas que moram aqui em Santo Aleixo como amigos de fora. As pessoas normalmente se interessam por isso e eu acho que isso até une a gente, Sabe? A vida. A gente... enfim poder

participar disso junto... no geral, sim, os amigos estão sempre se apoiando nesse tipo de coisa, procurando levar uma vida mais sustentável possível.

*(Entrevistadora perguntou se a entrevistada observa se os seus “amigos” costumam ou não postar sobre questões ambientais no Facebook.)*

Bom, alguns não alguns realmente só interagem com aquilo que eu coloco. Às vezes sim: não, não falam nada. Mas têm outros amigos assim que são bem engajados nisso, bastante também. Têm uns que fazem o mosaico comigo na ecovila, têm outros que estão sempre envolvidos com isso, estão sempre postando sim, seja de uma maneira mais pessoal como eu “ah, eu acampeei, e é isso e tal”. Ou então aqueles que realmente estão postando coisa explícitas, sabe? Do meio ambiente. Tenho. É muito dividido isso, sabe? É muito dividido. Eu não saberia, assim, não sei. A grande maioria se importa com isso. Agora, sobre os *posts* isso, não sei. Talvez a metade.

*(Entrevistadora explica que observou que a entrevistada falou bastante da relação com “amigos” do Facebook que também moram na mesma região que ela, então, gostaria de saber como é a resposta dos “amigos” de fora sobre seus posts a respeito de questões ambientais.)*

Bom... quase que naturalmente, não é palavra certa, mas... quase que naturalmente as pessoas que têm esse interesse assim nos locais são as pessoas que eu procuro ficar mais perto, isso seja de Santo Aleixo ou não. Mas, assim, na turma de faculdade, por exemplo, não é todo mundo que tem esse interesse. As pessoas até tipo acham bacana e tudo mais, mas não, assim, se engaaajam nisso. Enfim... talvez umas cinco pessoas na minha sala realmente sejam engajadas com isso, sabe? Numa sala de, sei lá, 30....

Rola sim um envolvimento por parte de vários amigos. Tem muita gente que eu conheci nos grupos nas vivências na meditação então assim, essa galera realmente se importa, se importa muito, agora, não é todo mundo. É claro tenho amigos que são maravilhosos, pessoas incríveis, estão sempre perto, mas não têm nenhum tipo de engajamento nessa área, sabe?

**Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Bruno**

*(Entrevistadora explica que observou que o entrevistado posta bastante sobre questões ambientais e pergunta o que o motiva a fazer isso.)*

Eu faço. O que me motiva a fazer essas postagens é o local onde eu moro, por ser uma área que tem bastante verde, que tem bastante área ambiental bem preservada. Isso é para tar conscientizando alguns amigos.

*(Aproveitando o gancho, a entrevistadora pergunta como os “amigos” do entrevistado costumam reagir a esse tipo de postagem.)*

Hoje em dia a reação deles tem variado bastante. Varia muito. Alguns compartilham, outros curtem, outros comentam, outros comentam depois comigo. Varia muito depende do assunto também. Às vezes é mais visado para religião, às vezes não é. Às vezes entra mais no nosso contexto. Isso varia muito.

*(Entrevistadora reformula a pergunta e passa a ser mais direta, perguntando se na avaliação do entrevistado os “amigos” dele no Facebook se interessam muito ou pouco pela questão ambiental.)*

Não. É... Poucos se interessam. Acaba que poucos se interessam pelo assunto por recorrente do dia a dia deles, ou por não se interessarem de fato.

*(Entrevistadora pergunta ao entrevistado se ele acredita que as postagens no Facebook ajudam a mudar alguma coisa para esses “amigos” de forma que se interessem mais pelo meio ambiente.)*

É... Não sei dizer ao certo, mas creio que sim. Só o fato da pessoa ver alguma coisa desse na sua timeline já chama o seu foco para esse assunto, puxando um pouco da sua atenção, mesmo que seja por instantes.

*(Entrevistadora pergunta se o entrevistado tem algum amigo que se interesse pelas questões ambientais, assim como ele.)*

Infelizmente, no momento não tenho visto nenhum amigo interagindo bem diante do assunto, interagindo assim, no mesmo nível.

**Transcrição do trecho selecionado na entrevista com Amanda**

*(Entrevistadora fala sobre o curso na área ambiental que a entrevistada contou fazer na entrevista anterior. Em seguida, relata que viu a entrevistada sempre faz alguns posts com essa temática ambiental e então pergunta o que principalmente a motiva fazer isso.)*

Eu ainda não estou fazendo faculdade não. Eu fiz o Enem agora, e aí, eu tô esperando o resultado, né? Eu quero fazer ou cinema ou ciência ambiental na gestão da ciência ambiental, os dois na UFF, e eu me formei como técnica em meio ambiente. Isso é o que me motiva a postar as coisas no Facebook. Foi o que a gente conversou mesmo. Eu acho que essas pequenas coisas podem fazer as pessoas se questionar um pouco porque elas agem de uma forma x ou y e tal. Esse tipo de coisa. E é mais uma forma de movimentar, sabe? Uma ideia de passar, uma ideia de expor curso, essas coisas, assim, que eu acho que as pessoas às vezes ficam desligados, e muita gente quer saber onde conseguir o curso, onde tem informação sobre essas coisas. E, aí, compartilhando, as pessoas têm esse acesso geral, assim. É mais ou menos por isso.

*(Entrevistadora conta que também viu no Facebook da entrevistada que ela posta algumas coisas sobre veganismo proteção dos animais e pergunta qual é a motivação para isso.)*

É, antes de tudo eu não como carne, né? Eu não como carne vermelha e nem carne branca. Eu como peixe, mas eu pretendo parar de comer peixe e ovo, mas eu também não como nada derivado de leite. Então eu meio que sou contra esse tipo de alimentação não contra só no viés de defesa animal, mas também porque eu acho que não faz bem para o nosso corpo esses alimentos. Eu acho que não faz sentido a gente comer um bicho que morreu, que é um cadáver. Nem morrer {ato falho logo corrigido na fala} nem comer leite, que não é feito para gente. Eu acho que não faz muito sentido, mas eu entendo. Mesmo assim, eu posto justamente para mostrar que não é necessário, entendeu? Para mostrar para as pessoas que não é necessário mesmo. Para instigar, para falar: “por que que você faz isso?” Então, na real, o teu corpo não precisa disso, entendeu? Acho que pelo mesmo motivo do meio ambiente. É para eu conseguir tocar no ponto da pessoa que me segue no Facebook, que é o meu amigo no Facebook, né? Seria o nome? Então, meu objetivo postando essas coisas é fazer outra pessoa se questionar se é necessário realmente seguir esse padrão de vida que, na verdade, é

um padrão de senso comum, né? É um padrão que não foi pensado. É um padrão que foi... que foi implementado, quase empurrado para dentro goela abaixo, entendeu? Literalmente...

*(Entrevistadora pergunta para a entrevistada como os “amigos” dela respondem às postagens sobre veganismo, cursos na área ambiental e tudo mais sobre a temática ambiental.)*

É uma parte que se interessa geralmente. A parte que se formou comigo ou do colégio mesmo. É uma parte caga muito, não se liga mesmo ou até não vê, né? Porque o Facebook, com essa coisa do algoritmo, sei lá... e, aí, a pessoa não vê. Não vê ou não liga o mesmo. Ou gosta. Curte às vezes, me manda mensagem. Raramente comenta, mas às vezes rola comentário. E é isso. O pessoal que se interessa, mostra interesse de alguma forma e quem não se interessa não fala nada. Basicamente isso.

*(Entrevistadora pede para, se possível, a entrevistada fazer uma média e dizer se considera que há mais ou menos interesse pelo tema.)*

50% de cada {resposta com mensagem de texto}

*(Entrevistadora pergunta se, desses aproximadamente 50% mais interessados, se eles também costumam fazer posts sobre questões ambientais.)*

Cara, muito raramente entendeu? Desses 50%, acredito que, sei lá, uns 10% façam. Quase ninguém faz não. No máximo o que acontece é divulgação no WhatsApp, essas coisas assim, quando eles encontram alguma coisa. Mas, postar, não. Nunca postam não.

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se imagina o motivo por seus “amigos” não postarem muito sobre questões ambientais.)*

O motivo é que as pessoas não ligam, pô! Provavelmente isso, entendeu? O Facebook é uma coisa também de interesse de curtida essas coisas assim né? As pessoas vão postar o que as pessoas querem ver. Entender? Se as pessoas não querem ver, eles não postam. Algumas pessoas postam mesmo assim, e eu posto mesmo assim, mas não tem visibilidade. Aí, para que vai postar se ninguém vai ver, entendeu? Se ninguém vai ver, por que vai postar? Sacou?

*(Entrevistadora pergunta à entrevistada se mesmo o tema não tendo muita “visibilidade” – segundo a fala da entrevistada – por qual motivo ela mesmo assim continua postando.)*

Foi o que a gente conversou no vídeo. É a mesma coisa que você perguntou. As pessoas não se interessam. Mas tem uma parte das pessoas que se interessam. E, aí, a gente posta para que as pessoas vejam, entendeu? E também para que as pessoas que não se interessem tenham algum tipo de curiosidade e acabem vendo e levando isso, sei lá, pra vida ou, naquele momento, entendeu? É isso, sabe? Eu penso da mesma forma.

# ANEXO I – PARECER EMITIDO PELO COMITÊ DE ÉTICA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Sustentabilidade e meio ambiente no Facebook: um estudo de caso de comunidades jovens em rede do Grande Rio

**Pesquisador:** Nathália Ronfini de Almeida Lima

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 69995817.0.0000.5582

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia (UFRJ)

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.171.483

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de mestrado já qualificado, e buscará investigar o que jovens dizem sobre meio ambiente e a sustentabilidade na rede social facebook. Buscará, ainda, entender se os jovens compreendem a si mesmos como atores provocadores de mudanças sociais quanto ao tema do meio ambiente ou se o tema lhes desinteressa.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Investigar os "discursos que as comunidades jovens em rede de moradores do Grande Rio de Janeiro, na faixa entre os 18 e 24 anos, produzem sobre o meio ambiente e a sustentabilidade, por meio do que expressam no Facebook. Dentro desses discursos, também pretendemos identificar suas representações sociais sobre meio ambiente e sustentabilidade, além dos argumentos usados para justificá-las."

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A autora menciona como riscos eventuais desconfortos causados pelas respostas à entrevista e, para tanto, assegura sigilo e anonimidade dos e sobre os sujeitos. Como benefício, a autora espera a "construção de um panorama que contribua para a criação de políticas públicas que promovam a interação dos jovens do Grande Rio com as questões socioambientais".

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.171.483

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta todos os cuidados normalmente recomendados pelo sistema CEP/CONEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão adequados.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto está aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_944783.pdf	19/06/2017 13:02:08		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Nathalia_Ronfini.pdf	16/06/2017 16:56:33	Nathália Ronfini de Almeida Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Nathalia_Ronfini_Eicos_Mar2017.pdf	16/06/2017 16:56:18	Nathália Ronfini de Almeida Lima	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Nathalia_Ronfini.pdf	16/06/2017 16:56:05	Nathália Ronfini de Almeida Lima	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 13 de Julho de 2017

---

**Assinado por:**  
**Fátima da Silva Grave Ortiz**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA

**CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167

**E-mail:** cep.cfch@gmail.com